

# Será que os profetas previram a vinda de Jesus?

"Vale mais repelir dez verdades do que admitir uma só mentira, uma só teoria falsa." (Erasto)

## Introdução

Faremos uma análise de várias passagens bíblicas tidas como profecias a respeito de Jesus, o Messias, considerado o enviado de Deus com a missão de libertar os judeus do domínio estrangeiro, povo esse que teria supremacia em relação aos demais.

Primeiramente, cumpre-nos ressaltar que, por mais paradoxal que seja, cada uma das correntes religiosas tira da Bíblia aquilo que melhor lhe convém, principalmente, o que parece justificar seus dogmas, esquecendo-se de que se, de fato, sua origem for uma só, ou seja, de Deus, não poderia haver divergências de interpretações.

Veja, caro leitor, a questão das profecias a respeito de Jesus que se encontram mencionadas no Novo Testamento, cujo número, segundo o que pudemos levantar, chega a trinta. Entretanto, navegando pela Internet, visitamos um Site católico<sup>1</sup> que nos apresenta uma lista de sessenta, enquanto que um protestante<sup>2</sup> nos mostra apenas quinze. Se num ponto tão importante como esse os que se consideram os cristãos verdadeiros não se entendem, imagine quanto ao resto. E não custa lembrar que, até nos livros que compõem a Bíblia, essas correntes religiosas divergem, já que a dos católicos possui setenta e três livros, enquanto que a dos protestantes contém sessenta e seis. Se afirmam que sua origem é de total inspiração divina, como pode esta mensagem, provinda de uma mesma fonte, causar tantos desentendimentos e divergências entre as pessoas, quando, na verdade, deveria ser justamente o contrário, ou seja, deveria uni-las?

Uma coisa, que nos chama a atenção, é o fato de que o povo da época, a quem todas estas profecias teriam sido dirigidas, não aceitou Jesus como sendo o Messias; daí estranharmos por conta de que as correntes religiosas ditas cristãs o têm nesse conceito. Ao que tudo indica, houve, nos evangelhos, uma preocupação, por parte de seus seguidores, de colocar Jesus como sendo o Messias esperado. Isso ocorre de forma mais evidente em Mateus. Por esse motivo, apoiar-se nos Evangelhos para sustentar essa hipótese não é uma boa alternativa.

Não sabemos como encontraram tantas profecias; inclusive, diga-se de passagem, que muitas não são propriamente o que se pode chamar de profecia, já que são passagens relacionadas a fatos corriqueiros do dia a dia das respectivas épocas, não sendo, portanto, uma previsão para um acontecimento futuro. Acreditamos que, no desenrolar desse estudo, iremos ressaltar algumas delas, a fim de que, você, leitor, possa ter elementos suficientes para tirar suas próprias conclusões.

Por outro lado, nós temos alguns questionamentos. Se considerarmos o termo profecia como a previsão de algo que acontecerá no futuro, nós só vemos sentido se esse algo tiver relação com a pessoa (ou pessoas) a qual ela se dirige. Se, por exemplo, há uma profecia a respeito da morte de Antíoco IV Epifanes, ela teria que acontecer com aquelas pessoas ainda vivas para que pudessem ver que a profecia se cumpriu. Especialmente as profecias que tinham por objetivo a mudança de comportamento dos judeus, elas tinham que serem vistas acontecendo para eles, não para 100, 200, 500 ou mais anos depois.

Então, julgamos que uma profecia feita para um povo deve interessar a esse mesmo povo que vive, não a um outro futuro; é isso que devia valer. Se houver alguma profecia para um futuro longínquo, e pode mesmo ter havido uma ou outra, somente terá sentido se as pessoas as quais tomam conhecimento dela estariam vivendo naquela época, ou seja, estariam reencarnados.

<sup>1</sup> <http://www.catolicoromano2.hpg.ig.com.br/index.html>

<sup>2</sup> [www.ichtus.com.br/publix/ichtus/estudos/profjesus.html#12](http://www.ichtus.com.br/publix/ichtus/estudos/profjesus.html#12)

O curioso é que, com o tempo, acabamos encontrando respaldo para esses nossos questionamentos:

É bem sabido, o principal método adotado pelos porta-vozes da igreja primitiva para provar a sua mensagem sobre a messianidade de Jesus foi mostrar que a sua história estava prefigurada na Bíblia, sendo, conseqüentemente, predeterminada por Deus. Os mestres do Mar Morto usaram a mesma técnica, conhecida como interpretação *peshet*. Nas pessoas e acontecimentos da comunidade de Qumrã, as antigas predições eram realizadas. Retrospectivamente, uma exegese de cumprimento semelhante foi inserida pelos evangelistas na narrativa do Evangelho em relação ao sofrimento de Jesus, à sua morte e ressurreição.

Além dos próprios anúncios de Jesus quanto ao seu fim, Marcos e Mateus o fizeram aludir a profecias que prediziam a sua prisão: "Porque, na verdade, com o Filho do Homem vai acontecer *conforme está escrito sobre ele*, mas ai daquele por quem o Filho do Homem for entregue" (Mc 14,21; Mt 26,24). Eles puseram palavras na boca de Jesus: "*Mas é para que as Escrituras se cumpram*" (Mc 14,49); ou "E como se cumpriram então as Escrituras, segundo as quais isso deve acontecer?" (Mt 26,54). Em outra passagem, o Jesus de Marcos pergunta de maneira ambígua: "Mas como *está escrito* sobre o Filho do Homem que deverá sofrer muito e ser desprezado?" (Mc 9,12). O Jesus de Lucas, por sua vez, observa: "*Cumprir-se-á tudo o que foi escrito pelos Profetas a respeito do Filho do Homem*" (Lc 18,31), e o seu Jesus ressuscitado também declara: "*Assim está escrito* que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia" (Lc 24,46). É muito notável, contudo, que nenhuma dessas alusões na verdade cite passagens bíblicas em que a morte e a ressurreição de Jesus estariam previstas. Tampouco Paulo reproduz qualquer citação dos Livros Sagrados para apoiar a afirmação de que "Cristo morreu por nossos pecados, *segundo as Escrituras*" (1Cor 15,3). Isto apenas demonstra que a aceitabilidade do ensinamento relativo à morte e à ressurreição de Jesus aumenta se for presumido que esses acontecimentos tenham sido vaticinados não só por ele, mas também pelos Profetas muito antes dele.

Em consequência, predições adequadas de Jesus foram incorporadas à narrativa do Evangelho. A interpolação foi depois acompanhada por ajustes para fazer o comportamento dos apóstolos parecer menos desconcertante. Os evangelistas buscaram justificá-los observando que não podiam compreender Jesus, e que o significado das palavras dele era-lhes oculto (Lc 18,34). Os textos fazem os apóstolos fingirem que não tinham nenhuma ideia sobre o que significava ressuscitar dos mortos (Mc 9,10), apesar de o conceito de ressurreição ser de uso corrente entre os judeus do primeiro século d.C. O fato de os discípulos não pedirem uma explicação é atribuído a estarem muito tristes (Mt 17,23) ou com medo (Mc 9,32; Lc 9,45). Espantosamente, chega-se a sugerir que tivessem simplesmente esquecido as predições! Somos informados de que os mensageiros angélicos que encontraram as mulheres no sepulcro vazio tiveram de evocar as profecias de Jesus e, subitamente, "elas se lembraram de suas palavras" (Lc 24,6-8). Para dar uma aparência de coerência à sua versão da história, os evangelistas cobraram um alto preço dos apóstolos: eles são retratados como pessoas obtusas e sem força moral.

À luz dos indícios citados e examinados, o veredicto mais provável é que os apóstolos nada soubessem por antecendência sobre as etapas finais da carreira de Jesus. Na verdade, "*Eloi, Eloi, lamá sabachtháni?*" ("Deus meu, Deus meu, por que me abandonastes?"), entendido no seu sentido mais óbvio (ver capítulo 5, nº 19, e capítulo 6, nº 4), sugere que, até o momento da crucificação, o próprio Jesus não esperava qualquer interrupção de sua missão, e ansiava por participar ele mesmo da cerimônia de inauguração do Reino de Deus.

Outros indícios indiretos reforçam a opinião de que Jesus esperava completar a tarefa a que estava predestinado. Vale a pena notar que, nas parábolas da semente germinando secretamente (Mc 4,26-29; ver capítulo 4, nº 2) e do joio (Mt 13,24-30; ver capítulo 4, nº 17), o semeador também é o ceifador, e nenhum hiato é antevisto entre os dois eventos. E mais significativamente, com uma exceção, nenhuma das parábolas, a mais típica forma literária utilizada por Jesus, tem nada a dizer sobre a cruz. A exceção é a alegoria dos vinhateiros homicidas que matam o filho amado do proprietário (Mc 12,1-9; Mt 21,33-41; Lc

20,9-16; ver capítulo 4, nº 4). E nenhuma delas faz alusão à ressurreição. (VERMES, 2006, p. 437-438). (grifo nosso).

[...] Muitas pessoas hoje, principalmente os cristãos conservadores, leem os profetas como se eles fossem videntes prevendo em bolas de cristal acontecimentos ainda por vir em nossa própria época, mais de 2 mil anos distante da época em que os profetas estavam falando. Essa é uma abordagem absolutamente egocêntrica da Bíblia (tudo diz respeito a mim!). [...]

[...] Eles não estavam falando sobre o que iria acontecer a longo prazo, milhares de anos depois de sua época. Estavam falando para as pessoas que viviam em sua própria época e dizendo a elas o que Deus esperava delas e o que faria caso não obedecessem.

Como regra, os profetas acreditavam que haveria terríveis consequências para aqueles que não seguissem suas instruções, dadas por Deus. Para eles, Deus era soberano sobre seu povo e estava decidido e determinado a garantir que se comportasse adequadamente. Se não fosse assim, ele iria puni-lo – assim como tinha punido antes. Ele podia provocar secas, fome, dificuldades econômicas, revezes políticos e derrotas militares. Acima de tudo, derrotas militares. O Deus que tinha destruído os exércitos egípcios quando resgatara seu povo da escravidão iria destruí-lo caso não se comportasse como seu povo. Portanto, para os profetas, os revezes que as pessoas experimentavam, muitas das dificuldades que enfrentavam, muito de seu sofrimento, eram impostos diretamente por Deus, como uma punição por seus pecados e um esforço para levá-las a mudar. [...] (EHRMAN, 2008, p. 36-37). (grifo nosso).

É importante lembrar, porém, que eles [Isaías e Jeremias], e todos os profetas, estavam falando ao povo de sua própria época, orientando-o na palavra do Senhor, estimulando-o a retornar a Deus e recitando o destino terrível que esperava pelo povo se não fizesse isso. [...] (EHRMAN, 2008, p. 49). (grifo nosso).

Devo insistir em que os próprios profetas nunca afirmam isso como um princípio universal, como uma forma de explicar *todos* os casos de sofrimento. Ou seja, os profetas estavam falando *apenas* a seus contemporâneos sobre seu sofrimento específico. [...] (EHRMAN, 2008, p. 53). (grifo nosso).

Os escritores Geza Vermes e Bart D. Ehrman são respeitáveis estudiosos da Bíblia da atualidade, certamente, encabeçam a lista dos que se dedicam a este mister, cujas opiniões vêm reforçar aquilo que já intuitivamente suspeitávamos.

## Profecias mencionadas no Novo Testamento

Analisaremos, nesse tópico, apenas aquelas que, por coerência, deveriam ser consideradas como profecias, já que são citadas nos textos do Novo Testamento. As que foram acrescentadas pelo fanatismo cego, deixaremos em separado, no próximo tópico, visando separar “o joio do trigo”.

Tomaremos essas mencionadas no NT como base para nosso estudo que, conforme já falamos, são em número de trinta, ou seja, o dobro das que os protestantes consideram e apenas a metade das citadas pelos católicos. Para a identificação das profecias usamos a Bíblia Sagrada Ave Maria e para a transcrição dos textos a Bíblia Sagrada Pastoral.

Mt 1,1-18: *“Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. Abraão foi o pai de Isaac; Isaac foi o pai de Jacó; Jacó foi o pai de Judá e de seus irmãos. Judá, com Tamar, foi o pai de Farés e Zara; Farés foi o pai de Esrom; Esrom foi o pai de Aram. Aram foi o pai de Aminadab; Aminadab foi o pai de Naasson; Naasson foi o pai de Salmon. Salmon, com Raab, foi o pai de Booz; Booz, com Rute, foi o pai de Jobed; Jobed foi o pai de Jessé; Jessé foi o pai de Davi. Davi, com aquela que foi mulher de Urias, foi o pai de Salomão. Salomão foi o pai de Roboão; Roboão foi o pai de Abias; Abias foi o pai de Asa. Asa foi o pai de Josafá; Josafá foi o pai de Jorão; Jorão foi o pai de Ozias. Ozias foi o pai de Joatão; Joatão foi o pai de Acaz; Acaz foi o pai de Ezequias. Ezequias foi o pai de Manassés; Manassés foi o pai de Amon; Amon foi o pai de Josias. Josias foi o pai de Jeconias e de seus irmãos, no tempo do exílio na Babilônia. Depois do exílio na Babilônia, Jeconias foi o pai de Salatiel; Salatiel foi o pai de Zorobabel. Zorobabel foi o pai de Abiud; Abiud foi o pai de Eliaquim; Eliaquim foi o*

*pai de Azor. Azor foi o pai de Sadoc; Sadoc foi o pai de Aquim; Aquim foi o pai de Eliud. Eliud foi o pai de Eleazar; Eleazar foi o pai de Matã; Matã foi o pai de Jacó. Jacó foi o pai de José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado o Messias. Assim, as gerações desde Abraão até Davi são catorze; de Davi até o exílio na Babilônia, catorze gerações; e do exílio na Babilônia até o Messias, catorze gerações".*

Profecia: Jr 23,5: "*Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra".*

Era crença comum à época que o Messias viria da casa de Davi, provavelmente, tomavam desse passo de Jeremias, portanto, essa profecia não é literalmente citada, apenas o texto bíblico nos induz à conclusão que seja ela.

Na genealogia que se vê em Lucas encontramos divergências em relação à de Mateus. Aliás, dizem que ela é baseada em Maria, entretanto, isso é estranha, porquanto "Qualquer genealogia banal naquela época se baseava apenas na linhagem masculina, que tinha uma importância fundamental. [...]" (TABOR, 2006, p. 64).

Por outro lado, considerando que atribuem a Jesus um nascimento sobrenatural, gerado não por José, mas por uma entidade espiritual a qual chamam de "Espírito Santo", torna essa genealogia sem qualquer propósito, visto que, por ela, não se poderia dizer que Jesus é descendente de Davi, uma vez que não haveria nenhum laço de sangue com ele.

Encontramos, em Lentsman, a seguinte explicação para esse passo de Mateus:

Os cálculos genealógicos de Mateus visam a um objetivo bem determinado, o de demonstrar, de acordo com o messianismo judaico ortodoxo, que Jesus era um descendente direto do rei David. A divisão da história dos hebreus em três períodos iguais: até o rei David, até a destruição do primeiro templo de Jeová, até Cristo deveria servir de prova suplementar do papel messiânico de Jesus. As quatorze gerações compreendidas em cada período não se encontram aí por acaso, pois quatorze é o dobro de sete, e 7 era um número sagrado entre os antigos hebreus.

A inconsistência total dessa genealogia é evidente. Mesmo omitindo-se o fato de que ela contradiz aquela, não menos gratuita, dada por Lucas, ela não se mantém de pé, do ponto de vista da lógica mais elementar. Não se poderia dizer, por outro lado, que ela atesta a descendência de Jesus em linha reta de David, uma vez que é José, esposo de Maria, que tinha por ancestral o Rei David, enquanto que, segundo Mateus, Jesus nasceu não de José, mas graças à intervenção do Espírito Santo. O autor deste evangelho não foi capaz, simplesmente, de fazer remontar a genealogia do Cristo por linha masculina até David e, ao mesmo tempo, atribuir-lhe uma origem divina, "imaculada". O primeiro capítulo de Mateus representa, portanto, uma tentativa de conciliar duas versões inconciliáveis da origem de Cristo: a do *Antigo Testamento*, segundo à qual seria ele um descendente do Rei David, e a versão pagã, que afirmava a natureza divina do deus morto e ressuscitado. (LENTSMAN, 1962, p. 174-175) (grifo nosso)

Concordamos plenamente com Lentsman sobre o objetivo de Mateus, uma vez que ele, entre os outros evangelistas, é quem mais se preocupou em relacionar Jesus a alguma profecia, chegando ao ponto de até citar profecias inexistentes, como veremos mais adiante.

Na sequência dessa sua fala, iremos ver que Lentsman adiantará várias coisas que serão abordadas no momento próprio:

O segundo capítulo do *Evangelho Segundo Mateus* dá-nos as informações seguintes: Jesus nasceu em Belém, no tempo do Rei Herodes; seu nascimento foi anunciado pelo aparecimento de uma estrela, e magos do Oriente vieram adorá-la; tendo sabido disto, o Rei Herodes ordenou a matança de todas as crianças de menos de dois anos, em Belém; José, avisado por um anjo, fugiu secretamente com sua família para o Egito, onde ficou até a morte de Herodes, depois retornou a Israel e se fixou em Nazaré.

Todos esses pormenores, ausentes em Marcos, são contraditórios, e em nada concordam com os fatos históricos conhecidos. O Rei Herodes

morreu quatro anos antes da nossa era. Mateus afirma que Jesus nasceu em Belém, baseando-se na profecia de Miquéias, no *Antigo Testamento*, segundo a qual o Messias deveria nascer justamente lá. (*Miquéias*, V, 2). O estabelecimento de José em Nazaré corresponde igualmente a outra profecia do *Velho Testamento*. (*Juízes*, XIII, 5). A mesma coisa se dá quanto à fuga para o Egito: no *Livro de Oséas* (XI, 1) está dito que Deus chamou seu Filho do Egito. O episódio da fuga para o Egito foi introduzido no evangelho unicamente para adaptar a vida de Jesus às predições de Oséas. No *Evangelho Segundo Lucas* não se fala de magos, mas de pastores (II, 8), aos quais um anjo anunciou o nascimento do Messias; e está dito aí que eles o encontraram numa manjedoura, pormenor ausente no *Evangelho Segundo Mateus*.

Vemos, pois, que as informações sobre a vida terrestre Jesus foram inventadas pelos autores os sinóticos, com o objetivo de confirmar as profecias do *Antigo Testamento*. É característico que cada um desses "acontecimentos" é seguido da frase: "Tudo isso acontece a fim de que se cumpra o que o Senhor tinha anunciado pelo profeta". Este "a fim de", que é omitido na tradução sinodal russa, mostra claramente que a biografia de Jesus nos evangelhos foi construída a golpes de profecias a fim de evitar possíveis objeções da parte dos adeptos do judaísmo.

As contínuas referências dos evangelistas aos profetas do *Velho Testamento* atestam que eles eram bastante versados nesse domínio. Isto não os impede, coisa significativa, de modificar tal ou qual passagem do *Antigo Testamento*, para apoiar o que eles avançam, como no caso da referência de Mateus, a Isaías. Dá-se o mesmo com as palavras de Oséas, reproduzidas acima. Em *Oséas*, trata-se do êxodo dos hebreus do Egito, pelo menos segundo o contexto. Isto posto, as palavras "meu Filho" subentendiam não o futuro Messias, mas o povo de Israel, era uma alusão do passado, e não uma profecia. Mas, o autor do evangelho tinha necessidade de conciliar as predições sobre Belém e Nazaré; a estada de Jesus no Egito devia, além disso, se associar, no pensamento dos hebreus, à atividade do seu lendário legislador para, desse modo, acentuar o papel messiânico de Jesus.

O modo pelo qual os autores dos evangelhos falam de Nazaré não é menos característico. Seu nome não figura no *Antigo Testamento*. Os autores judeus do século I também nada dizem sobre ela, se bem que eles se façam notar (particularmente Flávio Josefo) pela amplitude de suas informações sobre o pequeno país que era a Judeia. Ouve-se falar de Nazaré, pela primeira vez, nas fontes que datam do século III. Ora, nos evangelhos, Nazaré é chamada de "cidade". (*Mateus*, II, 33; *Lucas*, I, 26; II, 39, etc.) Não parece, portanto, que Nazaré tenha sido uma cidadezinha perdida que pudesse ser ignorada por todos os historiadores da Judeia.

Porém, por que se encontra esse nome tantas vezes nos evangelhos? Para explicar isso, convém lembrar que no *Livro dos Juízes*, no *Antigo Testamento*, fala-se, por duas vezes, que Sansão será o "nazareno de Deus". A raiz dessa palavra em hebraico, *nazir*, significa um justo cuidadoso na observância estrita de certos ritos. Os autores dos evangelhos não conheciam a Judeia senão pelos textos do *Antigo Testamento* e achando visivelmente, que "nazareno" significava originário de Nazaré, deram esse nome ao lugar do nascimento do Cristo, sem sequer suspeitar que semelhante localidade ou vila não existia na Judeia. (LENTSMAN, 1963, p. 175-177). (grifo nosso).

Se não tudo, pelo menos quase tudo, será confirmado nas análises que iremos fazer no desenvolvimento desse nosso estudo.

Elaine Pagels afirma: "[...] Hoje, porém, muitos estudiosos sugerem que a correspondência entre profecia e evento que Mateus descreve mostra que ele às vezes adaptou sua narrativa de modo a adequá-la às profecias". [...] (PAGELS, 2004, p. 114). (grifo nosso).

Karen Armstrong confirma isso:

Mas no momento em que Mateus escrevia, no fim dos anos 80, essas esperanças começavam a se desvanecer. Nada mudara: como poderia o reino ter chegado? Mateus respondeu que ele chegava de maneira discreta e trabalhava silenciosa- mente no mundo como o fermento numa massa de pão.

(75) Sua comunidade achava-se temerosa e irritada. Eram acusados por seus companheiros judeus de abandonar a Torá e os profetas(76) haviam sido açoitados nas sinagogas, arrastados perante tribunais de anciãos(77) e acreditavam que seriam torturados e mortos antes do Fim.(78) Mateus estava, portanto, especialmente ansioso por mostrar que o cristianismo não apenas estava em harmonia com a tradição judaica, mas era sua culminação. Quase cada evento na vida de Jesus acontecera "para cumprir as Escrituras". Como os de Ismael, Sansão e Isaac, seu nascimento foi anunciado por um anjo.(79) Os 40 dias de tentação no deserto equiparavam-se aos 40 anos dos israelitas no deserto; Isaías previra seus milagres.(80) E - o que era o mais importante - Jesus foi um grande mestre da Torá. Ele proclamou a nova lei da era messiânica do alto de uma montanha(81) - como Moisés - e insistiu que viera não para abolir, mas para completar a Lei e os Profetas.(82) Os judeus deviam agora observar a Torá mais rigorosamente que nunca. Não bastava mais, para os judeus, abster-se de matar; não deviam sequer encolerizar. Não somente o adultério era proibido; um homem não podia sequer olhar uma mulher com lascívia.(83) A velha lei da retaliação - olho por olho, dente por dente - fora suplantada: agora os judeus deviam oferecer a outra face e amar seus inimigos.(84) Como Oseias, Jesus afirmou que a compaixão era mais importante que o ritual e a observância.(85) Como Hillel, pregou a Regra de Ouro(86) Jesus foi maior que Salomão, Jonas e o templo. (87) Os fariseus da época de Mateus afirmavam que o estudo da Torá introduziria os judeus à presença divina (Shekhinah) que outrora eles haviam encontrado no templo: "Se dois sentarem-se juntos e as palavras da Torá estiverem entre eles, a *Shekhinah* descansará entre eles". (88) Mas Jesus prometeu: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estarei com eles". (89) Os cristãos encontrariam a Shekhinah por intermédio de Jesus, que havia agora substituído o templo e a Torá.

(75) Mateus 13:31-50.

(76) Mateus 5:17.

(77) Mateus 5:11; 10:17-23.

(78) Mateus 24:9-12.

(79) Gênesis 16:11; Juizes 13:3-5; Gênesis 17:15-21.

(80) Mateus 8:17; Isaías 53,4.

(81) Mateus 5:1.

(82) Mateus 5:19.

(83) Mateus 5:21-39.

(84) Mateus 5:38-48.

(85) Mateus 9:13; Oseias 6:6 cf. Aboth de Rabba Natham 1.4.11a.

(86) Mateus 7:12 cf. B. Shabbat 31a.

(87) Mateus 12:16, 41, 42.

(88) M. Pirke Avoth 3:3, in C.C. Montefiore e H. Lowe (orgs), *A Rebbinic Anthology*, Nova York, 1974, p. 23.

(89) Mateus 18:20; Galambush, *Reluctant Parting*, p. 67-68.

(ARMSTRONG, 2007, p. 73-74) (grifo nosso).

Ainda restará alguma dúvida? Acreditamos que não, pois essas fontes confirmam umas às outras.

Mt 1,22-23: *"Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor havia dito pelo profeta: 'Vejam: a virgem conceberá, e dará à luz um filho. Ele será chamado Emanuel, que quer dizer: Deus está conosco'".*

Profecia: Is 7,14: *"Pois saibam que Javé lhes dará um sinal: A jovem concebeu e dará à luz um filho, e o chamará pelo nome de Emanuel".*

Na análise dessa passagem, iremos perceber que ela não diz respeito a Jesus. Mas, antes, para uma melhor compreensão e para que não pare dúvida alguma, temos que realçar o início desse versículo, já que ele é quase sempre subtraído quando justificam suas interpretações: *"Pois saibam que Javé lhes dará um sinal"*. Ora, devemos concluir disso que Deus daria um sinal a alguém; mas, quem e por quê? Para saber as respostas, vamos recorrer às informações constantes da Bíblia, em nota de rodapé, sobre esse episódio. Diz lá:

O reino do Norte (Efraim), cujo rei era Faceia, se aliou a Rason, rei de Aram, numa tentativa de se libertar do perigo assírio. Como o reino do Sul (Judá) não

participou da coalizão entre o reino do Norte e Aram, estes dois temeram que Judá se tornasse aliado da Assíria; resolveram então atacar o reino do Sul, para destronar o rei Acáz e colocar no seu lugar o filho de Tabeel, rei de Tiro. Acáz teme o cerco e verifica a reserva de água da cidade. Isaías vai ao seu encontro e o tranquiliza, mostrando que não haverá perigo, pois continua válida a promessa de que a dinastia de Davi será perene, desde que se coloque total confiança em Javé. **O sinal prometido a Acáz é o seu próprio filho, do qual a rainha (a jovem) está grávida.** Esse menino que está para nascer é o sinal de que Deus permanece no meio do seu povo (Emanuel = Deus conosco). Bíblia Sagrada Pastoral, p. 955). (grifo nosso).

Assim, pelo contexto bíblico e confirmado por essa nota, podemos observar que Deus promete um sinal ao rei Acáz e esse sinal é justamente o filho do rei que está por nascer. Fora disso é distorcer a interpretação do texto. Além disso o fato é próximo e não uma previsão para um acontecimento num futuro longínquo, já que querem atribuir essa profecia a Jesus. E mais, o nome Jesus significa “Deus é salvação”; obviamente, diferente de Emanuel que quer dizer “Deus está conosco”, que é o nome previsto na profecia, fato que o fanatismo cego não deixa muitos perceberem.

E continuando. Na explicação do verbete Emanuel, lemos:

**É o nome dado por Isaías a uma futura criança cujo nascimento será, para o rei Acáz, o “sinal” da assistência divina (Is 7,14-17).** A interpretação deste oráculo deve estar ligada ao significado do nome e ao alcance que terá na conjuntura daquele momento. O reino de Judá é ameaçado pelos sírios e efraimitas aliados, que querem acertar contas com a dinastia reinante, a mesma dinastia que se beneficia das promessas feitas a Davi. Em vez de recorrer a essas promessas, Acáz apela para a Assíria. Isaías condena este modo de agir e proclama: Deus está presente; ele está “conosco”.

**Qual será a criança cujo nascimento será portador de uma mensagem como esta?** Como é ao rei, contemporâneo de Isaías, que o sinal será dado, o nascimento anunciado deve ocorrer proximamente. Será Ezequias – afirma-se muitas vezes, e com boas razões. Mas esta criança é descrita numa linguagem poético-mítica, concretamente irrealizável. O oráculo abre portanto uma perspectiva que vai além do rei em questão. Graças a este oráculo, os crentes, insatisfeitos com os reis históricos, esperarão por uma personagem que finalmente satisfará a esperança deles. Mateus e os cristãos posteriores a ele reconhecem em Jesus aquele que realiza plenamente o anúncio de Isaías (Mt 1,23). (Dicionário Bíblico Universal, p. 226) (grifo nosso).

Vê-se, portanto, que essa profecia realmente não se refere a Jesus, conforme ficou bem claro na explicação. Como não ficaram satisfeitos com Ezequias, a quem se referia esta profecia, foram postergando para uma outra época até que, finalmente, a encaixaram na pessoa de Jesus.

Querem passar por cima do contexto histórico, atropelando os acontecimentos da época, para trazer para os dias de hoje aquilo que eles desejam que os outros acreditem piamente.

Mas, é muito interessante ver como os segmentos religiosos tradicionais se divergem a respeito da interpretação das passagens bíblicas. Veja, por exemplo, o que dizem os protestantes a respeito dessa profecia de Isaías:

O sinal divino para Acáz seria de que uma virgem (quando a profecia foi dada, referia-se provavelmente à mulher, na ocasião virgem, que Isaías tomaria como segunda esposa, 8:1-4) conceberia um filho, que não teria mais que 12 ou 14 anos antes de Israel e Síria serem capturadas pela Assíria. (Bíblia Anotada, p. 859).

Aqui dizem que o filho é de Isaías, não do rei Acáz como é o que se pode retirar da passagem. Por fim, agem como os outros que sempre procuram, mesmo sob pena de serem incoerentes, relacionar determinadas passagens como uma profecia a respeito de Jesus, segundo podemos confirmar na sequência dessa nota:

A virgem da profecia de Isaías é um tipo de Virgem Maria, que, pelo Espírito Santo, concebeu milagrosamente a Jesus Cristo (veja Mt 1:23). A palavra hebraica aqui traduzida por virgem é encontrada também em Gn 24,43; Ex 2:8; Sl 68:25; Pv 30:19; Ct 1:3; 6:8, e em todas estas passagens significa uma jovem solteira e casta. (Bíblia Anotada, p. 859) (grifo nosso).

Só que aqui, nos deparamos com um problema. É a questão do significado da palavra hebraica *almah*, para a qual encontramos esta outra explicação: “O termo hebraico “*almah*” designa, quer a donzela, quer uma jovem casada recentemente, sem explicitar mais” (Bíblia de Jerusalém, p. 1265). Assim, se evidencia que é muito difícil estudar a Bíblia usando somente uma tradução, pouco importando qual seja a denominação religiosa que a tenha editado. Devemos ler várias, para ver se conseguimos entender os textos como eles são e não como querem que os entendamos.

Vejamos ainda estas quatro outras opiniões:

A referência à profecia de Isaías é também estropiada. A passagem citada encontra-se efetivamente no livro desse profeta (VII, 14), mas, no contexto, ela não anuncia a vinda do Messias. A palavra hebraica *alma* nessa passagem significa “mulher jovem”, e não «virgem». E Isaías nada diz aí sobre o Messias: “Mas, antes que o menino saiba rejeitar o mal, e escolher o bem, o país do qual tu temes os dois reis será abandonado”. (*Isaías*, VII, 16). **Isaías não atribui nada de sobrenatural ao seu nascimento, ele prediz que a criança verá a luz em uma época que precede de sete séculos a data dos evangelhos e diz, aliás, que o hão de chamar de Emanuel.** Para eliminar esta contradição, Mateus pretende que um anjo visto em sonho por José lhe ordenou que desse ao menino o nome de Jesus, que quer dizer em hebreu “Deus Salvador”.

Portanto, nada neste capítulo pode servir para confirmar a historicidade de Jesus. Ao contrário, sua genealogia, a concepção imaculada, a citação de Isaías, o anjo que apareceu a José, **demonstram que Mateus procurou, bastante desajeitadamente aliás, juntar as profecias sobre o Messias, e os elementos dos cultos orientais, o que nos permite discernir facilmente as partes constitutivas do mito de Jesus.** (LENTSMAN, 1963, p. 175). (grifo nosso).

Mateus faz também referência a um antigo adágio do profeta Isaías: “eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel” - como se dissesse que a gravidez de Maria era a realização dessa profecia (Isaías 7:14. (20). Mas Isaías faz referência a uma criança que deveria nascer na sua própria época, no século VIII a.C., cujo nascimento seria um sinal para o rei Ahaz, que então governava. **A palavra hebraica (*almah*) que Mateus traduz por “virgem”, em sua versão grega, significa “jovem mulher” ou “donzela”, sem introduzir qualquer implicação miraculosa.** (21). A criança receberia o nome pouco comum de Emanuel, que significa “Deus conosco”, e Isaías garante ao rei Ahaz que, antes que essa criança tenha idade suficiente para distinguir “o bem do mal”, os assírios que ameaçavam Jerusalém e a Judeia seriam removidos da face da terra. Ahaz não teria que esperar muito tempo. **Mateus infere que a profecia de Isaías foi “realizada” pelo miraculoso nascimento virgem de Jesus – o que claramente não é o sentido do texto original.**

(20) Todas as traduções da Bíblia foram feitas por mim, exceto se indicado de outra forma. Empreguei itálico para enfatizar determinadas partes.

(21) A tradução grega da Bíblia hebraica, conhecida com Septuaginta ou LXX, usou a palavra *parthenos* em Isaías 7:14. Significa “virgem”, porém o sentido evidente do contexto não é o de uma mulher que engravida *sem nenhum homem*, mas de uma menina virgem que nunca fez sexo ficando grávida. Este bebê singular não nasceria de uma mulher que já teve filhos, mas de uma que era virgem quando ficou grávida. Como Mateus escreveu em grego e está citando Isaías, ele também usa a palavra *parthenos*. Quanto a Versão Revisada do Antigo Testamento foi publicada, em 1952, os tradutores empregaram corretamente o termo “jovem”, em vez do tradicional “virgem”, em Isaías 7:14. A tradução foi denunciada por muitos cristãos fundamentalistas como uma tentativa comunista diabólica de solapar a fé no “nascimento virgem de Cristo”.

(TABOR, 2006, p. 59-60). (grifo nosso).

Durante esses anos sombrios Isaías fora conformado pelo nascimento iminente de um bebê real, indício de que Deus ainda estava com a casa de Davi.



“Uma jovem (almah) está grávida e logo dará à luz um filho que se chamará Immanu-El (Deus-conosco)”(31) Seu nascimento seria ainda uma fonte de esperança, “uma grande luz”, para o traumatizado povo do norte, que “caminhava nas trevas” e na “profunda escuridão”. (32) Quando o bebê nasceu, foi de fato chamado Ezequias, e Isaías imaginou toda a Assembleia Divina celebrando a criança real, que, como todos os reis davídicos, se tornaria uma pessoa divina e um membro do conselho celeste: no dia de sua coroação, ele seria chamado de “Conselheiro Admirável, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz!”. (33).

(31) Isaías 7:14. Essa é uma tradução literal do versículo, não segue a versão tradicional da Bíblia de Jerusalém.

(32) Isaías 9:1.

(33) Isaías 9:5-7.

(ARMSTRONG, 2007, p. 25). (grifo nosso).

[...] Não há nenhuma evidência, a não ser nos tendenciosos escritos da Igreja surgidos depois, de que Jesus jamais tenha se considerado outra coisa a não ser um judeu entre judeu, buscando a realização do judaísmo – e, provavelmente, o retorno da soberania judaica no mundo romano. Como muitos autores já observaram, as diferentes linhagens de profecias hebraicas que foram forçadas a coincidir com o ministério de Jesus revelam a defesa da doutrina cristã, e muitas vezes a má formação cultural dos autores dos Evangelhos.

Para moldar a vida de Jesus conforme as profecias do Velho Testamento, os autores dos evangelhos de Lucas e Mateus, por exemplo, insistem que Maria o concebeu virgem (*parthenos* em grego), em referência à versão em grego de Isaías 7,14. Infelizmente para os que gostam da ideia da virgindade de Maria, a palavra hebraica *almá* (para a qual *parthenos* é uma tradução errônea) significa simplesmente “mulher jovem”, sem qualquer implicação de virgindade. Parece quase certo que o dogma cristão do parto virgem, e boa parte da ansiedade resultante a respeito do sexo tenham resultado de uma tradução do original hebraico. (31)

Outro golpe contra a doutrina do parto virgem é que os outros evangelistas, Marcos e João, parecem não saber nada a respeito disso – embora ambos se mostrem perturbados com as acusações de ilegitimidade de Jesus. (32) Aparentemente, Paulo acredita que Jesus era filho de José e Maria, e refere que Jesus “nasceu da semente de Davi segundo a carne” (Romanos 1,3 – ou seja, José era seu pai), e “nascido de mulher” (Gálatas 4,4 – significando que Jesus era realmente humano), sem referência alguma à virgindade de Maria. (33).

31. Ver B. M. Metzger e M. D. Coogan (eds), *The Oxford companion to the Bible* (Oxford: Oxford Univ. Press, 1993), pp. 789-90, e A. N. Wilson, *Jesus: A life* (Nova York: W. W. Norton, 1992), p. 79. Já foram observados muitos outros pares de citações entre o Velho e o Novo Testamentos que não sustentam: Mat 2,3-5 e Miq. 5,2; Mat. 2,16-18 e Jer. 31,15/Gên. 35,19; Mat. 8,18 e Isa. 53,4; Mat. 12,18 e Isa. 42,1-4; Mat. 13,53 e Sal. 78,2; Mat. 21,5 e Zac. 9,9/Isa.62,11. Mat. 27,9-10 afirma cumprir uma profecia que atribui erroneamente a Jeremias, quando, na realidade, aparece em Zacarias 11,12 – eis aí mais evidências de que “A Bíblia não erra”.

32. Era considerável o estigma ligado à ilegitimidade entre os judeus no século I d.C.d Ver S. Mitchell, *The gospel according to Jesus* (Nova York: HarperCollins, 1991).

33. Ver *ibid.*, p. 78, e J. Pelikan, *Jesus through the centuries* (Nova York: Haper and Row, 1987), p. 80.

(HARRIS, 2009, p. 109) (grifo nosso).

Confirma-se, portanto, que não se trata de profecia a respeito de Jesus, mas de algo que aconteceu no século VIII a.C. Desse último autor, temos ainda esta frase que vem bem a calhar: “O que pode ser afirmado sem provas também pode ser descartado sem provas” (Christopher Hitchens). (HARRIS, 2009, p. 204).

Em James D. Tabor, lemos informações bem interessantes a respeito da virgindade de Maria, que merecem ser transcritas:

[...] É fácil imaginar que os cristãos primitivos acreditavam em Jesus e o queriam tão louvado e celestial quanto qualquer dos heróis e deuses gregos e romanos, e se apropriaram dessa maneira de contar a história do seu

nascimento como uma maneira de afirmar que Jesus era ao mesmo tempo humano e divino. Os intérpretes modernos, que adotam essa abordagem para as histórias, afirmam habitualmente que José era provavelmente o pai, e que esses relatos sobrenaturais eram inventados pelos discípulos de Jesus para atribuir-lhe honras e promover seu status elevado de uma maneira comum a essa cultura. (TABOR, 2006, p. 76). (grifo nosso).

[...] O ensinamento sobre a “virgindade perpétua” simplesmente não é encontrado no Novo Testamento e não faz parte dos primeiros credos cristãos. A primeira menção oficial a essa ideia só vem a partir de 374 d.C., com o teólogo cristão Epifânio. (3) A maior parte dos escritos cristãos primitivos anteriores ao século IV d.C. Aceita naturalmente que os irmãos e irmãs de Jesus sejam filhos nascidos de José e Maria. (4)

(3) A ideia da virgindade perpétua de Maria foi afirmada no 2º Concílio de Constantinopla, em 553 d.C. e no Concílio de Latrão, em 649. Embora seja uma parte do dogma católico solidamente estabelecida, nunca foi, no entanto, objeto de uma declaração de infalibilidade pela Igreja Católica Romana.

(4) Essa é a chamada visão elvídica, em homenagem a Elvídio, um escritor cristão do século IV, que Jerônimo procura refutar. Eusébio, o historiador da igreja do século IV, cita regularmente fontes antigas e refere-se a irmãos de Jesus “segundo a carne”, certamente concebendo-os como filhos de Maria e José. Consulte Eusébio, *Church History* 2.23;3.19.

(TABOR, 2006, p. 90) (grifo nosso).

A própria disciplina dos historiadores os obriga a trabalhar dentro dos parâmetros de uma visão científica da realidade. **As mulheres nunca engravidam sem um homem.** Portanto, Jesus tinha um pai humano, quer consigamos identificá-lo, que não. Os corpos mortos não ressuscitam – se considerados clinicamente mortos – como fora seguramente o caso de Jesus depois da crucificação romana e de três dias em uma tumba. Portanto, se a tumba estava vazia, a conclusão histórica é simples – o corpo de Jesus fora removido por alguém e possivelmente sepultado em outro local. Os historiadores podem se referir ao que foi dito por Paulo ou aos relatórios sobre as aparições que circulavam na altura em que os evangelhos foram escritos, mas esses escritos, feitos décadas depois do acontecimento, testemunham mais o desenvolvimento das crenças teológicas do que o que teria acontecido. Alguns estudiosos questionaram a veracidade histórica da própria história da tumba vazia, argumentando ter sido desenvolvida para sustentar a alegação teológica de que Jesus tinha sido ressuscitado dos mortos. Mas dada a natureza apressada e temporária do sepultamento de Jesus, era de *esperar* que a tumba estivesse vazia. Nunca houve a intenção de que Jesus permanecesse naquela tumba. A questão que se põe é: o que aconteceu com seu corpo? Onde e por quem poderia ter sido sepultado permanentemente? A resposta mais curta é que não sabemos, e qualquer sugestão é especulativa. Mas temos, ainda assim, algumas pistas em nossas fontes que nos permitem reconstruir algumas possibilidades plausíveis.

Existem algumas histórias alternativas aos evangelhos do nosso Novo Testamento. Tertuliano, um autor cristão do século III, nos fala de uma polêmica em voga nessa época: o corpo de Jesus fora removido pelo jardineiro do cemitério, que temia ver suas plantas pisoteadas pelas multidões em visita à tumba. (14) Em um antigo texto medieval chamado *Toledot Yeshu*, o jardineiro leva o corpo e o sepulta em um riacho próximo, temendo que os discípulos se antecipassem e levassem o corpo, alegando que ele havia sido ressuscitado dos mortos. Há um texto copta do século VI d.C. que até nos diz o nome do jardineiro, Filógenes. Nessa versão, o jardineiro planeja levar o corpo para sepultá-lo condignamente, mas, à meia-noite, quando fora buscá-lo, a tumba estava rodeada de anjos e ele testemunhara Jesus ressuscitando dos mortos. (15). Todas essas histórias sobre um jardineiro parecem ser embelezamento ao evangelho de João, em que Maria de Madalena, confundindo Jesus com o jardineiro, ao encontrá-lo na tumba, pergunta-lhe: “Se fosse tudo que o tiraste, dize-me onde o puseste” (João 20:15).

(14) Tertuliano, *De Spectaculis* 30.

(15) *Book of the Resurrection of Christ by Bartholomew the Apostle* 1.6-7.

(TABOR, 2006, p. 250-251). (grifo nosso).

Mulheres virgens se engravidando de deuses, somente se vê isso na mitologia antiga,

onde é coisa comum. Edward Carpenter e Juan Arias nos trazem curiosas observações, quanto ao tema, vejamos:

Mas quase mais notável que a crença mundial nos salvadores é a lenda igualmente difundida de que eles nasceram de Mães-Virgens. Não há quase nenhum deus - como já tivemos a oportunidade de ver - que seja adorado como um benfeitor da humanidade nos quatro continentes, Europa, Ásia, África e América - que não tenha nascido de uma Virgem, ou pelo menos de uma mãe que atribuísse a concepção não a um pai humano, mas sim ao céu. E isso parece, à primeira vista, o mais surpreendente, porque acreditar em tal possibilidade é muito absurdo para nossa mente moderna. Tanto que, enquanto pareceria natural que tal lenda tivesse se espalhado espontaneamente em alguma parte incivilizada do mundo, achamos difícil entender como, nesse caso, teria se espalhado tão rapidamente por todas as partes, ou - se não se espalhou - como podemos explicar seu surgimento espontâneo em todas essas regiões. (CARPENTER, 2008, p. 108). (grifo nosso).

E se Jesus fosse apenas um mito construído com elementos das escatologias egípcias? É o que sustentaram, até o final do século XIX, não poucos mitólogos, como Albert Churchward e Joseph Welles. Os defensores da teoria mítica pensam que se tentou incorporar ao personagem Jesus - que não teria existido realmente - elementos de outros deuses ou personagens religiosos mitológicos de séculos anteriores a ele.

Para esses autores, há coincidências interessantes entre o Jesus que os cristãos apresentam e os personagens e deuses anteriores, como Hórus, do Egito; Mitra, da Pérsia; e Krishna, da Índia. Todos nascem de uma virgem. Hórus e Mitra também nascem em 25 de dezembro. Todos fizeram milagres, todos tiveram 12 discípulos que corresponderiam aos 12 signos do zodíaco, todos ressuscitaram e subiram aos céus depois de morrer. Hórus e Mitra foram chamados Messias, Redentores e Filhos de Deus. Krishna foi considerado a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e foi perseguido por um tirano que matou milhares de crianças inocentes. Além disso, Krishna também se transfigurou, como Jesus, diante de seus três discípulos preferidos, foi crucificado e subiu aos céus. Exatamente como o profeta de Nazaré. Os mitólogos se perguntam: "Precisamos de mais coincidências?".

Os adversários da historicidade do cristianismo e defensores do Jesus mítico acreditam que muito do que aparece nos evangelhos não passa de tradução judaica de mitos egípcios. Assim, por exemplo, na ressurreição de Lázaro (um dos episódios dos evangelhos a que se atribui menos credibilidade histórica) tratou-se de aplicar a Jesus a história da múmia de Al-Azar-us, do mito egípcio de Hórus, que ocorreu mil anos antes do nascimento de Jesus.

Na mesma linha, como o inimigo de Hórus era Sata, deduz-se que daí teria vindo a teoria de satanás e dos demônios contida nos evangelhos. Hórus, assim como Jesus mil anos depois, também lutou no deserto, durante quarenta dias, contra as tentações de Sata, numa luta -simbólica entre a luz e a escuridão.

O fato é que certas coisas que os evangelhos contam acerca de Jesus - justamente as que têm menos credibilidade histórica - se prestam para alimentar a teoria de que Jesus é apenas fruto de uma continuação de deuses míticos da antiguidade. (ARIAS, 2001, p. 111-112) (grifo nosso).

Edward Carpenter lista também vinte e uma semelhanças da história de Jesus com histórias antigas de deuses, o que não deixa de ser algo surpreendente; vejamos o que ele diz:

Na época em que viveu ou surgiu Jesus de Nazaré, e alguns séculos antes dele, o mundo mediterrâneo e as vizinhanças foi o cenário de um grande número de rituais e crenças pagãs. Havia inúmeros templos dedicados a deuses como Apolo ou Dionísio entre os gregos, Hércules entre os romanos, Mithra entre os persas, Adônis e Attis, na Síria e Phrygia, Osíris, Ísis e Horus no Egito, Baal e Astarte entre os babilônios e cartagineses, e assim por diante.

As sociedades, grandes ou pequenas, os crentes unidos e devotos ao serviço ou cerimônias conectavam-se com suas respectivas divindades e às crenças nas quais eles confessavam, relacionadas a essas divindades. E um fato extraordinariamente interessante para nós é que, apesar das grandes distâncias

geográficas e diferenças raciais entre os adeptos desses diversos cultos, assim como as diferenças nos detalhes de seus serviços, as marcas gerais de suas crenças e cerimônias eram - se não idênticas - muito parecidas.

É claro que não posso me estender a respeito desses diferentes cultos, mas posso dizer que, de todas ou quase todas as divindades acima mencionadas, se dizia e se acreditava que:

1. Nasceram no dia ou em um muito próximo ao nosso dia de Natal.
2. Nasceram de uma mãe virgem.
3. Nasceram em uma caverna ou câmara subterrânea.
4. Viveram uma vida de dedicação à humanidade.
5. Eram chamados pelos nomes de Iluminado, Curador, Mediador, Salvador e Provedor.
6. No entanto, foram derrotados pelos poderes da Escuridão.
7. Foram para o Inferno.
8. Ressuscitaram dos mortos e tornaram-se os pioneiros da raça humana no mundo dos céus.
9. Fundaram comunidades de santos e Igrejas nas quais as disciplinas eram recebidas pelo batismo.
10. Eram celebrados em eucaristia.

Darei alguns rápidos exemplos:

**Mithra** nasceu em uma caverna, no dia 25 de dezembro.

O banquete do nascimento de Mithra era feito em Roma no oitavo dia antes das Calendas de Janeiro, sendo também o dia dos jogos circassianos, que eram consagrados ao Sol. (1)

Nasceu de uma virgem (2). Viajou muito e para vários lugares como Mestre e guia dos homens.

Sacrificou o Touro, símbolo do produto da terra que a luz do Sol dá. Suas grandes celebrações aconteciam no Solstício de Inverno e no Equinócio da Primavera (Natal e Páscoa).

Tinha doze seguidores ou discípulos (os doze meses).

Foi enterrado em um túmulo, do qual ressuscitou; e sua ressurreição era celebrada anualmente com grandes festejos.

Era chamado de Salvador e Mediador, às vezes era visto como um Cordeiro; banquetes de celebração eram oferecidos por seus seguidores em sua memória.

Esta lenda é aparente e parcialmente astronômica e em parte vegetacional; e o mesmo pode ser dito a respeito de Osiris.

**Osiris** nasceu, como Plutarco nos conta, no 361º dia do ano, ou seja, em 27 de dezembro. Ele também, como Mithra e Dionísio, era um grande viajante. Como rei do Egito, ele ensinou as artes civis aos homens e "os domou pela música e pela gentileza, e não com o uso de armas" (3).

Descobriu o milho e o vinho. Mas foi traído por Tifão, o poder da escuridão, assassinado e esquartejado. Plutarco conta: "Isso aconteceu no décimo sétimo dia do mês Athyr, quando o Sol adentra em Escorpião" (o signo do zodíaco que indica a chegada do inverno).

Seu corpo foi colocado em uma caixa, mas depois, no décimo nono dia, ressuscitou, e, nos cultos a Mithra, Dionísio, Adônis e outros, assim como no culto a Osiris, uma imagem dentro de um caixão é mostrada diante dos pregadores e recebida com gritos de "Osiris ressuscitou".

Seus sofrimentos, sua morte e ressurreição eram encenadas ano após ano em um grande espetáculo e Abidos (4).

As duas lendas a seguir têm um caráter mais distinto de mitos da vegetação.

**Adônis ou Tamuz**, o deus sírio da vegetação, era um jovem muito belo, nascido de uma virgem (Natureza) e tão belo que Vênus e Perséfone (a deusa da Terra) apaixonaram-se por ele.

Para satisfazer a vontade das duas, ficou estabelecido que ele passaria metade do ano (o verão) com uma, na Terra, e a outra metade (o inverno), com a outra, no Inferno.

Foi morto por um javali (Tifão) no outono. E todos os anos as donzelas "choravam por Adônis" (5).

Na primavera uma celebração de ressurreição acontecia - as mulheres saíam à sua procura; quando encontravam seu corpo o colocavam (uma imagem de madeira) em um caixão ou tronco de árvore oco e faziam rituais selvagens e lamentações, seguidos por festejos por sua ressurreição.

Em Aphaca, ao Norte da Síria, e entre Byblus e Baalbec, havia um famoso túmulo e templo de Astarte, perto do qual havia um vale romântico e cheio de árvores, o local do nascimento de um certo rio Adônis - a água saindo de uma caverna, sob enormes penhascos. Ali (diziam) todos os anos um jovem Adônis era novamente ferido mortalmente, e a água do rio tornava-se vermelha por causa de seu sangue, enquanto uma anêmona vermelha crescia entre os cedros e as noqueiras (6)

A história de *Attis* é muito parecida. Ele era um jovem pastor ou boiadeiro na Prígia, consorte de Cibele (ou Dernéter). a mãe dos deuses.

Nasceu de uma virgem - Nana - que engravidou colocando uma amêndoa em seu seio.

Foi morto por um javali, o símbolo do inverno, como Adônis. ou por ter praticado a automutilação (como seus padres) e sangrado até a morte, aos pés de um pinheiro (o pinheiro e a pinha são símbolos da fertilidade).

O sacrifício de seu sangue renovou a fertilidade na terra, e no ritual de celebração de sua morte e ressurreição sua imagem era presa ao tronco de um pinheiro (compare com a crucificação). Mas voltarei a essa lenda. A adoração de Attis tornou-se muito difundida e respeitada, e incorporou-se à religião estabelecida em Roma no princípio de nossa era.

As duas lendas a seguir (lidando com Hércules e com Krishna) têm muito mais do mito solar do que do vegetal. Os dois heróis eram vistos como grandes benfeitores da humanidade; o primeiro mais no plano material, e o segundo no espiritual.

*Hércules ou Héracles* era, como outros deuses do Sol e benfeitores da humanidade, o grande Viajante. Era conhecido em muitas terras e em todas as partes era invocado como o Salvador.

Foi milagrosamente concebido por um Pai divino; quando ainda era bebê estrangulou duas serpentes que haviam sido mandadas para matá-la.

Seus vários trabalhos para o bem do mundo foram separados em doze, simbolizados pelos signos do zodíaco. Matou o leão de Nemeia e de Hidra (cria de Tifão) e o Javali. Derrotou a Corça e limpou os currais Augianos; venceu a Morte e, descendo até Hades, trouxe Cérbero e subiu de volta ao céu. Foi acompanhado pela gratidão e as orações dos mortais.

Quanto a *Krishna*, o deus da Índia, as coincidências com as divindades citadas anteriormente são muito grandes para não serem percebidas e muito numerosas para serem completamente gravadas.

Ele também nasceu de uma virgem (Devaki) em uma manjedoura (7) e seu nascimento foi anunciado por uma estrela. Queriam matá-la e um massacre de crianças foi ordenado.

Em todas as partes ele executou milagres, ressuscitando os mortos, curando os leprosos, os surdos e os mudos, e ajudando os pobres e oprimidos.

Tinha um discípulo, Arjuna (cf. João), diante de quem se transfigurou (8).

Sua morte foi narrada de modos diferentes - levou uma flechada ou foi crucificado em uma árvore. Foi para o Inferno e ressuscitou dos mortos, subindo ao céu perante muitas pessoas. Voltará no último dia para ser o juiz dos vivos e dos mortos.

Essas são as lendas envolvendo as divindades pagãs e pré-cristãs - explicadas rapidamente agora, para termos uma ideia realista do assunto; mas, devo falar com mais detalhes sobre a maioria delas.

O que podemos perceber claramente, até agora, são dois pontos; por um lado a semelhança dessas histórias com a de Jesus Cristo; e, por outro, a analogia que fazem com os principais fenômenos da Natureza como ilustradas pelo percurso do Sol no céu e as mudanças da vegetação na Terra.

O primeiro ponto mencionado, a semelhança dessas lendas pagãs antigas e suas crenças, com as tradições cristãs, era de fato tão grande que chamava a atenção e causava a ira dos primeiros padres cristãos. Eles não tinham dúvidas a respeito das semelhanças, mas, sem saber como explicá-las, voltavam-se para a inocente teoria de que o Demônio - para

confundir os cristãos - tinha, séculos antes, feito os pagãos adotarem certas crenças e práticas! (Muito ardiloso, da parte do Demônio, devemos dizer, mas também bastante inocente da parte dos padres por acreditarem nisso!). Justin Martyr, por exemplo, descreve (90 a instituição da Ceia do Senhor como narrada nos evangelhos, e continua dizendo: "os demônios imitaram os mistérios de Mithra, mandando que as mesmas coisas fossem feitas. Aquele pão e copo d'água são colocados com certos encantamentos nos ritos místicos de alguém que está sendo iniciado que vocês sabem ou podem aprender". Tertuliano também diz que (10) "o demônio pelos mistérios de seus ídolos imita até mesmo a parte principal dos mistérios divinos"... "Ele batiza seus adoradores com água e faz que eles acreditem que tal ritual os livra de seus pecados" ... "Mithra faz sua marca na testa de seus soldados; celebra a oblação do pão; mostra uma imagem da ressurreição e apresenta a coroa e a espada de uma só vez; impõe o limite de apenas um casamento a seu padre principal; tem até suas virgens e seus beatos" (11) Cortez, também, será lembrado, reclamava que o demônio ensinara positivamente aos mexicanos as mesmas coisas que Deus ensinara aos cristãos.

Justin Martyr, em *Dialogue with Trypho*, diz que o nascimento na manjedoura era o protótipo do nascimento de Mithra na caverna de Zoroastrismo; e diz que Cristo nasceu quando o Sol nasce no Estábulo Augiano (12), vindo como um segundo Hércules para purificar um mundo errante; e Santo Agostinho diz "nós temos esse dia (o Natal) como sagrado, não como os pagãos, por causa do nascimento do Sol, mas por causa do nascimento Dele, que o criou". Há muitas outras frases dos primeiros padres com suas atribuições revoltadas a respeito das semelhanças ao trabalho do mal; mas não precisamos nos aprofundar nelas. Nós não precisamos nos revoltar. Pelo contrário, podemos ver agora que essas fortes críticas dos escritores cristãos são a prova de como e até que ponto na expansão do Cristianismo no mundo ele havia se tornado fundido com os cultos pagãos existentes anteriormente.

Apenas no ano 530 d.C. - cinco séculos depois do suposto nascimento de Cristo - que o monge Dionysius Exiguus, um abade e astrônomo de Roma, recebeu a tarefa de estabelecer o dia e o ano daquele nascimento. Um grande problema, levando-se em consideração a ciência histórica da época! Para o ano ele colocou a data que agora usamos (13). e para o dia e mês ele escolheu 25 de dezembro - uma data popular desde 350 a.C., e a mesma data, com uma diferença de um dia ou dois, do suposto nascimento dos antigos deuses do Sol (14).

(1) Ver F. Nork, *Der Mystagog*, Leipzig.

(2) Isso foi dito por seus discípulos (ver *Pagan Christs*, de Robertson, p. 338).

(3) Vide Plutarco em *Ísis e Osiris*.

(4) *Ancient Art and Ritual*, de Jane E. Harrison, cap. I.

(5) Vide Ezequiel 8:14.

(6) Uma descoloração causada pela terra vermelha que escorre das montanhas com a chuva que foi observada por viajantes modernos. Para obter a história completa de Adônis e de Attis, leia *Golden Bough*, de Frazer, parte IV.

(7) Cox, *Myths of the Aryan Nations*, p. 107.

(8) *Bhagavat Gita*, capítulo XI.

(9) I *Apol.* capítulo 66.

(10) *De Praescriptione Hereticorum*, c. 40; *De Bapt.* c. 3; *De Corona*, c. 15.

(11) Para referência desses dois exemplos ver *Pagan Christs*, de J. M. Robertson, pp. 321 e 322.

(12) O signo zodiacal de Capricórnio ver *infra* (cap. III).

(13) Veja *Encycl. Brit.* art. "Chronology".

(14) "No entanto, existe uma dificuldade em aceitar o dia 25 de dezembro como a data verdadeira do nascimento de Cristo, uma vez que dezembro é o mês com maior incidência de chuva na Judéia, quando os rebanhos e os pastores não poderiam estar à noite nos campos de Belém." *Encycl. Brit.* art. "Christmas Day." De acordo com a *Hastings's Encyclopedic*, art. "Christmas," "Usener diz que a festa do nascimento era feita originalmente no dia 6 de janeiro (a Epifânia), mas no ano de 353-4 o papa Libério a mudou para o dia 25 de dezembro ... mas não há evidências de festas para celebrar a data antes do século IV a.C.". Apenas em 534 d.C. o Natal e a Epifânia passaram a ser considerados *dies non*.

(CARPENTER, 2008, p. 15-19) (grifo nosso).

A história de Jesus, como vemos, tem muita semelhança com as histórias dos antigos deuses Sol e com o percurso atual do Sol nos céus - tantas coincidências, que não podem ser atribuídas à mera coincidência ou até

mesmo a blasfêmias do Demônio! Vamos enumerar algumas delas. Há (1) o nascimento da Virgem; (2) o nascimento na manjedoura (caverna ou câmara subterrânea); e (3) em 25 de dezembro (logo depois do Solstício de Inverno). Há (4) a Estrela do Leste (Sírio) e (5) a chegada dos magos (os "Três Reis"); há (6) o Massacre dos Inocentes, e o vôo para um país distante (dito também de Krishna e outros deuses Sol). Há os festivais da Igreja de (7) Candelária (2 de fevereiro), com procissões das velas para simbolizar a luz crescente; há (8) a Quaresma, ou a chegada da primavera; há o (9) dia de Páscoa (normalmente em 25 de março) para celebrar a travessia do Equador pelo Sol; e (10) simultaneamente a explosão de luzes no Sepulcro Sagrado em Jerusalém. Há (11) a Crucificação e a Morte do carneiro-deus, na sexta-feira santa, três dias antes da Páscoa; há (12) a prisão feita com pregos em uma árvore, (13) o túmulo vazio, (14) a Ressurreição (nos casos de Osíris, Attis e outros); há (15) os doze discípulos (os signos do Zodíaco); e (16) a traição de um dos doze. Depois, há (17) o Dia do Meio do Verão, o dia 24 de junho, dedicado ao nascimento de João Batista, e correspondente ao dia de Natal; há as festas da (18) Assunção da Virgem (15 de agosto) e do (19) nascimento da Virgem (8 de setembro), correspondentes ao movimento do Sol por Virgem; há o conflito de Cristo e seus discípulos com os asterismos outonais, (20) a Serpente e o Escorpião; e finalmente há um fato curioso de que a Igreja (21) dedica o dia do Solstício de Inverno (quando qualquer um pode, naturalmente, duvidar do renascimento do Sol) a São Tomé. que duvidava que a Ressurreição fosse verdadeira! Algumas coincidências, mas não todas, estão em questão. Mas elas são suficientes, acredito eu, para provar - mesmo permitindo possíveis margens de erro - a verdade de nossa contenção geral. Entrar no paralelismo dos caminhos de Krishna, o deus Sol indiano, e Jesus demoraria muito tempo; porque, de fato, a semelhança é muito grande." Eu proponho, no entanto, ao final deste capítulo, que nos aprofundemos um pouco na festa cristã da Eucaristia, em parte por causa de sua relação com a derivação de rituais astronômicos e celebrações da Natureza já referidas, e em parte por causa da luz que a festa geralmente, seja ela cristã ou pagã, joga sobre as origens da Mágica Religiosa - um assunto que devo abordar no próximo capítulo. (CARPENTER, 2008, p. 35-36) (grifo nosso).

E, especificamente, sobre a questão do "salvador da humanidade", Carpenter e Campbell abordam, respectivamente, da seguinte forma:

[...] em seus aspectos mai sensíveis e espirituais, como nos ritos Mitrhaicos, Egípcios, Hindus e Cristão, uma pessoa passava pelo véu do *maya* e de seu mundo em constante mudança, e entrava na região da paz e poder divinos (17). Ou, novamente, a doutrina do *Salvador*. A essa eu também não preciso adicionar muito mais do que já foi dito. O número de divindades pagãs (em sua maioria nascida de virgens e mortas de uma maneira ou outra por seus esforços de salvar a humanidade) é tão grande (18) e, portanto, difícil de precisar. O deus Krishna na Índia, o deus Indra no Nepal e no Tibet morreram para a salvação dos homens; **Buddha** disse, de acordo com Max Muller (19), "Permita que todos os pecados existentes no mundo caiam sobre mim e o mundo será salvo"; o chinês *Tien*, o Sagrado - "com deus e existindo com ele para toda a eternidade" - morreu para salvar o mundo; o egípcio *Osíris* era chamado de Salvador, assim como *Horus*; assim como Mithra, da Pérsia; assim como o grego *Hércules* que venceu a morte apesar de seu corpo ser consumido pelas chamas da mortalidade, da qual ele subiu aos céus. O mesmo aconteceu com o frígio *Attis*, chamado de Salvador, e do sírio *Tammuz* ou *Adônis* - os dois que foram pregados a uma árvore, e depois renasceram de seus túmulos. *Prometheu*, o maior e mais antigo benfeitor da raça humana, foi pregado pelas mãos e pelos pés, com os braços abertos, às pedras do monte Cáucaso. *Baco ou Dionísio*, nascido da virgem Semele para ser o libertador da humanidade (Dionísio Bleutherios, como era chamado), foi cortado em pedaços, como Osíris. Mesmo em *Quetzalcoatl*, no México, o Salvador nasceu de uma virgem, foi tentado, jejuou por quarenta dias, morreu, e sua segunda vinda foi tão esperada que (como é bem conhecido), quando Cortes apareceu, os mexicanos, coitados, o receberam como o deus que voltara! (20) No Peru e entre os índios norte-americanos, no Norte e no Sul do Equador, lendas parecidas são, ou foram, encontradas. Apesar de falarmos pouco sobre o assunto, é o bastante para provar que a doutrina do Salvador é mundial e muito antiga, e que o Cristianismo meramente apropriou-se da mesma e

(assim como os outros cultos) lhe deu algumas outras cores. Talvez essa doutrina original fosse muito melhor e muito mais conhecida, se a Igreja Cristã não tivesse feito um esforço enorme para tomar as devidas precauções e para extinguir todas as evidências dos atos pagãos relacionados a esse assunto. Há muita evidência de que a Igreja antiga tomou esse caminho com salvadores pré-cristãos (21); e nos últimos tempos a mesma política tem sido mostrada pelo tratamento no século XVI dos escritos de Sahagun, o missionário espanhol - cujo trabalho já mencionei. Sahagun era um homem educado e muito inteligente que, apesar de não aceitar as barbaridades da religião asteca, foi fiel o bastante para mostrar características nas maneiras e dos costumes das pessoas, e algumas semelhanças com a doutrina e prática cristãs. Isso deixou enfurecidos os intolerantes católicos da recém-formada Igreja Mexicana.

Eles roubaram os manuscritos de Sahagun, de seu *História das coisas da Nova Espanha (1560)*, e os esconderam, e foi depois de muita briga e a decisão da Corte Espanhola que Sahagun os teve de volta. Finalmente, aos oitenta anos de idade, depois de traduzi-los para o espanhol (do original mexicano), ele mandou seus manuscritos em dois grandes volumes para a Espanha, para que ficassem em segurança; mas quase imediatamente *desapareceram* e não mais foram encontrados! Apenas *dois séculos* depois foram reaparecer (1790) em um convento de Tolosa em Navarre. O lorde Kingsborough publicou-os na Inglaterra em 1830.

Eu já falei sobre várias das principais doutrinas do Cristianismo - ou seja, do pecado, do sacrifício, da Eucaristia, do Salvador, do Renascimento e da transfiguração - mostrando que eles não são únicos em nossa religião, mas sim comuns a quase todas as religiões do mundo antigo. A lista pode ser muito aumentada, mas não há necessidade de nos atermos a um assunto que, de modo geral, já foi compreendido. Dedicarei, no entanto, uma ou duas páginas para um exemplo, que eu julgo muito interessante e cheio de sugestão profunda.

Não existe nenhuma outra doutrina no Cristianismo que seja mais apreciada e reverenciada por seus fiéis, do que aquela em que Deus sacrificou seu único filho para salvar o mundo; também, uma vez que o filho não era apenas *parecido* com o pai, mas da mesma natureza do Pai, e igual a ele, sendo a segunda pessoa da Santíssima Trindade, o sacrifício foi uma imolação de si mesmo para o bem do mundo. A doutrina é muito mística, muito antiga e, de certa maneira, tão absurda e impossível, que tem sido um prato cheio para piadas por parte dos inimigos da Igreja; e aqui podemos pensar, é uma crença que - seja ela considerada gloriosa ou obsoleta - é única e peculiar àquela Igreja.

E, ainda, o fato extraordinário é que uma crença parecida existe em todas as religiões antigas e pode nos remeter ao passado. A palavra *hóstia*, que é usada na missa católica para representar o pão e o vinho no altar, símbolos do corpo e do sangue de Cristo, vem do latim *Hóstia*, que no dicionário significa "um animal morto em sacrifício, uma oferta para compensar um pecado". Isso nos leva de volta ao estágio do totem, quando toda a tribo, como eu já expliquei, coroava um touro, um urso ou um outro animal com flores e prestavam-lhe honras com comida e adoração, sacrificavam a vítima para o espírito do totem da tribo e o comiam em uma festa eucarística - e o curandeiro ou sacerdote que dirigia o ritual vestia a pele desse animal como um sinal de que ele representava o totem -, divindade, participando do sacrifício de "si mesmo para si mesmo". Isso nos faz lembrar dos khonds em Bengal sacrificando seus meriahs coroados e enfeitados como deuses e deusas; dos astecas fazendo o mesmo; dos quetzalcoatl furando seus cotovelos e dedos para tirar sangue, oferecido em seu próprio altar; ou de Odin sendo pendurado, por vontade própria, em uma árvore. "Sei que fui pendurado em uma árvore que foi balançada pelo vento por nove longas noites. Uma lança atravessou meu corpo, fui levado a Odin. eu para mim." E assim por diante. Os exemplos são infinitos. "Sou a oblação". diz Krishna no Bhagavad Gita (22). "Sou o sacrifício, a oferenda aos ancestrais". "No real conceito ortodoxo de sacrifício", diz Elie Reclus (23). "a oferenda consagrada, seja ela um homem, uma mulher ou uma virgem, um carneiro ou novilha, galo ou pombo, representa a divindade..."

(17) Baring Gould, em seu livro *Orig. Relig. Belief*, I. 401, diz: "Entre os Hindus antigos, Soma era uma divindade; ele é chamado de Provedor da Vida e da Saúde... Encarnou entre os homens, foi pego por eles, morto e triturado em um almofariz



(aparentemente um deus de cereal e vinho). Mas ele ressuscitou das chamas e subiu ao céu para ser "Benfeitor do Mundo" e o "Mediador entre Deus e o homem. Por meio da comunhão com ele em seu sacrifício, o homem (que partilhava desse deus) tem uma confirmação de imortalidade, pois com esse sacramento obtém união com sua divindade".

(18) Ver uma considerável lista no livro de Doane, *Bible Myths*, cap. XX.

(19) *Hist. Sanskrit Literature*, p. 80.

(20) Ver o livro de Kingsborough, *Mexican Antiquities*, vol. VI.

(21) Ver *Apologia*, de Tertúlio, c. 16; *Ad aciones*, c. XII.

(22) Cap. IX, V. 16.

(23) *Primitive Folk*, cap. VI.

(CARPENTER, 2008, p. 89-91) (grifo nosso).

### III. A LENDA DO SALVADOR DO MUNDO

E impossível reconstruir o caráter, a vida e a verdadeira doutrina do homem que se tornou o Buda. Supõe-se que ele tenha vivido entre 563 e 483 a.C. Entretanto, sua mais antiga biografia, a do cânon páli, começou a ser escrita apenas por volta de 80 a.C. no Ceilão [atual Sri Lanka], a cinco séculos e 2.400 km de distância do verdadeiro cenário histórico. E a vida, a essa altura, **tinha-se tornado mitologia - segundo um padrão característico dos Salvadores do Mundo do período entre aproximadamente 500 a.C. e 500 d.C., seja na Índia, como nas lendas dos jainas, ou no Oriente Próximo, como na visão evangélica de Cristo.**

Em resumo, essa biografia arquetípica do Salvador fala de:

1. o descendente de uma família real
2. nascido milagrosamente
3. em meio a fenômenos sobrenaturais
4. sobre quem um santo ancião (Simão = Asita), logo após o nascimento, profetizou uma mensagem de salvação do mundo, e
5. cujas façanhas na infância proclamam seu caráter divino.

Na sequência indiana, o herói do mundo:

6. casa-se e gera um herdeiro
7. desperta para sua missão
8. parte, com o consentimento de seus progenitores (no jainismo), ou secretamente (o Buda)
9. para engajar-se em árduas disciplinas na floresta
10. que o confrontam, finalmente, com um adversário sobrenatural, sobre o qual
11. a vitória é alcançada.

O último citado, o Adversário, é uma figura que nos tempos védicos teria aparecido como um dragão anti-social (Vritra) mas, em concordância com a nova ênfase psicológica, representa agora aqueles equívocos da mente que o mergulho do Salvador do Mundo nas suas próprias profundezas traz a luz, e contra os quais ele está lutando, tanto por sua própria vitória quanto para a salvação do mundo.

Na lenda cristã, não há registro dos anos de juventude representados acima pelos estágios 6 a 8. Entretanto, os episódios culminantes (9 a 11) estão representados pelo jejum de quarenta dias no deserto onde se deu o confronto com Satã. Ademais, pode-se argumentar que as cenas infantis da matança dos inocentes pelo rei Herodes, o aviso do anjo a São José e a fuga da Sagrada Família correspondem simbolicamente ao 6, isto é, aos esforços do pai do futuro Buda para frustrá-lo em sua missão, confinando-o no palácio e fazendo-o casar-se depois do que (7) ele foi despertado para sua missão pela visão de um ancião, um homem doente, um cadáver e um iogue, ante o que (8) planejou fugir. Em ambos os casos a narrativa e a de um inimigo régio do espírito, lutando com todos seus recursos — sejam eles maléficos (rei Herodes) ou benignos (rei Suddhodana) — que se mostram vãos para frustrar o infante Salvador em sua predestinada missão.

Seguindo seu encontro cara a cara com o Antagonista e vencendo-o, o Salvador do Mundo:

12. realiza milagres (caminha sobre as águas etc.)
13. torna-se um pregador errante
14. prega a doutrina da salvação

15. a um séquito de discípulos e
16. a uma pequena elite de iniciados
17. um dos quais, menos rápido para aprender do que o resto (Pedro = Ananda), (340) recebe o comando e se torna o modelo da comunidade leiga, enquanto
18. outro, obscuro e traiçoeiro (Judas = Devadatta), esta empenhado na morte do Mestre.

Em varias versões da lenda são dadas diferentes interpretações aos ternas comuns, coincidindo com as diferenças de doutrina. Por exemplo, 2: enquanto a Virgem Maria concebeu do Espírito Santo, a rainha Maya, mãe do Buda, era uma verdadeira esposa de seu consorte; tampouco o Salvador do Mundo que ela era a luz era uma encarnação de Deus, o Criador do Universo, mas um *jīva* reencarnado iniciando a última de suas inumeráveis vidas. Iguamente os itens 10-11: enquanto a vida do Buda atingiu o ápice na sua vitória sobre Mara sob a árvore Bodhi, a lenda crista transfere a Árvore da Redenção para o estagio 19, isto é, a morte do Salvador, que na vida do Buda não é mais do que uma passagem pacífica no final de uma longa carreira de mestre. Pois o ponto principal do budismo não é — como no antigo sacrifício Soma — a imolação física do Salvador, mas seu despertar (*bodhi*) para a Verdade das verdades e, em consequência, a libertação (*moksa*) da ilusão (*māyā*). Por isso, o ponto principal para o individuo budista não é se a lenda do Buda corresponde ao que de fato e historicamente ocorreu entre 563 e 483 a.C., mas se serve para inspirá-lo e guiá-lo para a iluminação.

340 Mateus 16:23; *Mahāparinibbana-Sūta* 61.

(CAMPBELL, 1995, p. 203-205). (grifo nosso).

São mais dois autores que confirmam a história de Jesus com a de outros personagens mitológicos. Como ambos citaram Osíris, vejamos o que diz Richard Russell Cassano:

“O personagem central da antiga religião egípcia era Osíris”, escreveu o falecido egiptólogo sir E. A. Wallis Budge, “e os principais fundamentos do seu culto eram a crença na sua divindade, morte, ressurreição e controle absoluto do destino do corpo e da alma dos homens. O ponto religioso central de cada osiriano era a esperança da ressurreição em um corpo transformado e da imortalidade, que ele só poderia perceber pela morte e ressurreição de Osíris”. (CASSANO, 2008, p. 29-36). (grifo nosso).

Não se pode deixar de ver que tudo isso foi, posteriormente, atribuído a Cristo. O interessante que algumas dessas coisas também eram comuns na região da Mesopotâmia:

Desde os dias do cativo na Babilônia, e daí em diante, o judaísmo apresenta um enxame de místicos religiosos com visões apocalípticas sobre o futuro do homem. Por meio desses visionários, diz o eminente orientalista W. F. Albright, “elementos inumeráveis da fantasia pagã e até mitos inteiros entraram na literatura do judaísmo e do cristianismo”. Por exemplo, o rito do batismo — diz ele — remonta às religiões da Mesopotâmia, como também muitos dos elementos da história da vida de Cristo. Entre estes o Dr. Albright inclui a sua concepção por uma virgem, o seu nascimento relacionado com os astros, e os temas da prisão, da morte, descida aos infernos, o desaparecimento por três dias e posterior ascensão aos céus. (KRAMER, 1983, p. 169). (grifo nosso).

Portanto, a mitologia pagã forneceu muitos elementos que hoje vemos em Jesus.

Mt 2,5-6: “Eles responderam: ‘Em Belém, na Judeia, porque assim está escrito por meio do profeta: ‘E você, Belém, terra de Judá, não é de modo algum a menor entre as principais cidades de Judá, porque de você sairá um Chefe, que vai apascentar Israel, meu povo’”.

Profecia: Mq 5,1: “Mas você, Belém de Éfrata, tão pequena entre as principais cidades de Judá! É de você que sairá para mim aquele que há de ser o chefe de Israel. A origem dele é antiga, desde tempos remotos”.

Nesta segunda profecia, perceberemos que, simplesmente, pegaram parte de um texto, que, fora do seu contexto, se aplica muito bem aos seus propósitos, mas cuja realidade é completamente outra. Para elucidar essa questão, vejamos a sequencia da passagem: *“Pois Deus os entrega só até que a mãe dê à luz, e o resto dos irmãos volte aos israelitas. De pé, ele governará com a própria força de Javé, com a majestade e o nome de Javé, seu Deus. E habitarão tranquilos, pois ele estenderá o seu poder até as extremidades da terra. Ele próprio será a paz. Se a Assíria invadir o nosso território e quiser pisar o interior de nossos palácios, poremos em luta contra eles sete pastores e oito comandantes. Eles vão governar a Assíria com espada, a terra de Nemrod com punhal. Ele nos livrará da Assíria, se invadirem o nosso território, se atravessarem nossas fronteiras”* (Mq 5,2-5).

A pessoa de quem Miqueias está falando é a que livrará o povo hebreu da Assíria. Nas pesquisas que fizemos, não conseguimos estabelecer, com precisão, quem era. O mais provável, é que seja Ezequias, filho do rei Acaz, Rei de Judá (721-693 a.C.), já que a profecia anterior, conforme pudemos constatar, se refere a ele.

James D. Tabor, em *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*, deixa-nos algo importante, para nosso estudo; leiamos:

Existem estudiosos do Novo Testamento que duvidam da validade histórica até mesmo desse arcabouço básico, especialmente da história do nascimento de Jesus em Belém. Sustentam que a história de Belém foi provavelmente acrescentada para dar crédito a Jesus como Messias descendente de Davi, já que Belém era a cidade de Davi. Existem certos indícios de que a questão do local do nascimento de Jesus, na Galileia ou na Judeia, tornou-se uma questão de controvérsia e discussão dentro de grupos judeus (consulte João 7:40-44). (TABOR, 2006, p. 336). (grifo nosso).

Quanto mais aprofundamos nas pesquisas, mais e mais se complicam as coisas, para os que querem sustentar a veracidade de tudo quanto consta na Bíblia.

A *Revista Superinteressante* nº 183, traz um artigo esclarecedor intitulado *“Quem foi Jesus?”*, assinado por Rodrigo Cavalcante, do qual ressaltamos:

(...) E o segundo problema, ainda mais grave, é que provavelmente Jesus não nasceu em Belém. “Há quase um consenso entre os historiadores de que Jesus nasceu em Nazaré”, diz o padre Jaldemir Vitório, do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte. Então por que o evangelho de Mateus diz que o nascimento foi em Belém? Vitório explica que o texto segue o gênero literário conhecido por midrash. Basicamente, o midrash é uma forma de contar a história da vida de alguém usando como pano de fundo a biografia de outras personalidades históricas. No caso de Jesus, ele explica, a referência a Belém é feita para associá-lo ao rei Davi do Antigo Testamento – que, segundo a tradição, teria nascido lá. (CAVALCANTE, 2002, p. 43) (grifo nosso).

Não há como contestar os dados da história; não é mesmo?

Mt 2,14-15: *“José levantou-se de noite, pegou o menino e a mãe dele, e partiu para o Egito. Aí ficou até a morte de Herodes, para se cumprir o que o Senhor havia dito por meio do profeta: ‘Do Egito chamei o meu filho’”*.

Profecia: Os 11,1: *“Quando Israel era menino, eu o amei. Do Egito chamei o meu filho;”*.

A explicação é que *“Oseias compara a relação entre Deus e Israel como a relação que existe entre pai e filho”* (Bíblia Pastoral, p. 1173). Veja como a passagem deixa isso bem claro. Trata-se, portanto, da libertação do povo judeu (chamado de Israel), quando Deus, através do profeta Moisés, tira esse povo da subjugação dos egípcios. E para confirmar isso, vejamos, em sequencia, os versículos 2 a 11:

*“e no entanto, quanto mais eu chamava, mais eles se afastavam de mim: ofereciam sacrifícios aos baais, queimavam incenso aos ídolos. E não há dúvida, fui eu que ensinei Efraim a andar, segurando-o pela mão. Mas eles não perceberam que era eu quem*

*cuidava deles. Eu os atraí com laços de bondade, com cordas de amor. Fazia com eles como quem levanta até seu rosto uma criança; para dar-lhes de comer, eu me abaixava até eles. Voltarão para a terra do Egito, a Assíria será o seu rei, porque não quiseram converter-se. A espada devastará suas cidades, exterminará seus filhos e demolirá suas fortalezas. O meu povo é difícil de se converter: é chamado a olhar para o alto, mas ninguém levanta os olhos. Como poderia eu abandoná-lo, Efraim? Como haveria de entregar você a outros, Israel? Será que eu poderia tratá-lo como a Adama? Eu poderia tratá-lo como a Seboim? O meu coração salta no meu peito, as minhas entranhas se comovem dentro de mim. Não me deixarei levar pelo ardor da minha ira, não vou destruir Efraim. Eu sou Deus, e não um homem. Eu sou o Santo no meio de você, e não um inimigo devastador. Eles seguirão a Javé. E Javé rugirá como um leão. E quando ele rugir; eles virão voando como pássaros; como pombos, eles virão do país da Assíria. Então eu os farei morar nas suas próprias casas – oráculo de Javé”.*

Na narrativa, que acabamos de colocar, a fala está sendo dirigida ao povo de Israel, não resta a menor dúvida. O que consta do versículo 1, fora deste contexto, modifica completamente o sentido que se deve dar à expressão “meu filho”; mas a citação do texto isolado parece ter sido de propósito, para se dar a ideia de que é a respeito de Jesus que se fala, já que esse era o objetivo que buscavam atingir.

*Mt 2,16-18: “Quando Herodes percebeu que os magos o haviam enganado, ficou furioso. Mandou matar todos os meninos de Belém e de todo o território ao redor, de dois anos para baixo, calculando a idade pelo que tinha averiguado dos magos. Então se cumpriu o que fora dito pelo profeta Jeremias: ‘Ouviu-se um grito em Ramá, choro e grande lamento: é Raquel que chora seus filhos, e não quer ser consolada, porque eles não existiam mais”.*

*Profecia: Jr 31,15: “Assim diz Javé: ‘Escutem! Ouvem-se gemidos e pranto amargo em Ramá: é Raquel que chora inconsolável por seus filhos que já não existem mais”.*

Pelo contexto, o fato relacionado à passagem de Jeremias é: “*Raquel: mãe de Benjamim e, por José, avó de Efraim e Manasses. Chora os homens dessas três tribos levadas para o exílio*”, mas continuando a explicação dizem: “Este trecho é citado em Mat 2,18 por acomodação à dor das mulheres, cujos filhos Herodes massacrara” (Bíblia Ave Maria, p. 1078 ). Observe bem que na expressão “por acomodação” já se denuncia que não é o sentido original do texto. Trata-se aqui do exílio na Babilônia, que o povo hebreu está vivendo. Este era o motivo do choro de Raquel; portanto, nada tem a ver com uma profecia a respeito da morte das crianças no tempo de Jesus.

Sobre o fato de Herodes ter mandado matar as crianças, vejamos o que James D. Tabor, tenha a dizer:

[...] Temos registros históricos excepcionalmente bons sobre o reinado de Herodes, o Grande. É inconcebível que tal “matança de crianças” não fosse registrada pelo historiador judeu Josefo ou por outros historiadores romanos contemporâneos. O relato de Mateus é claramente teológico, escrito para justificar opiniões posteriores sobre o *status* elevado de Jesus. Mas ele certamente tem razão quanto a um ponto – Herodes realmente temia o nascimento de uma criança que poderia crescer e tornar-se pretendente ao trono real de Davi como um legítimo “Rei dos judeus”. (TABOR, 2006, p. 103-104). (grifo nosso).

Infelizmente, temos fatos que, na verdade, não ocorreram, são apenas “relatos claramente teológicos”.

*Mt 2,22-23: “... Por isso, depois de receber aviso em sonho, José partiu para a região da Galileia, e foi morar numa cidade chamada Nazaré. Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelos profetas: ‘Ele será chamado Nazareno”.*

Profecia: Esta profecia não existe.

A que ponto chegaram: citar uma profecia que não existe, comprovando que o fanatismo religioso é de longa data. Nota-se, como já falamos anteriormente, a nítida

preocupação de citar inúmeras profecias na tentativa de identificar Jesus como o Messias. O problema é que conseguem atingir o objetivo, pois a maioria das pessoas justifica a veracidade da Bíblia justamente usando do argumento do cumprimento das profecias. Infelizmente poucos são habituados a conferir e/ou questionar; entretanto, essa é a única forma de se conseguir descobrir a verdade.

Mt 4,13-16: *“Deixou Nazaré, e foi morar em Cafarnaum, que fica às margens do mar da Galileia, nos confins de Zabulon e Neftali, para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: ‘Terra de Zabulon, terra de Neftali, caminho do mar, região do outro lado do rio Jordão, Galileia dos que não são judeus! O povo que vivia nas trevas viu uma grande luz; e uma luz brilhou para os que viviam na região escura da morte’”.*

Profecia: Is 9,1: *“O povo que andava nas trevas viu uma grande luz, e uma luz brilhou para os que habitavam um país tenebroso”.*

Em nota explicativa referente às passagens de Isaías 8,23b-9.6, encontramos:

Em 732 a.C., o rei da Assíria toma os territórios da Galileia e adjacências, incluindo Zabulon e Neftali. O povo do Reino do Sul teme o avanço assírio, mas o profeta mostra que Javé libertará os oprimidos e trará a paz. O que leva Isaías a essa luminosa esperança é o nascimento do Emanuel (cf. 7,14), que é Ezequias, o filho herdeiro de Acáz. O profeta prevê um chefe sábio, fiel a Deus, duradouro e pacífico; ele perpetuará a dinastia de Davi, estendendo o reinado deste até às regiões agora dominadas pela Assíria e organizando uma sociedade fundada no direito e na justiça. ( Bíblia Pastoral, p. 957).

Assim, refere-se, como já deduzimos um pouco atrás, a uma outra pessoa, não a Jesus; trata-se do filho de Acáz chamado Ezequias.

Ao citar Isaías (9,1), não houve nenhuma preocupação em se analisar o contexto da frase, pois fazer isso é fundamental para o entendimento dela. Assim, vamos complementar com os versículos de 2 a 6. Só que agora, iremos recorrer à Bíblia Barsa, cujos versículos correspondentes são os números 3 a 7, por termos nela uma narrativa mais clara dos fatos ocorridos àquele momento. Vamos à narrativa:

*“Multiplicaste a gente, não aumentaste a alegria. Eles se alegrarão quando tu lhes apareceres, bem como os que se alegram no tempo da messe, bem como exultam os vencedores com a presa que tomaram, quando repartem os despojos. Porque tu quebraste o jugo do peso que o oprimia, e a vara que lhe rasgava as espáduas, e o ceptro do exator, como o fizeste na jornada de Madian. Porque todo o violento saque feito com tumulto e a vestidura manchada de sangue, será entregue à queima, e ficará sendo o pasto do fogo. Porquanto já **UM PEQUENO** se acha **NASCIDO** para nós, e um filho nos foi dado a nós, e foi posto o principado sobre o seu ombro: e o nome com que se apelide será admirável, conselheiro, Deus forte, pai do futuro século, príncipe da paz. O seu império se estenderá cada vez mais, e a paz não terá fim: assentar-se-á sobre o trono de Davi, e sobre o seu reino: para firmar e fortalecer em juízo e justiça, desde então e para sempre. Fará isso o zelo do Senhor dos exércitos”.* (Bíblia Barsa, p. 581). (grifo do original).

Chamamos a sua atenção, caro leitor, para a expressão *“porquanto já um pequeno se acha nascido”*, que evidencia tudo o que já temos dito anteriormente, no que se refere ao fato de que essa passagem não diz respeito mesmo a Jesus, porém de uma outra pessoa, já nascida na época, conforme a narração. Ora, se já se achava nascida, não se trata de profecia, mas, sim, de confirmação de um fato já ocorrido.

Com relação aos títulos: *“admirável conselheiro, Deus forte, Pai do futuro século, Príncipe da Paz”*, encontramos a seguinte explicação: *“Os quatro títulos aqui empregados imitam o protocolo egípcio lido durante a coroação do novo Faraó. Trata-se, pois, de um rei ideal que é aqui anunciado. O texto refere-se, provavelmente, ainda ao mesmo Emanuel prometido em Is 7,14”.* (Bíblia Vozes, p. 898.). Explicação que vem também reforçar que não se trata de Jesus.

Mt 8,16-17: *“À tarde, levaram a Jesus muitas pessoas que estavam possuídas pelo*

*demônio. Jesus, com a sua palavra, expulsou os espíritos e curou todos os doentes, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías: 'Ele tomou as nossas enfermidades e carregou as nossas doenças'".*

Profecia: Is 53,4: *"Todavia, eram as nossas doenças que ele carregava, eram as nossas dores que ele levava em suas costas..."*

Os versículos compreendidos entre Isaías 52,13–53,12, ou seja, do versículo 13 do capítulo 52 ao versículo 12 do capítulo 53, são explicados da seguinte forma:

Apresentam o Servo sofrendo vicariamente pelos pecados dos homens. A interpretação judaica tradicional entende a passagem como uma referência ao Messias, como, é claro, fizeram os primeiros cristãos, que criam ser Jesus o referido Messias (At. 8,35). Não foi senão no século XII que surgiu a opinião de que o Servo aqui se refere à nação de Israel, opinião que se tornou dominante no Judaísmo. O Servo, todavia, é distinto do "meu povo" (53,8), e é uma vítima inocente, algo que não se podia dizer da nação (53,9)". (Bíblia Anotada, p. 905 ).

Interessante que querem, de todas as maneiras, desvirtuar o texto para aplicá-lo a Jesus, quando, em verdade, se refere especificamente à nação de Israel.

Também encontramos:

Os capítulos 40-55 foram escritos por profeta anônimo, na época do exílio na Babilônia, apresentando uma mensagem de esperança e consolação. Esse profeta é comumente chamado **Segundo Isaías**. O fim do exílio é visto como um novo êxodo e, como no primeiro, Javé será o condutor e a garantia dessa nova libertação. O povo de Deus, convertido, mas oprimido, é denominado "Servo de Javé". (Bíblia Pastoral, p. 947) (grifo nosso).

Veja que até divergem quanto à questão da palavra "Servo". Essa divergência se torna ainda mais inexplicável, pois ambas as Bíblias que foram consultadas, segundo dizem, são a "palavra de Deus" e de "tradução diretamente dos originais".

Já que falamos em Servo, e como este termo será utilizado outras vezes, vamos ver nas explicações dadas sobre o Livro de Isaías o seguinte:

Merecem destaque os "Cânticos do Servo de Deus" (42,1-4; 49,1-6; 50,4-9a; 52,13-53,12). Neles se descreve a vocação do Servo, sua missão de pregador, sua função mediadora da salvação para os homens e, especialmente, o caráter expiatório de seus sofrimentos e de sua morte. O Servo às vezes parece ser Israel como povo, ou enquanto elite; outras vezes um indivíduo, talvez o profeta dos poemas, o rei Ciro, o rei Joaquim ou outro personagem qualquer. (Bíblia Vozes, p. 890).

Bom, aqui assumem não saberem exatamente a que se refere a palavra Servo; mas, apesar disso, continuam: "Seja como for, o Novo Testamento viu no Servo sofredor o tipo por excelência dos sofrimentos e da morte redentora de Cristo". Ora, ver "ser um tipo" não quer dizer que a profecia seja exatamente a respeito de Jesus. E mais, o Novo Testamento não vê nada; quem viu foram alguns dos autores do Novo Testamento ou, quem sabe, foram colocadas umas palavrinhas aqui, outras ali, como sendo desses autores, conforme o interesse.

Quanto a Ciro, que sabemos ter sido o rei da Pérsia, podemos ver que, em Is 44,28, ele é colocado como pastor do rebanho de Deus, e mais especificamente em Is 45,1, está como ungido de Deus que, para melhor destaque, grifamos: *Eis aqui o que diz o Senhor a Ciro meu cristo, a quem tomei pela destra para lhe sujeitar ante a sua face as gentes, e fazer voltar as costas aos reis, e abrir diante dele as portas, e estas mesmas portas não se fecharão.* (texto da Bíblia Barsa).

Especificamente quanto ao capítulo 53 do livro de Isaías, deverá ser, mais à frente, objeto de várias citações, para as quais servem as explicações que estamos colocando aqui.

Mt 12,15-21: *“Jesus soube disso, e foi embora desse lugar. Numerosas multidões o seguiram, e ele curou a todos. Jesus ordenou que não dissessem quem ele era. Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: 'Eis aqui o meu servo, que escolhi; o meu amado, no qual minha alma se compraz. Colocarei sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará o julgamento às nações. Não discutirá, nem gritará, e ninguém ouvirá a sua voz nas praças. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará o pavio que ainda fumega, até que leve o julgamento à vitória. E em seu nome as nações depositarão a sua esperança'”.*

Profecia: Is 42,1-4: *“Vejam o meu servo, a quem eu sustento: ele é o meu escolhido, nele tenho o meu agrado. Eu coloquei sobre ele o meu espírito, para que promova o direito entre as nações. Ele não gritará nem clamará, nem fará ouvir a sua voz na praça. Não quebrará a cana que já está rachada, nem apagará o pavio que está para se apagar. Promoverá fielmente o direito: não desanimará, nem se abaterá, até implantar o direito na terra e a lei que as ilhas esperam”.*

Muitos se prendem à expressão “meu servo”, como aplicação exclusiva a Jesus; entretanto podemos ver que várias outras personagens bíblicas também foram chamadas de meu servo como, por exemplo: Abraão (Gn 26,24), Moisés (Nm 12,7), Caleb (Nm 14,24), Davi (2Sm 3,18), Naamã (2Rs 5,6), Eliacim (Is 22,20), Nabucodonosor, rei da Babilônia (Jr 25,9), Zorobabel (Ag 2,23), Jacó (Ez 37,25) e, finalmente, Jó (Jó 1,8). Notemos que a expressão “meu servo”, conforme já falamos, também é atribuída ao próprio povo de Israel.

Em uma nota sobre esta passagem explicam:

É o primeiro “cântico do Servo de Javé”. Quem é esse Servo? De início, provavelmente, uma pessoa; depois essa pessoa foi tomada como figura coletiva, sendo aplicado a todo o povo pobre e fiel. O Servo é a grande novidade que Javé prepara: o missionário escolhido que, graças ao Espírito de Javé, recebe a missão de fazer que surja uma sociedade conforme a justiça e o direito. Ele não submeterá os fracos ao seu domínio, mas o seu agir acabará produzindo uma transformação radical: os cegos enxergarão e os presos serão libertos. Os evangelhos aplicam a Jesus a figura do Servo (cfe. Mt. 3,17 e paralelos; 12,17-21; 17,5). ( Bíblia Pastoral, p. 985-986).

Falando-se a respeito do livro de Isaías, colocam:

No livro estão inseridas quatro peças líricas, os “cânticos do Servo” (42,1-4 [5-9]); 49,1-6; 50,4-9 [10-11]; 52,13-53,12). Eles apresentam um perfeito servo de Iahweh, que reúne o seu povo e é a luz das nações, que prega a verdadeira fé, expia por sua morte os pecados do povo e é glorificado por Deus. Essas passagens estão incluídas entre as mais estudadas do Antigo Testamento, e não existe acordo nem quanto à sua origem nem quanto ao seu significado. A atribuição dos três primeiros cânticos ao Segundo Isaías é muito verossímil; é possível que o quarto seja obra de um dos seus discípulos. A identificação do Servo é muito discutida. Muitas vezes se tem visto nele uma figura da comunidade de Israel, à qual outras passagens do Segundo Isaías dão, de fato, o título de “servo”. Mas os traços individuais são marcados demais e é por isso que outros exegetas, que formam atualmente a maioria, reconhecem no Servo uma personagem histórica do passado ou do presente; nesta perspectiva, a opinião mais atraente é a que identifica o Servo com o próprio Segundo Isaías; o quarto cântico teria sido apresentado após sua morte. Combinaram-se assim as duas interpretações, considerando o Servo como um indivíduo que incorporava os destinos de seu povo. Seja como for, uma interpretação que se limitasse ao passado ou ao presente não explicaria suficiente os textos. O Servo é o mediador da salvação messiânica, que uma parte da tradição judaica, dava destas passagens, afora o aspecto sofrimento. (Bíblia de Jerusalém, p. 1239 ). (grifo nosso).

Apesar de sempre reconhecerem que a expressão o “Servo” se aplica ao povo de Israel, sempre apresentam um “porém”. Realmente, algumas vezes, é usado para um indivíduo, conforme já demonstramos; entretanto, não se trata de Jesus, mas de alguém da época que viria libertá-los. É o que também podemos depreender de Ehrman:

Para compreender o Segundo Isaías é importante reconhecer que é explicitamente o povo de Israel, evidentemente aqueles levados para o exílio, aquele chamado de "meu servo" (41:8). Com o profeta diz posteriormente, "Tu és meu servo Israel, aquele em que me glorificarei" (49:3). A importância disso é que algumas das passagens do Segundo Isaías foram vistas pelos primeiros cristãos como se referindo a nenhum outro além do messias, Jesus, que se acreditava ter sofrido pelos outros, dando a redenção. E de fato é difícil para cristãos familiarizados com o Novo Testamento ler passagens como Isaías 52:13-53:8 sem pensar em Jesus:

Eis que meu Servo prosperará,  
 ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas. (...)  
 Era desprezado e abandonado pelos homens,  
 homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento,  
 como pessoa de quem todos escondem o rosto;  
 desprezado, não fazíamos caso nenhum dele.  
 E, no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si,  
 nossas dores que ele carregava.  
 Mas nós o tínhamos como vítima do castigo,  
 ferido por Deus e humilhado.  
 Mas ele foi trespassado por causa de nossas transgressões,  
 esmagado por causa de nossas iniquidades.  
 O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele,  
 sim, por suas feridas fomos curados.  
 Todos nós como ovelhas, andávamos errantes,  
 seguindo cada um o seu próprio caminho,  
 mas o Senhor fez cair sobre ele  
 a iniquidade de todos nós.  
 Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca,  
 como cordeiro conduzido ao matadouro;  
 como ovelha que permanece muda na presença dos tosquiadores  
 ele não abriu a boca. (...)  
 [quem se preocupou] com o fato de ter sido cortado da terra dos vivos?  
 De ter sido ferido pela transgressão do seu povo?

Vários pontos são importantes para interpretar uma passagem tão poderosa. O primeiro foi o que apresentei em um capítulo anterior: os profetas de Israel não eram adivinhos com bolas de cristal olhando para o futuro distante (Jesus iria aparecer apenas cinco séculos depois); eles estavam levando a palavra de Deus a pessoas que viviam em sua própria época. Além disso, não há nada na passagem que sugira que o autor está falando sobre um futuro messias. Para começar, a palavra messias nunca aparece nessa passagem (leia você mesmo o livro inteiro). Ademais, é dito que os sofrimentos deste "servo" estão no passado, não no futuro. À luz desses pontos, é fácil ver por que, antes do cristianismo, nenhum intérprete judeu considerou que esta passagem indicava como seria o messias ou o que faria. O antigo judaísmo (antes do cristianismo) nunca teve uma ideia de que o messias iria sofrer pelos outros - por isso a enorme maioria de judeus rejeitou a ideia de que Jesus pudesse ser o messias. O messias devia ser uma figura de grandeza e poder - por exemplo, alguém como o poderoso rei Davi - que governaria o povo de Deus. E quem foi Jesus? Um criminoso crucificado, exatamente o oposto do que um messias seria. Finalmente, é importante reiterar o ponto fundamental: o autor do Segundo Isaías nos diz explicitamente quem é o "servo" que tinha sofrido; o próprio Israel, especificamente Israel levado para o exílio (41:8; 49:2).[8]

Os cristãos, claro, acabaram passando a pensar que esta passagem estava, sim, se referindo ao seu messias, Jesus. Direi algumas palavras sobre isso em breve. Por hora, a questão é o que o Segundo Isaías poderia ter querido dizer em seu próprio contexto histórico. Se esta passagem se refere a "meu servo, Israel": o que isso tudo significa?

Como os outros profetas, o Segundo Isaías acreditava que o pecado exigia punição. Israel, servo de Deus, exilado na Babilônia, tinha sofrido terrivelmente nas mãos de seus opressores. Esse sofrimento produziu expiação. Assim como um animal sacrificado no Templo produzia expiação do pecado, da mesma forma fizera Israel exilado. Ele tinha sofrido pelas transgressões dos outros. Usando uma metáfora na qual Israel é identificado como um indivíduo, um "servo do Senhor": o Segundo Isaías indica que o povo exilado tinha sofrido de



forma vicária por outros. Assim, a nação podia ser perdoada, retomar à relação certa com Deus e voltar à terra prometida.[9] Em outras palavras, a lógica dessa passagem está na compreensão clássica do sofrimento, a de que o pecado demanda uma punição e que o sofrimento é fruto da desobediência.

[8] Alguns estudiosos consideram o “servo” como um indivíduo (não a nação, ou parte da nação de Israel), uma espécie de representante do povo como um todo. Se essa visão fosse partilhada também pelos antigos leitores, isso levaria naturalmente à compreensão dos cristãos de que o indivíduo não era outro que não seu messias, Jesus. Ver a próxima nota.

[9] Para outras interpretações do “servo sofredor”, ver qualquer bom comentário sobre 2 Isaías, como Richard J. Clifford. *Fair Spoken and Persuading: An Interpretation of Second Isaiah*. Nova York: Paulist, 1984, ou Christopher Seitz: ‘The Book of Isaiah 40-66’, em *The New Interpreter’s Bible*, organizada por Leander Keck. Nashville: Abingdom, 2001, vol. 6, p. 307-551.

(EHRMAN, 2008, p. 74-78). (grifo nosso).

Aqui se confirma tudo que foi dito pelos outros exegetas. E queremos chamar a sua atenção para o que Ehrman explica sobre Isaías 52:13-53:8, uma vez que esse trecho bíblico será citado mais à frente.

Mt 13,13-15: *“Eis por que vos falo em parábolas: Para que vendo, não vejam, e ouvindo, não ouçam nem compreendam. Assim se cumpre para eles o que foi dito pelo profeta Isaías: ‘Ouvireis com vossos ouvidos e não entenderéis, olhareis com os vossos olhos e não vereis, porque o coração deste povo se endureceu: taparam os seus ouvidos, e fecharam os seus olhos para que seus olhos não vejam, e seus ouvidos não ouçam, nem seu coração compreenda; para que não se convertam e eu os sare’”*.

Profecia: Is 6,8-10: *“Em seguida ouvi a voz do Senhor que dizia: ‘Quem hei de enviar? Quem irá por nós?’, ao que respondi: ‘Eis-me aqui, envia-me a mim’. Ele me disse: ‘Vai e dize a este povo: Podereis ouvir certamente, mas não entenderéis; podereis ver certamente, mas não compreenderéis. Embora o coração deste povo, torna-lhe pesados os ouvidos, tapa-lhe os olhos, para que não veja com os olhos, não ouça com os ouvidos, seu coração não compreenda, não se converta e não seja curado’”*.

Essa passagem de Isaías se refere a ele mesmo, no início de sua vocação profética, conforme podemos comprovar em:

A prontidão de Isaías lembra a fé de Abraão (Gn 12,1-4) e contrasta com as hesitações de Moisés (Ex 4,10-12) e sobretudo de Jeremias (Jr 1,6). A pregação do profeta embaterá na incompreensão de seus ouvidos. Os imperativos aqui usados não devem causar ilusão, equivalem a indicações (cf. 29,9): Deus não quer essa incompreensão, ele a prevê, ela serve aos seus desígnios. Ela desvela o pecado do coração e precipita o julgamento; comparar com o endurecimento do faraó (Ex 4,21; 7,3 etc.) (Bíblia de Jerusalém, p. 1263-1264.).

Mt 13,34-35: *“Tudo isso Jesus falava em parábolas às multidões. Nada lhes falava sem usar parábolas, para se cumprir o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca para usar parábolas; vou proclamar coisas escondidas desde a criação do mundo’”*.

Profecia: Sl 77,2: *“Abrirei os lábios, pronunciarei sentenças, desvendarei os mistérios das origens”*.

No Salmo 77 (78), se relata:

Asafe recorda a história antiga da nação para advertir as gerações futuras contra a repetição da infidelidade. Ele convida (vv. 1-11) o povo a recordar sua provação de Deus no deserto (vv. 12-39), sua ingratidão durante o Êxodo (vv. 40-5), e a sua infidelidade durante o período dos juizes (vv. 56-72). (Bíblia Anotada, p. 746.).

Aqui, encontramos, outra vez, uma aplicação fora do contexto, já que dizem que essa frase se refere a uma profecia. Ora, nem mesmo disso o texto trata.

Vejamos, agora, a explicação dada para os versículos 1 e 2:

A história é instrução que ensina o povo a viver. Não é, porém, instrução direta. De fato, os acontecimentos são parábolas, que exigem participação para se captar o sentido delas. Tal sentido faz a história um enigma: é preciso ter a chave da fé para perceber que a história é o processo através do qual Deus age, levando o povo para a liberdade e a vida. (Bíblia Pastoral, p. 754).

Assim, fica claro que não se trata de uma profecia. E a título de curiosidade, vejamos como o versículo 2 é colocado nas Bíblias:

**Ave Maria:** *"Abrirei os lábios, pronunciarei sentenças, desvendarei os mistérios das origens".*

**Pastoral:** *"Vou abrir minha boca em parábolas, vou expor enigmas do passado".*

**Voices:** *"Vou abrir a boca para um provérbio e enunciar enigmas de tempos idos".*

"Pronunciarei sentenças", "parábolas" e "provérbio" não são palavras de mesmo sentido, ou seja, sinônimas, uma vez que cada uma tem um sentido próprio.

**Mt 17,5:** *"Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra, e da nuvem saiu uma voz que dizia: 'Este é o meu Filho amado, que muito me agrada. Escutem o que ele diz'".*

**Profecia: Is 42,1:** *"Vejam o meu servo, a quem eu sustento: ele é o meu escolhido, nele tenho o meu agrado".*

Novamente o capítulo 42 está sendo usado fora do contexto, embora poucos exegetas considerem esse passo de Mateus como uma profecia. Em qualquer passagem bíblica que pegarmos e tirarmos uma frase isolada do contexto, ela se aplicará ao que for do nosso interesse; não é mesmo?

**Mt 21,1-5:** *"... Então Jesus enviou dois discípulos, dizendo: 'Vão até o povoado, que está na frente de vocês. E logo vão encontrar uma jumenta amarrada, e um jumentinho com ela. Desamarrem, e tragam os dois para mim. Se alguém lhes falar alguma coisa, vocês dirão: 'O Senhor precisa deles, mas logo os mandará de volta'. Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta; 'Digam à filha de Sião: eis que o seu rei está chegando até você. Ele é manso e está montado num jumento, num jumentinho, cria de um animal de carga'".*

**Profecia: Zc 9,9:** *"Dance de alegria, cidade de Sião; grite de alegria, cidade de Jerusalém, pois agora o seu rei está chegando, justo e vitorioso. Ele é pobre, vem montado num jumento, num jumentinho, filho de uma jumenta".*

A sequência no versículo 10 nos dirá a quem se refere esta passagem; vejamos: *"Ele destruirá os carros de guerra de Efraim e os cavalos de Jerusalém; quebrará o arco de guerra. Anunciará paz a todas as nações, e seu domínio irá de mar a mar, do rio Eufrates até os confins da terra".* Mas, quem seria esse guerreiro que destruirá os carros de guerra? A nossa resposta é Alexandre Magno. Nesta época, ele marcha pela Síria, depois pela Fenícia, e finalmente pela Filístia. Assim, pelos acontecimentos, não se trata de profecia a respeito de Jesus. Como já dissemos, e agora reafirmamos, qualquer texto que pegarmos, poderemos aplicar ao que quisermos.

**Mt 21,42:** *"Então Jesus disse a eles: 'Vocês nunca leram na Escritura: 'A pedra que os construtores deixaram de lado tornou-se a pedra mais importante; isso foi feito pelo Senhor, e é admirável aos nossos olhos'?"*

**Profecia: Sl 118,22-23:** *"A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se pedra angular. Isso vem de Javé, e é maravilha aos nossos olhos".*

A explicação que encontramos para este Salmo é que:

A pedra...: diretamente é o povo israelita que foi rejeitado pelos construtores de impérios como indigna de seus planos grandiosos, mas foi por Deus escolhida para pedra angular do reino messiânico. Israel é aqui um tipo do Cristo, que, em sentido mais perfeito, afirmou ser a pedra angular. (Bíblia Barsa, p. 476).

A pedra angular, portanto, é o povo de Israel. Alguma dúvida? Então, podemos acrescentar, para esclarecer essa questão:

Canto solene de ação de graças, recitado alternadamente por um solista e pelo coro, durante a procissão ao templo para comemorar festivamente o dia da vitória de Deus sobre os inimigos de seu povo, libertado de um grande perigo nacional. Chegando à porta do santuário, a comitiva pede entrada, só franqueada aos justos, que conformam sua vida às exigências da lei divina. O motivo da exultação dos fiéis no templo é o amor de Deus, manifestado na eleição de Israel dentre todos os povos, para ser pedra angular no edifício da salvação da humanidade. Os construtores do edifício da história humana excluíam dos conchavos da política internacional um povo tão insignificante como Israel, o qual, porém, seguindo os desígnios de Deus, ocupa o lugar central na vida espiritual dos povos, por ser a chave do processo de estabelecer o reino de Deus na terra e o veículo de transmissão dos desígnios salvíficos de Deus na história. (Bíblia Vozes, p. 737-738).

Esse texto não deixa nenhuma dúvida sobre quem era a pedra angular.

Mt 26,31: *“Então Jesus disse aos discípulos: ‘Esta noite vocês todos vão ficar desorientados por minha causa, porque a Escritura diz: ‘Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão’”.*

Profecia: Zc 13,7: *“Espada, desperte contra o meu pastor e contra o homem da minha parentela – oráculo de Javé dos exércitos. Fira o pastor, para que as ovelhas se dispersem, pois vou virar a minha mão contra os pequenos”.*

Para um melhor entendimento desta passagem, iremos juntar várias notas, tiradas da mesma fonte, que explicam muito bem o que está ocorrendo. Vejamos:

O primeiro ato exigido para reunificação é reconhecer Javé como único absoluto (olharão para mim). Em seguida, reconhecer os pecados da idolatria cometidos. O “transpassado” aqui, designa o próprio povo que, por seus pecados, sofreu a punição do exílio. O processo de purificação não é simplesmente um ato; é uma atitude, um processo contínuo, que exige a refontização da própria vida em Deus (fonte). O processo é doloroso (espada – v. 7 – e fogo – v. 9). Espada: os judeus deixaram de ter um rei (pastor) depois da destruição de Jerusalém, e o povo mais pobre, sem um ponto de união, se dispersou pelo país. Fogo: é o exílio na Babilônia, onde foi testada a fidelidade de Israel. (Bíblia Pastoral, p. 1225).

Mais uma vez, nós percebemos que se fala do povo de Israel; não é de uma pessoa específica; portanto, não se poderia aplicá-la a Jesus.

Mas, se fazem questão de “descobrir” o cumprimento de profecias, vamos ver o versículo 8 de Zacarias, que é a sequência do versículo citado: *“E acontecerá em toda a terra – oráculo de Javé – que dois terços serão eliminados e somente um terço restará. Farei essa terça parte passar pelo fogo, para apurá-la como se apura a prata, para prová-la como se prova o ouro”.* Quando foi que isso aconteceu? Ou, se não aconteceu, quando será que isso acontecerá? Veja: Deus eliminando dois terços da humanidade e só salvando um terço; seria uma atitude justa? Um pai de misericórdia agiria assim para com seus filhos?

Mt 26,55-56: *“E nessa hora, Jesus disse às multidões: ‘Vocês saíram com espadas e paus para me prender, como se eu fosse um bandido’. Todos os dias, no Templo, eu me sentava para ensinar, e vocês não me prenderam. Porém, tudo isso aconteceu para se cumprir o que os profetas escreveram”.*

Profecia: Não especificada.

Não foi informada a qual profecia refere-se essa passagem. Não encontraram nada que pudesse se enquadrar nela. Sabe por que, caro leitor? É porque ela não existe.

Mt 27,6-9: *“Recolhendo as moedas, os chefes dos sacerdotes disseram: ‘É contra a Lei colocá-las no tesouro do Templo, porque é preço de sangue’. Então discutiram em*

*conselho, e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, para aí fazer o cemitério dos estrangeiros. É por isso que esse campo até hoje é chamado de Campo de Sangue. Assim se cumpriu o que tinha dito o profeta Jeremias: 'Eles pegaram as trinta moedas de prata – preço com que os israelitas o avaliaram – e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, conforme o Senhor me ordenou'".*

Profecia: Não se encontra nada igual nem parecido em Jeremias.

Encontramos a seguinte explicação para esse fato:

Estas palavras são encontradas em Zc 11:12-13, com alusões a Jr 18:1-4 e 19:1-3. Foram atribuídas a Jeremias pois, no tempo de Jesus, os livros dos profetas eram iniciados com Jeremias, não com Isaías como hoje, e a citação é identificada pelo primeiro livro do volume, e não pelo nome do livro específico do seu autor. (Bíblia Anotada, p. 1229).

Vejamos então o que se pode encontrar em Zc 11,12-13: *Então eu disse: "Se estão de acordo, façam o meu pagamento; se não, deixem". Então eles pesaram o dinheiro do meu pagamento: trinta siclos de prata. E Javé me disse: "Envie ao fundidor este preço fabuloso com que fui avaliado por eles..."*.

Mas, como explicação para essa passagem de Zacarias lemos: "Por ter o povo rejeitado o ministério do bom pastor, ele pediu por seu salário o preço de um simples escravo. Zacarias representava o papel do Messias futuro" (Bíblia Anotada, p. 1165).

Vejamos a seguinte nota:

Um governador tem direito a ordenado (cf. Ne 5,15). Aqui o ordenado pago alegoricamente pelas classes dirigentes ao profeta (representando Iahweh) é irrisório, o preço de um escravo. Em resumo, zombam de Iahweh! Mt. 27,3-10, aplicou os vv. 12-13 a Cristo, do qual o profeta, tomando o lugar de Iahweh desprezado, aparece aqui como o "tipo". (Bíblia de Jerusalém, p. 1678).

Todavia, ainda temos que completar essa nota; para isso, vamos à nota que consta de Mateus:

Om. (omissão): 'Jeremias'. Trata-se, de fato, de uma citação livre de Zc 11,12-13, combinada com a ideia da compra de um campo sugerida por Jr 32,6-15. Isso juntamente com o fato de que Jeremias fala em oleiros (18,2s), que se encontravam na região de Hacéldama (19,1s), explica que todo o texto podia ser-lhe atribuído por aproximação. (Bíblia de Jerusalém, p. 1754 ).

Percebemos que a realidade é bem diferente, já que não se trata de uma profecia, mas de um fato ocorrido, em que:

Zacarias falando em nome de Deus pergunta se ainda querem que Ele continue a governá-los, se sim, que Lhe deem o salário devido ao governador. As trinta moedas eram um preço irrisório, mais de zombaria do que de recompensa, pois eram a indenização que a lei estabelecia que se pagasse ao dono de um escravo que alguém tivesse morto. (Bíblia Barsa, p. 769).

Entretanto, chega-se a misturar duas passagens bíblicas para tentar justificar uma suposta profecia.

*Mt 27,35: E, havendo-o crucificado, repartiram as suas vestes, lançando sortes, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Repartiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica lançaram sortes.*

Profecia: **SI 22,19: Entre si repartem minhas vestes, e sorteiam a minha túnica.**

A título de curiosidade, informamos que o trecho sublinhado, na citação de Mateus, não existe em algumas Bíblias. Aí perguntamos: Como podem ser todas verdadeiras, se divergem entre si?

Encontramos como explicação para o Salmo 22, cujo autor é o profeta Davi, o seguinte:

Este Salmo é uma das expressões mais profundas do sofrimento, nas orações bíblicas. É composto de duas partes: lamentação individual (2.22) e cântico de ação de graças (23.32). O salmista, abandonado e solitário em sua dor, privado da presença divina, apela ao Deus da santidade, lembrando-lhe as promessas relativas aos justos. Depois de relatar seus sofrimentos morais e espirituais, alude, em sucessão trágica, às dores físicas, aos tormentos corporais e ao terror da morte. Do extremo da dor passa à certeza da esperança: a salvação está assegurada e já está próxima, tanto assim que já pode convidar a comunidade dos fiéis a unir-se a ele no louvor a Deus, cujo desígnio de salvação se estende ao mundo inteiro e às gerações futuras. ( Bíblia Vozes, p. 679).

Qual a conclusão que podemos tirar disso? É que todo o Salmo 22 se refere a Davi, que lamenta a sua própria sorte, não sendo, portanto uma profecia. Veja que, até aqui, muitas passagens que são tidas como profecias, na verdade não o são; são apenas fatos ou acontecimentos localizados, ou daquela época; nada mais que isso.

Devemos ressaltar também que, segundo Mateus e Marcos, Jesus citando esse Salmo disse: *"Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"* (Sl 22,2). Não sabemos se são realmente palavras pronunciadas por Jesus ou se O fizeram falar isso, já que percebemos a nítida preocupação em identificá-lo como um Messias, objeto de várias profecias.

Mt 27,57-60: *"Ao entardecer, chegou um homem rico de Arimateia, chamado José, que também se tornara discípulo de Jesus. Ele foi procurar Pilatos, e pediu o corpo de Jesus. Então Pilatos deu ordem para que o cadáver fosse entregue a José. José, tomando o corpo, o envolveu num lençol limpo, e o colocou num túmulo novo, que ele mesmo havia mandado escavar na rocha. Em seguida, rolou uma grande pedra para fechar a entrada do túmulo, e retirou-se".*

Profecia: Is 53,9: *"Foi-lhe dada sepultura ao lado de facinoras e ao morrer achava-se entre malfeitores, se bem que não haja cometido injustiça alguma, e em sua boca nunca houvesse mentira".*

Embora a Bíblia Sagrada Ave Maria não cite essa passagem como cumprimento de alguma profecia, resolvemos incluí-la, pois algumas outras Bíblias fazem isso.

O capítulo 53 de Isaías já foi objeto de comentários. Mas aqui merece ressaltarmos uma outra versão para este versículo pelas Bíblias Pastoral, Anotada, a de Jerusalém, e Barsa: *"A sepultura dele foi colocada junto com a dos ímpios, e seu túmulo junto com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca".* Prestem bem atenção, pois aqui verificamos que o trecho *"e ao morrer achava-se entre malfeitores"* (Is 53,9), não é comum a todas as Bíblias, provando que até mesmo mudam a tradução para justificar seus dogmas, aqui, no caso, a adulteração veio para legitimar que Jesus teria morrido entre dois ladrões.

Por outro lado, ainda é bastante questionável a narrativa de Mateus quando coloca José de Arimateia na história, senão vejamos:

É crença generalizada que o túmulo em que Jesus foi posto naquele fim de tarde pertencia a José de Arimateia. Não é o caso. Esse erro se deve a uma breve glosa editorial do evangelho de Mateus, e nenhuma outra fonte que conhecemos sustenta essa teoria (Mateus 27:60).(1) Os evangelhos de Marcos e Lucas dizem apenas que "levaram o corpo e o colocaram em uma tumba talhada na rocha". O evangelho de João nos fornece um importante detalhe adicional: "No local em que Jesus fora crucificado havia um jardim, e no jardim havia uma tumba, onde ninguém ainda tinha sido sepultado" (João 19:41). É improvável que uma tumba recém-talhada, convenientemente localizada perto do local onde Jesus tinha sido crucificado, por casualidade pertencesse a José de Arimateia. Fato é que não temos a menor ideia de quem era o dono dessa tumba. Tinha sido recentemente talhada na rocha e ainda não fora usada, resolvendo, portanto, a situação de emergência que José e Nicodemos enfrentavam. [...]

(1) A afirmação de Mateus, de que José de Arimateia depositou Jesus em “sua tumba nova, que havia aberto em rocha”; é um acréscimo editorial aparentemente sem qualquer base histórica. Sabemos que a única fonte de Mateus sobre a morte e o sepultamento de Jesus foi o evangelho de Marcos. Como Marcos nada diz sobre José ser dono da tumba, e Lucas, que também usa Marcos como fonte, não possui essa alegação, fica claro que Mateus acrescentou essa ligação, provavelmente por razões teológicas. Décadas após a morte de Jesus, quando Mateus escreveu seu evangelho, os cristãos estavam dispostos a provar que Jesus era a figura do “servo sofredor” de Isaías 53. Uma das coisas que diz Isaías sobre essa figura é que “puseram sua sepultura com os ímpios e com o rico na sua morte” (Isaías 53:9). Aparentemente, Mateus embarcou na ideia de um “homem rico” e queria atribuí-la a José de Arimateia, como forma de demonstrar que Jesus cumpria a profecia. Mateus tinha como característica editar suas fontes, na tentativa de inserir cumprimentos de profecias na vida de Jesus. Ele o faz dezenas de vezes. Mateus parece estar tão sequioso para extrair essa citação de Isaías 53:9, que parece ignorar o fato de que esse texto, caso aplicado a José de Arimateia, iria caracterizá-lo não só como “rico”; como também “ímpio”

(TABOR, 2006, p. 239-240). (grifo nosso).

Mais uma vez, nós estamos vendo a teologia ajustando os fatos aos dogmas instituídos pelos teólogos.

Tabor tem plena razão quando diz que “Mateus embarcou na ideia de um “homem rico” e queria atribuí-la a José de Arimateia”, pois é o único evangelho que afirma essa condição dele, conforme pode-se comprovar:

*Mt 27,57: “Ao entardecer, chegou um homem rico de Arimateia, chamado José, que também se tornara discípulo de Jesus”.*

*Mc 15,42-43: “Ao entardecer, como era o dia da Preparação, isto é, a véspera do sábado, chegou José de Arimateia. Ele era membro importante do Sinédrio, e também esperava o Reino de Deus”.*

*Lc 23,50-51: “Havia um homem bom e justo, chamado José. Era membro do Conselho, mas não tinha aprovado a decisão, nem a ação dos outros membros. Ele era de Arimateia, cidade da Judeia, e esperava a vinda do reino de Deus”.*

*Jo 19,38: “José de Arimateia era discípulo de Jesus, mas às escondidas, porque ele tinha medo das autoridades dos judeus. [...]”.*

Assim, a qualificação de José de Arimateia como homem rico tem mesmo tudo a ver como algo por conta do autor do evangelho em questão, que, como estamos vendo, fez de tudo para ligar Jesus às supostas profecias do Antigo Testamento, dando a Ele, a condição, de ser o Messias esperado pelo povo hebreu.

*Mc 15,27-28: Com ele crucificaram dois bandidos, um à direita e outro à esquerda. Desse modo cumpriu-se a Escritura que diz: “Ele foi incluído entre os fora-da-lei”.*

*Profecia: Is 53,12: Pois isso eu lhe darei multidões como propriedade, e com os poderosos repartirá o despojo: porque entregou seu pescoço à morte e foi contado entre os pecadores, ele carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos pecadores.*

Quanto ao capítulo 53 de Isaías, já tivemos oportunidade de falar anteriormente; não cabe aqui nenhuma nova observação.

*Lc 4,16-21: Jesus foi à cidade de Nazaré, onde se havia criado. Conforme seu costume, no sábado entrou na sinagoga, e levantou-se para fazer a leitura. Deram-lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus encontrou a passagem onde está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor”. Em seguida Jesus fechou o livro, o entregou na mão do ajudante, e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então Jesus começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu essa passagem da Escritura, que vocês acabaram de ouvir”.*

*Profecia: Is 61,1-2: O Espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu.*

*Ele me enviou para dar a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros, para promulgar o ano da graça de Javé, o dia da vingança do nosso Deus, e para consolar todos os aflitos, os aflitos de Sião.*

Em consulta, no Novo Testamento, vemos que dos dois discípulos diretos de Jesus, Mateus e João, somente o primeiro fala desse acontecimento, mas nada fala sobre a leitura do livro de Isaías. Marcos e Lucas, que não foram discípulos, como sabemos, compuseram suas narrativas por pesquisas ou informações obtidas de outras pessoas e, quem sabe, de textos já existentes. Marcos age como Mateus, ou seja, registra o episódio sem citar a leitura. Somente Lucas é quem cita a leitura, o que já nos deixa intrigados e num questionamento sobre se o fato foi real ou não.

As explicações sobre essa passagem de Isaías podem nos ajudar a entender o texto; vejamos:

O profeta, muito provavelmente o autor dos caps. 60 e 62, anuncia que recebeu de Deus uma mensagem de consolação (vv.1-3): reconstruir-se-á (v. 4); os estrangeiros assegurarão as necessidades materiais de Israel, transformando em povo de sacerdotes e cumulado de glória (vv. 5-7); Deus toma a palavra para estabelecer aliança eterna (vv. 8-9). Os vv. 10-11 são uma ação de graças do profeta que fala em nome de Sião. Este poema repercute os cânticos do Servo (cf. 42,1; 42,7; 49,49, e também 50,4-11, onde quem fala é o Servo, como aqui). (Bíblia de Jerusalém, p. 1352).

Do que concluímos que são citações que se aplicam a Isaías e não uma profecia. Mas, supondo que Jesus tenha realmente lido essa passagem de Isaías, isso por si só não a torna uma profecia. O que ocorre é que Jesus aplicou à sua missão uma origem divina, afirmando que estaria agindo pelo Espírito de Deus, que permanecia sobre ele; essa é uma certeza que temos. Independentemente de alguma profecia, isso poderia acontecer; mas, nem sempre, o homem está em plenas condições vibracionais de receber as instruções do plano espiritual, transmitidas à humanidade por vontade do Criador; por isso muitas vezes as deturpa ou as modifica, conforme sua maneira de pensar. Com isso não estamos negando o valor inestimável de seus ensinamentos; muito ao contrário, já que achamos que Ele é inigualável em tudo que fez, disse ou exemplificou.

*Lc 18,31-33: Tomando consigo os doze, disse-lhes: “Eis que subimos a Jerusalém e se cumprirá tudo o que foi escrito pelos Profetas a respeito do Filho do Homem. De fato, ele será entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado, coberto de escarros, depois de açoitar, eles o matarão. E no terceiro dia ressuscitará”.*

Profecia: Não especificada.

Realmente não existe nenhuma profecia a respeito de que, especificamente, alguém deveria ressuscitar no terceiro dia. Aliás, Mateus (20,17-19) e Marcos (10,32-34), quando relatam esse episódio não estabelecem relação a nenhuma profecia. Entretanto em Os 6,1-2 encontramos o seguinte pensamento: *“Vinde, e tornemos para o Senhor, porque Ele despedaçou, e nos sarará, fez a ferida, e a ligará. Depois de dois dias nos dará a vida: ao terceiro dia nos ressuscitará, e viveremos diante dele”* (Bíblia Sagrada - SBB).

Vejamos o que encontramos a respeito dessa passagem:

a) Para caracterizar a superficial conversão de Israel, o profeta recorre a uma possível fórmula penitencial da época (cf. 1Rs 8,31-53; Jr 3,21-25; Sl 85) (Bíblia Vozes, p. 1117);

b) Depois de dois dias... terceiro dia. I.e., num curto espaço de tempo (veja Lc 13,32-33; 2Pe 3, 8) (Bíblia Anotada, p. 1101);

c) A expressão “depois de dois dias”, “no terceiro dia” (cf. Am 1,3: “por três crimes de Damasco e por quatro”) designa breve lapso de tempo. Desde Tertuliano a tradição cristã aplicou este texto à ressurreição de Cristo no terceiro dia. Mas o NT não o cita jamais; neste contexto é lembrada a estada de Jonas no ventre do peixe (Jn 2,1 = Mt 12,40). Contudo é possível que a menção da ressurreição no terceiro dia “conforme as escrituras” (1Cor 15,4, cf. Lc. 24,16)

do querigma primitivo e dos símbolos de fé se refira ao nosso texto interpretado de acordo com as regras exegéticas da época. ( Bíblia de Jerusalém, p. 1591).

O que tomam como ressurreição é, na verdade, outra coisa bem diferente. Observe que até mesmo o significado da expressão *“depois de dois dias... terceiro dia”* diz respeito ao que ocorreria num curto espaço de tempo, não como uma ressurreição ao terceiro dia. Mais claro isso fica quando pegamos uma outra versão dessa passagem de Oseias: *“Vinde, e tornemos para o Senhor, porque ele nos despedaçou, e nos sarará; fez a ferida, e ligará. Depois de dois dias nos revigorará; ao terceiro dia levantará, e viveremos diante dele”*.(Bíblia Anotada, p. 1101). Aqui percebemos, nitidamente, não se tratar de ressurreição, mas de levantar alguém que, após vários castigos, fica quase desfalecido, sendo revigorado por Deus, num curto espaço de tempo.

*Lc 24,25.27.44-47: Ele, então, lhes disse: “Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! E, começando por Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito”. Depois disse-lhes: “São estas as palavras que eu vos falei, quando ainda estava convosco: era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”. Então abriu-lhes a mente para que entendessem as Escrituras, e disse-lhes: “Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu Nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém.*

Profecia: Não especificada.

Apesar de também se tratar de mais uma profecia que não se identifica onde ela se encontra, podemos colocar os argumentos da anterior, já que aqui também é dito sobre ressuscitar ao terceiro dia.

Por tudo o que estamos vendo até aqui, já não temos mais nenhuma certeza de que Jesus tenha realmente dito qualquer palavra sobre alguma profecia a Seu respeito, o que nos leva a supor que, simplesmente, foram utilizadas palavras adequadas, às conveniências dos “donos” da religião, ou às dos tradutores, atribuindo-as ao Mestre. Aliás, segundo um grupo de especialistas, reunidos para estudar o evangelho (The Jesus Seminar), somente 16%<sup>3</sup> do que Lhe tenham atribuído é provável que tenha realmente falado.

*Jo 5,46: Se vocês acreditassem em mim, porque foi a respeito de mim que Moisés escreveu.*

Profecia: *Dt 18,15: Javé seu Deus fará surgir, dentre seus irmãos, um profeta como eu em seu meio, e vocês o ouvirão.*

Se tivermos a preocupação de ler todo o contexto de Dt 18, iniciando, para uma completa elucidação, a partir do versículo nove, indo até o final desse capítulo, veremos que não se trata de um profeta em particular. Informação que podemos confirmar pela nota: “Um profeta: esse texto anuncia a vinda, não de uma determinada pessoa, mas de uma série de profetas, que falavam, como Moisés, sob o impulso da inspiração”. (Bíblia Ave Maria, p. 234).

E, para dirimir quaisquer dúvidas, podemos colocar o final desse texto bíblico:

*“Foi o que você me pediu a Javé seu Deus, no Horeb, no dia da assembleia: ‘Não quero continuar ouvindo a voz de Javé meu Deus, nem quero ver mais este fogo terrível, para não morrer’. Javé me disse: “Eles têm razão: Do meio dos irmãos deles, eu farei surgir para eles um profeta como você. Vou colocar minhas palavras em sua boca, e ele dirá para eles tudo o que eu lhe mandar. Se alguém não ouvir as minhas palavras, que esse profeta pronunciar em meu nome, eu mesmo pedirei contas a essa pessoa. Contudo, se o profeta tiver a ousadia de dizer em meu nome alguma coisa que eu não tenha mandado, ou se ele falar em nome de outros deuses, tal profeta deverá ser morto”. Talvez você se pergunte: “Como vamos distinguir se uma palavra não é palavra de Javé?” Se o profeta falar em nome de Javé, mas a palavra não se cumpre e não se realiza, trata-se então de uma palavra que Javé não disse. Tal profeta falou com presunção. Não tenha medo dele”. (Dt 18,16-22).*

<sup>3</sup> [http://www.westarinstitute.org/Jesus\\_Seminar/jesus\\_seminar.html](http://www.westarinstitute.org/Jesus_Seminar/jesus_seminar.html), acesso em 25/08/06 às 14:17hs.



Assim, não há que se falar em um profeta específico, já que aqui se trata de como distinguir quem é um verdadeiro profeta. Portanto, valendo para todos os profetas posteriores a Moisés. Não se aplica a uma profecia sobre a vinda de Jesus. Se se aplicasse a Jesus, a ameaça atingiria a Ele.

Por outro lado, se Moisés fala em “um profeta como eu”, isso equivale a dizer que seria um profeta igual a ele; entretanto, na Bíblia temos o reconhecimento de que Jesus é superior a Moisés. Quem duvidar é só verificar em Hb 3,1-6.

*Jo 12,37-41: Apesar de Jesus ter realizado na presença deles tantos sinais, não acreditaram nele. Assim se cumpriu a palavra dita por Isaías: “Senhor, quem acreditou em nossa mensagem? Para quem foi revelada a força Senhor?” O próprio Isaías mostrou a razão pela qual eles não podiam acreditar: “Deus cegou os olhos deles e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos e não compreendam com o coração, a fim de que não se convertam, e eu tenha que curá-los”. Isaías falou assim, porque viu a glória de Jesus e falou a respeito dele.*

Profecia: **Is 53,1:** *Quem acreditou em nossa mensagem? Para quem foi mostrado o braço de Javé?* e **Is 6,10:** *Torne insensível o coração desse povo, ensurdeça os seus ouvidos, cegue seus olhos, para que ele não veja com os olhos nem ouça com os ouvidos, nem compreenda com o seu coração, nem se converta, de modo que eu não o perdoe.*

Esta passagem é parecida com Mt 13,13-15, cuja citação da profecia de Isaías é a mesma (6,10), que comentamos mais no início desse estudo. Quanto ao capítulo 53, de Isaías já falamos anteriormente.

*Jo 13,18: Eu não falo de todos vocês. Eu conheço aqueles que escolhi, mas é preciso que se cumpra o que está na Escritura: “Aquele que come pão comigo, é o primeiro a me trair!”.*

Profecia: **Sl 41,10:** *Até o meu amigo, em que eu confiava e que comia do meu pão, é o primeiro a me trair.*

Situação acontecida com Davi. De fato, um amigo, o seu próprio conselheiro, o trai, conforme podemos deduzir das narrativas de 2Sm 15,12.31:

*Enquanto fazia os sacrifícios, Absalão mandou buscar, na cidade de Gilo, o gilonita, Aquitofel, que era conselheiro de Davi. A conspiração se fortalecia e o partido de Absalão aumentava. E disseram a Davi: “Aquitofel se uniu à conspiração de Absalão”. Davi, então, rezou: “Javé, faze com que o plano de Aquitofel fracasse”.*

É impressionante como tomam coisas que nada têm a ver com o que querem demonstrar.

*Jo 15,23-25: Aquele que me odeia, odeia também a meu Pai. Se eu não tivesse feito entre eles obras, como nenhum outro fez, não teriam pecado: mas agora as viram e odiaram a mim e a meu Pai. Mas foi para que se cumpra a palavra que está escrita na Lei: ‘Odiaram-me sem motivo’.*

Profecia: **Sl 35,19:** *Que não se alegrem à minha custa meus inimigos traidores. Que não pisquem os olhos aqueles que me odeiam sem motivo!* e **Sl 69,5:** *Mais que os cabelos da minha cabeça, são os que me odeiam sem motivo. Mais duros que meus ossos, são os que injustamente me atacam. (Deveria eu devolver aquilo que não roubei?).*

Existe aqui uma coisa que não condiz com a realidade. Trata-se da expressão “*está escrito na Lei*”, atribuída a Jesus, pois o correto não seria “na Lei”, já que a palavra Lei significava, naquele tempo a Torá, o Pentateuco de Moisés, e as profecias citadas não se encontram nela, mas nos Salmos, que faziam parte daquilo que os judeus chamavam de *Ketuvim* ou Escritos (SILVA, 2001, p. 36).

Com referência ao Salmo 35, encontramos:

Neste salmo imprecatório, Davi pede ao Senhor que o livre e traga destruição

sobre seus inimigos (vv. 1-10), lamenta o ódio não justificado de seus inimigos contra ele (vv.11-16) e volta a solicitar a Deus livramento e justiça (vv. 17-28). É provável que tenha sido escrito numa época em que Davi estava sendo perseguido por Saul, sendo, em certo sentido, um desenvolvimento de 1Sm 24:15. A impressão não é contra o próprio Saul (pois Davi poupou sua vida), mas contra aqueles que fomentavam o ciúme doentio que Saul sentia de Davi. (Bíblia Anotada, p. 717).

É um fato presente vivido por Davi, não uma previsão para uma ocorrência futura.

No Salmo 69, isso não é diferente; senão vejamos: “Este lamento pode ser esboçado da seguinte maneira: o desespero de Davi durante a perseguição (vv. 1-12), seu desejo de punição (para seus inimigos) (vv. 13-28), e sua declaração de louvor (vv. 29-36)” ( Bíblia Anotada, p. 739). Portanto, nenhuma das duas citações é realmente profecia, já que ambas se referem a situações momentâneas, não para o futuro.

*Jo 17,12: Quando eu estava com eles, eu os guardava em teu nome, o nome que me deste. Eu os protegi e nenhum deles se perdeu, a não ser o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura.*

Profecia: Não especificada.

Aqui temos, mais uma vez, uma suposta profecia para a qual não se encontra nenhuma passagem que possamos relacionar a ela.

*Jo 18,8-9: Jesus falou: “Já lhes disse que sou eu. Se vocês estão me procurando, deixem os outros ir embora”. Era para se cumprir a Escritura que diz: “Não perdi nenhum daqueles que me destes”.*

Profecia: Não especificada.

Vale as mesmas observações da passagem anterior.

*Jo 19,33-37: Vendo que Jesus estava morto, não lhe quebraram as pernas, mas um soldado lhe atravessou o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água. E aquele que viu, dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro. E ele sabe que diz a verdade, para que também vocês acreditem. Aconteceu isso para se cumprir a Escritura que diz: “Não quebraram nenhum osso dele”. E outra passagem que diz: “Olharão para aquele que transpassaram”.*

Profecia: **Ex 12,46:** *Cada cordeiro deverá ser comido dentro de uma casa; e nenhum pedaço de carne deverá ser levado para fora; e dele não se deverá quebrar nenhum osso; Sl 34,21:* *Javé protege os ossos do justo: nenhum deles será quebrado e Zc 12,10:* *Quanto àquele que transpassaram, chorarão por ele como se chora pelo filho único; vão chorá-lo amargamente, como se chora por um primogênito.*

É incrível, repetimos, como buscam relacionar determinadas passagens como sendo proféticas, quando a realidade é bem outra, ou seja, são fatos do dia a dia e não profecia relacionada a algum evento futuro. E mesmo quando relacionada ao futuro, ele estava próximo, não longínquo. Vejamos, pela enésima vez, mais um exemplo, o passo Ex 12,46. Nós não podemos pegá-lo isolado do seu contexto, pois, agindo assim, estaremos desvirtuando sua interpretação ou até mesmo querendo “forçar a barra”, para que esse fato se amolde ao que queremos. Portanto, vamos iniciar a partir do versículo 43: *Javé disse a Moisés e Aarão: “Assim será o ritual da Páscoa: nenhum estrangeiro comerá dela. Os escravos que você tiver comprado por dinheiro, poderão comer dela se forem circuncidados. Quem estiver de passagem e os mercenários não comerão dela”.* Agora sim, é que se segue o versículo 46, já citado. Como se vê nesta passagem estão as determinações de Javé a respeito de como os judeus deveriam celebrar a Páscoa, com instruções bem específicas a respeito dos cordeiros, que deveriam ser mortos para serem comidos durante a celebração. É em relação a esses cordeiros, que Deus determina que nenhum dos ossos deveria ser quebrado. Fora disso, podemos concluir que são apenas conjecturas pessoais; dos teólogos, dos autores bíblicos, ou dos tradutores.

Quanto ao Sl 34,21, é uma oração de agradecimento que Davi faz a Deus, por ter ficado livre de Abimelec, que o perseguia, e para se livrar dele Davi, fingiu de louco. A respeito

dos vv. 12-23, explicam:

Grande catequese, centrada no temor de Javé. Trata-se de reconhecer que Deus é Deus, e que o homem não é Deus. Em seguida, é preciso empenhar a própria vida na luta pela verdade e justiça, para que todos possam viver dignamente. Essa é a luta que constrói a paz. Nessa luta Javé toma partido dos justos, ouvindo o seu clamor, libertando-os e protegendo-os. Por outro lado, Javé se posiciona contra os injustos, que são destruídos pelo próprio mal que produzem. (Bíblia Pastoral, p. 704-705).

O que demonstra tratar-se de algo relacionado ao próprio salmista Davi.

E em relação a Zc 12,10, encontramos a seguinte explicação para os versículos de 12,9 a 13,1: "O primeiro ato exigido para a reunificação é reconhecer Javé como único Absoluto (olharão para mim). Em seguida, reconhecer os pecados da idolatria cometidos. O "transpassado", aqui, designa o próprio povo que, por seus pecados, sofreu a punição do exílio" (Bíblia Pastoral, p 1225). Ficando, portanto, claro que "transpassado" é o próprio povo e não uma profecia a respeito de Jesus, fato que já concluímos anteriormente em análise de outra passagem.

At 8,30-35: *Filipe correu, ouviu o eunuco ler o profeta Isaías, e perguntou: "Você entende o que está lendo?" O eunuco respondeu: "Como posso entender, se ninguém me explica?" Então convidou Filipe a subir e sentar-se junto a ele. A passagem da Escritura que o eunuco estava lendo era esta: "Ele foi levado como ovelha ao matadouro. E como um cordeiro perante o seu tosquiador, ele ficava mudo e não abria a boca. Eles o humilharam e lhe negaram a justiça. Quem poderá contar seus seguidores? Porque eles o arrancaram da terra dos vivos". Então o eunuco disse a Filipe: "Por favor, me explique: de quem o profeta está dizendo isso? Ele fala de si mesmo, ou se refere a outra pessoa? Então Filipe foi explicando. E, tomando essa passagem da Escritura como ponto de partida anunciou Jesus ao eunuco.*

Profecia: *Is 53,7-12: Foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; tal como cordeiro, ele foi levado para o matadouro; como ovelha muda diante do tosquiador, ele não abriu a boca. Foi preso, julgado injustamente; e quem se preocupou com a vida dele? Pois foi cortado da terra dos vivos e ferido de morte por causa da revolta do meu povo. A sepultura dele foi colocada junto com a dos ímpios, e seu túmulo junto com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca. No entanto, Javé queria esmagá-lo com o sofrimento: se ele entrega a sua vida em reparação pelos pecados então conhecerá os seus descendentes, prolongará a sua existência e, por meio dele, o projeto de Javé triunfará. Pelas amarguras suportadas, ele verá a luz e ficará saciado, Pelo seu conhecimento, o meu servo justo devolverá a muitos a verdadeira justiça, pois carregou o crime deles. Por isso eu lhe darei multidões como propriedade, e com os poderosos repartirá o despojo: porque entregou seu pescoço à morte e foi contado entre os pecadores, ele carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos pecadores.*

A respeito do capítulo 53 do livro de Isaías já fizemos anteriormente nossos comentários. Não o faremos novamente, para não nos tornarmos mais repetitivos do que o necessário.

Rm 11,26-27: *Então, todo o Israel será salvo, como diz a Escritura: "De Sião sairá o libertador, ele vai tirar as impiedades de Jacó; essa será a minha aliança com eles, quando eu perdoar os seus pecados".*

Profecia: *Is 59,20-21: Mas de Sião virá um redentor, a fim de agastar os crimes cometidos, contra Jacó – oráculo de Javé. Da minha parte, esta é a minha aliança com eles, diz Javé: O meu Espírito está sobre você, e as minhas palavras, que eu coloquei em sua boca, jamais se afastarão dela, nem da boca de seus filhos, nem da boca de seus netos, desde agora e para sempre, diz Javé, e Is 27,9: Pois é assim que a culpa de Jacó será apagada; será esse o fruto por ele se agastar do seu pecado, quando ele reduziu todas as pedras do altar a pedras de cal que se transformaram em pó, quando não mais erguer postes sagrados e altares de incenso.*

As explicações para o capítulo 59, versículos 1-21, são dadas da seguinte maneira:

Aqui temos uma espécie de liturgia penitencial (cf. Jl 1-2; Jr 36) onde os temas do pecado e seu castigo se sucedem e alternam. Na situação difícil dos primeiros decênios do pós-exílio o povo tem a impressão que a Deus falta poder e vontade para trazer tempos melhores (v. 1). Mas como em 50,1-2 também aqui o profeta responde que a salvação demora por causa dos pecados do povo contra Deus e contra o próximo. ( Bíblia Vozes, p. 946).

A explicação é suficiente para chegarmos à conclusão de que não se trata de uma profecia, mas de liturgia penitencial. E, novamente, a título de curiosidade, temos a informação de que o versículo 21 é “prosaico e obscuro, parece um acréscimo” ( Bíblia Ave Maria, p. 1021). Precisamos dizer mais alguma coisa?

Duas explicações semelhantes encontramos para a passagem Is 27,6-9. A primeira diz: “Deus corrige os erros do seu povo, e muito mais os erros de seus inimigos, pois seu povo conhece seu projeto, enquanto os inimigos o desconhecem. Todavia, se a comunidade abandona os ídolos, Deus lhe envia o perdão e a renovação da vida” (Bíblia Pastoral, p. 971). A segunda nos trás:

A interpretação deste passo é embaraçada pela aparente desordem e pelo estado corrompido do texto. Parece que os vv. 7-8.10-11 dizem respeito ao castigo dos opressores de Israel, identificados com a “cidade fortificada” deste apocalipse (v. 10) Os vv. 6 e 9, que são uma promessa a Israel, cuja iniquidade está sendo expiada, poderiam estar preparando o oráculo de 12-13. (Bíblia de Jerusalém, p. 1293).

Donde podemos concluir, que também aqui, nada há de se referir a uma profecia.

Como falamos a respeito de que algumas passagens que não são propriamente uma profecia é necessário definirmos, mesmo a essa altura do nosso estudo, o que seja profecia.

Segundo o Dicionário Aurélio, profecia é: “Predição do futuro feita por um profeta; oráculo, vaticínio, presságio”. Já no Dicionário Prático, constante da Bíblia da Barsa, explicam:

Propriamente é o ato ou efeito de falar em nome de outrem. Assim Aarão é chamado, por Deus, o profeta de Moisés, por falar em nome deste (Ex 4,10-15; 7,1), mas, em geral, o nome de profeta é reservado ao que fala em nome de Deus. Hoje, porém, entende-se por profecia apenas a predição de algum acontecimento futuro, que depende da livre vontade de Deus ou do homem, e que, por conseguinte, só pode ser conhecida por divina revelação. Esta predição do futuro entrava nas profecias antigas apenas como prova de que o profeta era autêntico e que suas palavras, ordens ou conselhos provinham, de fato, de Deus, uma vez que só Deus pode conhecer o futuro. Com o decorrer do tempo, a palavra profecia passou a designar apenas esta parte da *profecia*.

As profecias podem ser: *condicionais*, por ex.: a cidade de Nínive teria sido destruída se seus habitantes não tivessem feito penitência à pregação de Jonas (Jon 3): *absolutas*, por ex.: Cristo predisse sua morte e ressurreição. As duas espécies de profecias podem ser encontradas no Antigo como em o Novo Testamento. As profecias que anunciam a vida de Cristo são chamadas *Messiânicas*. O livro de Isaías abunda em profecias messiânicas e, por esta razão, é algumas vezes chamado o *quinto evangelho*. O próprio Jesus, frequentemente, apelou para as profecias como prova de sua divindade e de sua missão divina: “Investigai as Escrituras... São elas que dão testemunho de mim” (Jo 5,39). (p. 221)

Para que as coisas fiquem claras, esclarecemos que todas as vezes que se diz de profecias a respeito de Jesus, estão dizendo das previsões que os profetas fizeram para o futuro; portanto, podemos concluir que são profecias absolutas.

### Profecias acrescidas pelo fanatismo cego

Passaremos agora para a análise de outras profecias atribuídas a Jesus. Elas não constam do Novo Testamento, as que constam já acabamos de levantar, são essas que o

fanatismo dos teólogos acrescenta às primeiras para aumentar o número delas, de maneira a impressionar os crentes, que em sua maioria não questionam absolutamente nada, aceitam tudo o que dizem. Em outras palavras, é produto de interpretações pessoais.

Faremos essa análise de forma diferente das que acabamos de ver, há pouco, sem citar o correspondente cumprimento, já que os textos são suficientes para a verificação que nos propomos, de um lado, e de outro, para não cansar o leitor mais do que o necessário.

### Nascido de Mulher

Gênesis 3,15: *"Porei ódio entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar"*.

Essa passagem não é uma profecia. Pelo contexto, trata-se de Deus falando a Eva sobre os castigos que ela deveria sofrer por ter "pecado". Veja que, se seguirmos esta mesma linha de pensamento, podemos dizer que ela se aplica a qualquer pessoa humana, já que, ao que nós sabemos, todos nós nascemos de mulher.

### Filho de Deus

Salmo 2,7: *"Vou publicar o decreto do Senhor: Disse-me o Senhor: 'Tu és meu filho, eu hoje te gerei'"*.

2 Samuel 7,12-16: *"Quando chegar o fim de teus dias e repousares com os teus pais, então suscitarei depois de ti a tua posteridade, aquele que sair de tuas entranhas, e firmarei o seu reino. Ele me construirá um templo, e firmarei para sempre o seu trono real. Eu serei para ele um pai e ele será para mim um filho. Se ele cometer alguma falta, castigá-lo-ei com vara de homens, e com açoites de homens, mas não lhe tirarei a minha graça, como a retirei de Saul, a quem afastarei de ti. Tua casa e teu reino estão estabelecidos para sempre diante de mim, e o teu trono está firme para sempre"*.

1 Crônicas 17,11-14: *"Quando teus dias se acabarem e tiveres ido juntar-te a teus pais, levantarei tua posteridade após ti, um de teus filhos, e firmarei seu reino. É ele que me construirá uma casa e firmarei seu trono para sempre. Serei para ele um pai, e ele será para mim um filho; e nunca retirarei dele o meu favor como retirei daquele que reinou antes de ti. Eu o estabelecerei na minha casa e no meu reino para sempre, e seu trono será firme por todos os séculos"*.

A respeito dos Salmos régios, explicam:

Há certo número de cânticos "régios" espalhados no Saltério e que pertencem a diversos gêneros literários. Há oráculos em favor do rei (SI 2 e 110), orações pelo rei (SI 20; 61; 72), uma ação de graças pelo rei (SI 21), orações do rei (SI 18; 28; 63; 101), um canto real de procissão (SI 132), um hino régio (SI 144). Seriam poemas antigos, datando da época monárquica e refletindo a linguagem e o cerimonial da corte. Teriam em vista um rei da época e os SI 2; 72; 110 podem ter sido salmos de entronização. O rei é chamado filho adotivo de Deus, seu reino será sem fim, seu poder se estenderá até os confins da terra; fará triunfar a paz e a justiça, será o salvador do povo. Tais expressões podem parecer extravagantes, mas não vão além do que os povos vizinhos diziam de seu soberano e do que Israel esperava do seu. Mas em Israel o rei recebe a unção, que faz dele o vassalo de Iahweh e seu representante na terra. Ele é o Ungido de Iahweh, em hebraico o "Messias", e esta relação religiosa estabelecida com Deus especifica a concepção israelita e a diferencia das do Egito ou da Mesopotâmia, não obstante o uso da fraseologia comum. O "messianismo régio", que começa com a profecia de Natã (2 Sm 7), exprime-se nos comentários que dão sobre ela os SI 89 e 132 e especialmente nos SI 2; 72 e 110. Eles mantinham o povo na esperança das promessas feitas à dinastia de Davi. Se se define o messianismo como a espera de rei futuro, de um último rei que haveria de trazer a salvação definitiva e que instauraria o reino de Deus sobre a terra, nenhum desses salmos seria propriamente "messiânico". Mas alguns destes antigos cânticos régios, continuando a ser utilizados depois da queda da monarquia e sendo incorporados no Saltério, talvez com retoques e adições, alimentaram a ideia de Messias individual, descendente de Davi. Esta esperança estava viva entre os judeus às vésperas do começo da nossa era e os cristãos viram sua realização em Cristo (título que significa Ungido em grego,

como Messias em hebraico)". (Bíblia de Jerusalém, p. 860).

Ora, isso também confirma o que dissemos anteriormente a respeito de que sempre esperavam um outro novo Messias, já que aquele que acreditavam ser naquele momento, não correspondia às expectativas que tinham a respeito de um messias libertador, e que colocasse o povo judeu em supremacia sobre os demais povos, já que se julgavam como sendo o "povo eleito" de Deus.

Explicam-nos que a expressão "*eu hoje te gerei*". É uma referência ao dia da coroação". (A Bíblia Anotada, p. 697).

Em 2 Samuel 7,12-16, encontramos a seguinte explicação: "*Eu serei para ele um pai: a saber, Salomão*". (Bíblia Ave Maria, p. 343). Assim, a pessoa de quem aqui se fala é Salomão, filho de Davi, portanto descendente de Davi, que se tornou rei dos Judeus. E, para reforçar, colocamos esta outra explicação:

Esta grande aliança que Deus, em graça, estabeleceu com Davi incluía as seguintes provisões: (1) Davi terá um filho que o sucederia e estabelecerá o seu reino, v.12; (2) esse filho (Salomão), e não Davi, construirá o templo, v. 13a; (3) o trono do reino de Salomão será estabelecido para sempre, v. 13b; (4) embora os pecados de Davi justificassem a disciplina, a *misericórdia* divina (heb., *hesed*) será eterna, vv. 14-15 a casa, o reino e o trono de Davi serão estabelecidos para sempre (v.16). (A Bíblia Anotada, p. 415)

Para a passagem 1 Crônicas 17,11-14, encontramos: "Para uma explicação acerca desta grande aliança feita por Deus com Davi, veja a nota sobre 2 Samuel 7,12-16". (A Bíblia Anotada, p. 548). É a explicação imediatamente anterior. Observar que os textos das duas passagens são idênticos.

A respeito deste assunto, podemos ainda acrescentar:

O Historiador Arnold Toynbee diz que foi no cristianismo Paulino que Jesus se tornou Deus Encarnado: em vida, ele explica, Jesus não poderia ter aceitado essa condição, uma vez que era Judeu. O estudioso diz que nas próprias escrituras cristãs, pelo menos, por duas vezes Jesus repudiou a sugestão de que fosse divino. Jesus era um rabino judeu e, como os demais rabinos de sua época, pode ter se denominado Filho de Javé, o que não deveria ser interpretado ao pé da letra, mas em sentido figurado". (SHOEREDER, 2002, p. 34) (grifo nosso).

Mais uma vez, provamos que interpretam a Bíblia às suas conveniências, já que ser denominado de Filho de Javé (Deus) não era algo aplicado somente a Jesus.

#### Filho de Abraão

Gênesis 12,2s: "*Farei de ti uma grande nação; eu te abençoarei e exaltarei o teu nome, e tu serás uma fonte de bênçãos. Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem; todas as famílias da terra serão benditas em ti*".

Gênesis 22,18: "*e todas as nações da terra desejarão ser benditas como ela, porque obedeceste à minha voz*".

A promessa que aqui se faz é para o patriarca Abraão, Deus promete que sua descendência se tornaria uma grande nação. Não se trata, portanto, de uma profecia a respeito de Jesus, como querem atribuir. Por outro lado, ao que a História registra, o povo judeu não se tornou uma grande nação, fracassando, assim, pelo visto, a promessa de Deus.

#### Filho de Isaac

Gênesis 21,12: "*Mas Deus disse-lhe: 'Não te preocupes com o menino e com a tua escrava. Faze tudo o que Sara te pedir, pois é de Isaac que nascerá a posteridade que terá o teu nome'*".

Prevalecem as explicações do item anterior, pois nesta passagem Deus continua

fazendo promessas a Abraão.

### Filho de Jacó

Gênesis 35,11: *"Deus disse-lhes 'Eu sou o Deus todo-poderoso. Sê fecundo e multiplica-te. De ti nascerão um povo e uma assembleia de povos; e de teus rins sairão reis'"*.

Números 24,17: *"Eu o vejo, mas não é para agora, percebo-o, mas não de perto: Um astro sai de Jacó, um cetro levanta-se de Israel, que fratura a cabeça de Moab, o crânio dessa raça guerreira"*.

Em Gênesis existe renovação da promessa feita por Deus a Abraão, agora na pessoa de seu neto Jacó.

Algumas Bíblias trazem "uma estrela" ao invés de um astro, para o versículo de Números, ao qual explicam: "A estrela no Oriente é sinal dos deuses e dos reis (Gn 49,1; Is 14,7). Aqui o oráculo se refere à vitória de Davi contra Moab (2 Sm 8,2)". (Bíblia Vozes, p. 185). De fato, a passagem só pode se referir a algo próximo, pois fala em fraturar a cabeça de Moab, o líder de uma raça guerreira.

### Da tribo de Judá

Gênesis 49,10: *"O cedro não se afastará de Judá nem o bastão de comando de entre seus pés até que venha o leão a quem prestarão obediência os povos"*.

Antes, é bom esclarecermos que esse texto está conforme a Bíblia Vozes, já que ele se encontra narrado de diversas maneiras em outras Bíblias. Mas, vejamos as explicações:

O texto é muito difícil e se prestou a muitas conjeturas. A tradução, *até que venha o leão*, resulta da leitura invertida do misterioso termo *siyloh*; lendo-se *halayis* (= leão), obtém-se um sentido que concorda com o contexto (v. 9). Teríamos aqui um caso de metátese, fenômeno que permite a compreensão de alguns textos difíceis da Bíblia. O v. 10 foi entendido em relação ao descendente principal de Judá, Davi (Nm 23, 24; 24, 9.17), e este enquanto figura do Messias (cf. Jo 9, 7). (Bíblia Vozes, p. 79).

Do que podemos concluir, que no texto é de Davi que se fala, não de Jesus.

### Descendente de Jessé

Isaías 11,1: *"Um renovo sairá do tronco de Jessé, e um rebento brotará de suas raízes"*.

A explicação para Isaías 11,1-9 é a seguinte:

Isaías projeta para o reinado de Ezequias o ideal utópico de uma sociedade que chegou à realização plena (cf. 6,13; 7,14 e em nota 8,23b-9,6). Esse reinado se fundará no total espírito de Javé (sete dons), que fará surgir uma sociedade alicerçada na justiça, produzindo paz e harmonia. (Bíblia Pastoral, p. 959.)

Até este ponto da explicação podemos ver claramente que não é a respeito de Jesus que se fala, mas de Ezequias, filho do rei Acáz. Mas, como já dissemos, sempre procuram levar essas passagens para a figura de Jesus, conforme podemos ver na sequência da explicação: "O Novo Testamento vê o cumprimento do oráculo na pessoa de Jesus (cf. Mt. 3,16); é a partir da ação dele que se constrói o mundo novo, onde todas as coisas se reconciliam (Ef 1, 10; Cl 1, 20)". (Bíblia Pastoral, p. 959).

### Filho de Davi

Jeremias 23,5: *"Dias virão – oráculo do Senhor – em que farei brotar de Davi um rebento justo que será rei e governará com sabedoria e exercerá na terra o direito e a equidade"*.

2 Samuel 7,16s: *"Tua casa e teu reino estão estabelecidos para sempre diante de mim,*

*e o teu trono está firme para sempre. Natã comunicou a Davi todas as palavras desta revelação”.*

Salmo 132,11 (131,11): *“O Senhor fez a Davi um juramento, de que não há de se retratar: ‘Colocarei em teu trono um descendente de tua raça’”.*

Vejamos o que se encontra como explicação para o texto de Jeremias:

O oráculo é, provavelmente, pós-exílio. Apresenta uma avaliação negativa dos reis de Judá, mostrando que a política deles foi a principal responsável pela queda de Jerusalém e pelo exílio. Os vv. 5-6 manifestam a esperança de um futuro rei justo, que governará o povo conforme a justiça e o direito. (Bíblia Pastoral, p. 1035).

Como a Bíblia Anotada faz, nesta passagem, uma referência a Zacarias 3,8, vejamos o que podemos encontrar como explicação para os capítulos 3 e 4:

A comunidade pós-exílica centrou suas esperanças de libertação em duas pessoas: Zorobabel e Josué. Zorobabel descendente de Davi, retomaria o poder civil, e Josué daria ao Templo a glória que ele teve na época de Salomão. Entretanto, o império persa viu nessa proposta política uma tentativa de rebelião e impediu que prosseguisse (talvez, por isso, Zorobabel tenha sido morto). Sem outra perspectiva, a comunidade judaica voltou as vistas unicamente para o lado religioso (Josué), com o consentimento dos persas. (Bíblia Pastoral, p. 1218).

Até aqui se tem a impressão que se fala a respeito de Zorobabel. Entretanto, se seguirmos até o versículo 6 do capítulo 23 de Jeremias, teremos: *“Sob seu reinado será salvo Judá, e viverá Israel em segurança. E eis o nome com que será chamado: JAVÉ-NOSSA-JUSTIÇA!”*. Na explicação para a palavra Javé-nossa-justiça, lemos: *“Nesta exclamação há, provavelmente, alusão ao nome do rei Sedecias que significa: Minha Justiça é Javé”*. (Bíblia Ave Maria, p. 1067).

Aqui encontramos outra pessoa como a possível referência nesta passagem. Veja, como é muito difícil, hoje em dia, saber exatamente o que um determinado texto está relatando, tornando as interpretações imprecisas, e muitas vezes, por isso mesmo, poderem ser aplicadas a quem quer que seja de nosso interesse.

Quanto à passagem do segundo livro de Samuel, é necessário entender em que contexto ela se encontra. Davi diz ao profeta Natã que deseja construir um Templo para Javé, ao que recebe a seguinte resposta, que iniciaremos a partir do versículo 11:

*“... Javé informa que vai fundar uma dinastia para você. E quando esgotar os seus dias e você repousar junto a seus antepassados, eu exaltarei a sua descendência depois de você, aquele que vai sair de você. E firmarei a realeza dele. Ele é que vai construir uma casa para o meu nome. E eu estabalecerei o trono real dele para sempre. Serei para ele um pai e ele será um filho para mim. Se ele falhar, eu o corrigirei com o bastão e chicote, como se costuma fazer. Mas eu não desistirei de ser fiel para com ele, como desisti de Saul, que tirei da frente de você”*. (2Sm 7,11-15)

A sequência é a passagem citada como profecia.

Para sabermos quem vai construir o Templo, teremos que recorrer a 1 Crônicas 22,7-10:

*“Davi falou a Salomão: ‘Meu filho, eu estava planejando construir um Templo para o nome de Javé, meu Deus. Acontece, porém, que me chegou uma mensagem de Javé, dizendo: ‘Você derramou muito sangue e fez guerras violentas. Você não construirá um Templo para o meu nome, porque derramou muito sangue sobre a terra em minha presença. Veja! Você terá um filho, que será homem pacífico. Vou fazê-lo viver em paz com todos os inimigos vizinhos. O nome dele será Salomão. No tempo dele, concederei paz e tranquilidade para Israel. É ele quem construirá um Templo para o meu nome. Para mim, ele será um filho; e para ele, eu serei um pai, e firmarei para sempre o trono do reinado dele sobre Israel’”*.



Assim na passagem 2 Samuel 7,16s é de Salomão, filho de Davi, de quem se fala, que se tornou Rei de Israel.

No Salmo 32,11, não se trata de profecia específica sobre alguém. Ela, inclusive, poderá ser aplicada a Salomão. Mas, pelo contexto, o que se pode ver é a ideia de que Deus deveria estabelecer uma dinastia real a Davi e seus descendentes, e não a uma pessoa específica. Veja como a sequência (v. 12) deixa isso muito claro: *“Se teus filhos guardarem minha aliança e os preceitos que eu lhes hei de ensinar, também os descendentes deles, para sempre, sentar-se-ão em teu trono”*.

#### Ele receberá presentes ao nascer

Salmo 72,10s (71,10s): *“Os reis de Társis e das Ilhas lhe trarão presentes, os reis da Arábia e de Sabá oferecer-lhe-ão seus dons. Todos os reis o hão de adorar, hão de servi-lo todas as nações”*.

Isaías 60,6: *“Serás invadida por uma multidão de camelos, pelos dromedários de Madiã e de Efá; virão todos de Sabá, trazendo ouro e incenso, e publicando os louvores do Senhor”*.

O Salmo 72, explicam: *“Salmo da realeza, augurando ao novo rei, no dia de sua entronização, justiça perfeita e paz imperturbável, êxito nas campanhas militares, especial solicitude pelos indefesos e muita prosperidade, da qual se beneficiarão todos os povos da terra”*. (Bíblia Vozes, p. 709). Mais uma explicação: *“Este salmo é uma oração feita por Salomão, para que o reinado seja caracterizado por justiça (vv. 1-4), paz (vv. 5-7), poder (vv.8-11), compaixão (vv. 12-15) e prosperidade (vv. 16-17)”*. (A Bíblia Anotada, p. 741). Não se trata de uma profecia.

Quanto ao capítulo 60 de Isaías, as explicações dadas são: *“Cântico que manifesta a esperança da total restauração de Jerusalém. Javé habita a cidade santa e, de todos os lados, vêm os judeus dispersos, os mercadores e os povos; o Templo é reconstruído, reina a paz, e a glória de Javé irradia-se por todo o universo”*. (Bíblia Pastoral, p. 1001-1002). O capítulo, portanto, trata da cidade de Jerusalém, e não de uma pessoa.

#### Presença eterna de Cristo

Miqueias 5,2: *“Por isso, (Deus) os deixará, até o tempo em que der à luz aquela que há de dar à luz. Então o resto de seus irmãos voltará para junto dos filhos de Israel”*.

Provérbio 8,22s: *“O Senhor me criou, como primícia de suas obras, desde o princípio, antes do começo da terra. Deste a eternidade fui formada, antes de suas obras dos tempos antigos”*.

Isaías 9,6s: *“O seu império será grande e a paz sem fim sobre o trono de Davi e em seu reino. Ele o firmará e o manterá pelo direito e pela justiça, desde agora e para sempre”*.

Sobre a narrativa de Miqueias, já falamos anteriormente, quando analisamos as profecias constantes do Novo Testamento. Lá concluímos que a pessoa em referência é a que iria libertar o povo judeu dos assírios, isso fica claro pelo versículo 5.

Explicam os versículos 22-36 de Provérbios:

É o ponto mais alto da reflexão dos sábios. A Sabedoria é a primeira criatura de Deus, uma espécie de arquiteto que o acompanhou e inspirou em toda a sua atividade criadora. Pode-se dizer, portanto, que ela é o sentido vital que Deus imprimiu a toda a criação. Observando o mundo e a história, a humanidade pode encontrá-la e tomar consciência dela, tomando-a como guia para a realização da vida. (Bíblia Pastoral, p. 841).

O que deixa bem claro que o texto citado se refere à Sabedoria e não a uma pessoa específica.

Serve aqui a explicação que colocamos quando analisamos Isaías 9, 1 nas profecias no Novo Testamento. Lá chegamos à conclusão que se fala de Ezequias, filho do rei Acáz. Para

confirmar vejamos o versículo 5: *"porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado; a soberania repousa sobre seus ombros, e ele se chama: Conselheiro admirável, Deus forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz"*. Observar que se diz "um menino nos nasceu", acontecimento presente e não para um futuro.

### Será chamado de Senhor

Salmo 110,1 (109,1): *"Eis o oráculo do Senhor que se dirige a meu senhor: 'Assenta-te à minha direita, até que eu faça de teus inimigos o escabelo de teus pés'"*.

Jeremias 23,6: *"Sob seu reinado será salvo Judá, e viverá Israel em segurança. E eis o seu nome com que será chamado: JAVÉ-NOSSA-JUSTIÇA!"*.

Explicação para os versículos 1-2 do Salmo 110: "Israel concebe a autoridade do rei como participação no governo de Deus, que defende dos inimigos o seu povo. Chamado para realizar a própria ação de Deus, deseja-se que o rei vença todos os inimigos". (Bíblia Pastoral, p. 795). Nada, portanto de profecia de que Jesus seja chamado de Senhor, apenas fruto de imaginação fértil.

Quanto à passagem de Jeremias 23,6 já falamos um pouco atrás na análise do versículo 5.

### Sacerdote eterno

Salmo 110,4 (109,4): *"O Senhor jurou e não se arrependerá: 'Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque'"*.

Zacarias 6,12s: *"E Ihes dirás: 'Assim fala o Senhor dos exércitos: Eis o homem, cujo nome é Gérmen; alguma coisa vai germinar de sua linhagem. Ele é que reconstruirá o templo do Senhor: usará insígnias reais e sentar-se-á como rei sobre o seu trono; terá um sacerdote à sua direita, e reinará perfeita paz entre eles'"*.

Um pouco atrás falamos do Salmo 110,1-2, agora seguindo as explicações dos versículos 3 e 4, temos: "O rei é considerado como filho adotivo de Deus (cf. Sl 2,7). O rei era também sacerdote-mediador. Jerusalém, de fato, tinha sido cidade governada por sacerdotes". (Bíblia Pastoral, p. 795). Mais uma vez situação da época não para o futuro.

Na passagem de Zacarias, para uma melhor compreensão, devemos colocar os versículos 9-11, sem isso o texto fica fora do contexto: *"A palavra do Senhor foi-me dirigida nestes termos: 'Vai e recebe a oferta da comunidade, os dons de Heldai, Tobias e Jedaia; vai hoje mesmo à casa de Josias, filho de Sofonias, pois dirigiram-se para lá de volta de Babilônia. Tomarás prata e ouro e farás uma coroa, que porás sobre a cabeça do sumo-sacerdote Josué, filho de Jasedec'"*, a partir daqui é que segue o versículo 12 e seguintes citados como profecia. Ora, pelo contexto é claro que se trata de Josué a pessoa a quem se refere a passagem.

### Ele julgará

Isaías 11,1-5: *"Um renovo sairá do tronco de Jessé, e um rebento brotará de suas raízes. Sobre ele repousará o Espírito do Senhor, Espírito de sabedoria e de entendimento, Espírito de prudência e de coragem, Espírito de ciência e de temor do Senhor. (Sua alegria se encontrará no temor do Senhor.) Ele não julgará pelas aparências, e não decidirá pelo que ouvir dizer; mas julgará os fracos com equidade, fará justiça aos pobres da terra, ferirá o homem impetuoso com uma sentença de sua boca, e com o sopro dos seus lábios fará morrer o ímpio. A justiça será como cinto de seus rins, e a lealdade circundará seus flancos"*.

Isaías 32,1: *"Eis que um rei reinará segundo a justiça, e os príncipes governarão com equidade"*.

Isaías 33,22: *"Porque o Senhor é nosso juiz, o Senhor é nosso legislador; o Senhor é nosso rei que nos salvará"*.

Conforme já falamos anteriormente, citando Isaías 11,1-9: "Isaías projeta para o reinado de Ezequias o ideal utópico de uma sociedade que chegou à realização plena". (Bíblia Pastoral, p. 959), não se trata de profecia a cerca de Jesus.

A passagem Isaías 32,1-5, tem a seguinte nota: "O projeto de um futuro rei que reina com justiça e traz prosperidade ao povo se assemelha a Is 9,1-6 e 11,1-9". (Bíblia Vozes, p. 918). Passagens sobre as quais já fizemos nossos comentários.

Referindo-se ao capítulo 33 de Isaías, dizem:

Este oráculo provavelmente foi pronunciado num momento imediatamente anterior à invasão de Senaquerib, quando de uma suposta embaixada de Ezequias, o qual teria oferecido ao rei assírio tributos para que não tomasse Jerusalém. O texto é complexo: após uma introdução (v. 1), há um salmo de súplica e confiança (vv. 2-6), uma lamentação (vv. 7-9) e um anúncio de restauração (vv. 17-24). Os vv. 14-16 mostram que a prática da verdade e da justiça é exigência básica para participação no culto (Sl 15). (Bíblia Pastoral, p. 975-976).

Por esse contexto, não se poderia aplicar essa profecia a Jesus. E especificamente quanto ao versículo 22, o termo Senhor aqui está sendo aplicado ao próprio Deus, como juiz de todos nós.

**Ele será rei**

*Salmo 2,6: "Sou eu, diz, quem me sagrei um rei em Sião, minha montanha é santa".*

*Jeremias 23,5: "Dias virão – oráculo do Senhor – em que farei brotar de Davi um rebento justo que será rei e governará com sabedoria e exercerá na terra o direito e a equidade".*

*Zacarias 9,9: "Exulta de alegria, filha de Sião, solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém; eis que vem a ti o teu rei, justo e vitorioso; ele é simples e vem montado num jumento, no potro de uma jumenta".*

O Salmo 2 se refere a:

Entronização de um rei da dinastia de Davi. A cena mostra o ideal de autoridade política, cuja função é tornar presente a ação do próprio Deus: defender o povo contra os inimigos e construir uma sociedade fundada na justiça e no direito". Durante a cerimônia, os reis dependentes já estão planejando um motim. Para aqueles que sustentam um regime de injustiça e opressão, o governo justo é como grilhão e jugo. Comprometido com a justiça, Javé defende a autoridade política justa, colocando-se contra os adversários dela. Deus adota o líder político justo como seu próprio filho. A função desse líder é tornar visível a presença e ação do Deus invisível. Implantando a justiça e direito, a autoridade política justa é amada pelo povo, e os justos gostariam que ela governasse o mundo inteiro. (Bíblia Pastoral, p. 672-673).

Assim, podemos concluir, pela enésima vez, que não se trata de uma pessoa específica.

Ficam tão perdidos em achar "profecias", que muitas vezes acabam citando uma mesma passagem para mais de uma profecia, como por exemplo, Jeremias 23, 5, que também é citada como sendo uma profecia de ser Jesus filho de Davi.

Na passagem de Zacarias 9,9, conforme já afirmamos anteriormente, nos comentários das profecias constantes do Novo Testamento, a pessoa em referência é Alexandre Magno.

**O Espírito do Senhor descansará Nele**

*Isaías 11,2: "Sobre ele repousará o Espírito do Senhor, Espírito de sabedoria e de entendimento, Espírito de prudência e de coragem, Espírito de Ciência e de temor do Senhor".*

*Isaías 42,1: "Eis meu Servo que eu amparo, meu eleito ao qual dou toda minha afeição, faço repousar sobre ele meu espírito, para que leve às nações a verdadeira religião".*

*Isaías 61,1s: "O Espírito do Senhor repousa sobre mim, porque o Senhor consagrou-me pela unção; enviou-me a levar a boa nova aos humildes, curar os corações doloridos,*

*anunciar aos cativos a liberdade”.*

Salmo 45,7 (44,7): *“Vosso trono, ó Deus, é eterno, de equidade é vosso cetro real”.*

Quando se disse sobre a profecia “Ele julgará”, citam Isaías 11,1-5, duplicando desta forma uma passagem para várias profecias, já que aqui citam Isaías 11,2. Em “Descendente de Jessé” explicamos de quem se trata nessa passagem.

A passagem Isaías 42,1 já foi explicada quando da análise do Novo Testamento.

Explicam o Salmo 45:

Este poema nupcial é dedicado ao rei para exaltar suas qualidades físicas, augurar-lhe a vitória no campo da batalha e um reinado de justiça e verdade. Na qualidade de Ungido, é ele o representante do Senhor na terra e, por sua função de exercer e promover a justiça, é intitulado “deus”. (Bíblia Vozes, p. 693).

Encontramos também:

Neste salmo real, composto para uma cerimônia de casamento, o salmista louva o rei (vv. 1-9), exorta (vv. 10-12) e descreve a noiva (vv. 13-15), pronunciando uma bênção (vv. 16-17). Os lírios. Talvez se tratasse de uma canção nupcial. (A Bíblia Anotada, pág. 725). A quem se dirigia este canto? Conforme alguns, este SI poderia ter sido canto profano para as núpcias de rei israelita, Salomão, Jeroboão II ou Acab (que desposou uma princesa de Tiro, 1Rs 16, 3). (Bíblia de Jerusalém, p. 909).

**O zelo da tua casa me devorará**

Salmo 69,9 (68,9): *“Tornei-me um estranho para meus irmãos, um desconhecido para os filhos de minha mãe”.*

Salmo 119,139 (118,139): *“O meu zelo me consome, pois meus adversários esquecem as tuas palavras”.*

Lemos a seguinte explicação para o Salmo 69: “Este lamento pode ser esboçado da seguinte maneira: o desespero de Davi durante a perseguição (vv. 1-12), seu desejo de punição (para seus inimigos) (vv. 13-28), e sua declaração de louvor (vv. 29-36)”. (A Bíblia Anotada, p. 739). Situação vivida por Davi, não uma profecia para o futuro.

E quanto ao Salmo 119:

Este longo salmo sapiencial tece intermináveis elogios à lei divina, revelada como norma de vida, no relacionamento do homem com Deus e com o próximo. Cada estrofe de oito versos – sete mais um significa suma perfeição – começa com outra letra, em ordem alfabética. Este artifício literário tem significado de plenitude: perfilando todas as letras do alfabeto, o salmista quer expressar, em todas as circunstâncias da vida, deste o início até o fim, seu amor e acatamento à lei divina, porque nela encontra o bem supremo, luz, alegria e conforto nas perseguições e no sofrimento. Oito sinônimos expressam a lei promulgada por Deus: leis, mandamentos, preceitos, decretos, prescrições, sentenças, promessas e palavras. Esses termos exprimem aquele aspecto da palavra de Deus que traz exigências concretas para a vivência da fé e se constitui em lei permanente para o povo eleito. De seu acatamento depende a eficácia da aliança divina, que se manifesta pelo cumprimento das promessas de Deus, feitas a Israel. No tempo em que Israel perdeu sua soberania política, especialmente quando não havia acesso à liturgia no templo, a piedade dos israelitas, para entrar em contato com Deus, concentrava-se no estudo da Lei e aplicava-se à meditação da palavra de Deus, nos escritos sobre os feitos e as mensagens do Senhor. Assim Israel descobria o sentido da vida e hauria força para permanecer fiel à sua fé. (Bíblia Vozes, p. 738).

Pelo conteúdo do salmo, percebemos claramente que também não se trata de uma profecia.

## Um mensageiro irá preparar o caminho

Isaías 40,3: *"Uma voz exclama: 'Abri no deserto um caminho para o Senhor, traçai reta na estepe uma pista para nosso Deus'"*.

Malaquias 3,1: *"Vou mandar o meu mensageiro para preparar o meu caminho. E imediatamente virá ao seu templo o Senhor que buscais, o anjo da aliança que desejais. Ei-lo que vem, diz o Senhor dos exércitos"*.

Vejam, primeiramente, as explicações sobre Isaías 40:

a) versículo 3: "Textos babilônicos falam em termos análogos de caminhos processionais ou triunfais preparados para o deus ou para o rei vitorioso. Trata-se aqui do caminho pelo qual Iahweh conduzirá seu povo através do deserto, em novo Êxodo" (Bíblia de Jerusalém, p. 1313);

b) versículos 3-4: "A volta do exílio terá a Deus como guia e se processará por excelentes estradas. O tema da volta do exílio como novo, maravilhoso êxodo, é frequente em Is 40-55, inspirando-se em Jr 31,2-3 e Ez 20,38-42. Os evangelhos sinóticos aplicam a passagem a João Batista precursor do Senhor (Mt 3,3; Jo 1,23)" (Bíblia Vozes, p. 924);

c) versículos 1-11: "Em pleno exílio, o profeta entrevê a alegria de Jerusalém ao saber que os exilados estão voltando. Terminou o tempo da escravidão e começa um *novo êxodo*. Javé caminha junto com o seu povo na ternura de um pastor que cuida do rebanho. É do fundo triste de uma escravidão sofrida que brota a esperança alegre e libertadora (cf. Ex. 3,7-9) (Bíblia Pastoral, p. 983).

Ora, por todas essas três explicações, percebemos que se trata de uma situação acontecida quando o povo judeu estava no exílio na Babilônia, portanto, não se refere a Jesus. O contexto histórico nos diz que a pessoa a quem se refere esta passagem é Ciro, rei da Pérsia, principalmente porque podemos confirmar isso em:

Isaías 44,28: *"Eu o que digo a Ciro: Você é o meu pastor, e realizará tudo o que eu quero. Eu digo a Jerusalém: 'Você será reconstruída'; e ao Templo: 'Você será reedificado desde os alicerces'"*; e

Isaías 45,1-7: *"Assim diz Javé a Ciro, o seu ungido, que ele tomou pela mão: Dobrarei as nações diante dele e desarmarei os reis; abrirei diante dele as portas, e os batentes não se fecharão. Eu mesmo vou na frente de você, aplainando as subidas; arrombo as portas de bronze e arrebento as trancas de ferro. Vou lhe entregar os tesouros escondidos e as riquezas encobertas, para que você fique sabendo que eu sou Javé, o Deus de Israel, que chama você pelo nome. Por causa de meu servo Jacó, e de Israel, meu escolhido, eu chamei você pelo nome e lhe dei um sobrenome, embora você não me conheça, para que fiquem sabendo, desde o nascer do sol até o poente, que fora de mim não existe nenhum outro. Eu sou Javé, e não existe outro: eu formo a luz e crio as trevas; sou o autor da paz e crio a desgraça. Eu. Javé faço todas essas coisas"*.

Sobre Malaquias podemos dizer que:

O livro supõe a existência do templo e de um culto organizado, o que nos situa em uma época posterior a Ageu e Zacarias. Mas a menção a abusos por parte dos sacerdotes e a desleixos no culto bem como á leviandade dos maridos que sem motivo abandonam suas esposas parece indicar uma época anterior à reforma de Neemias (445 a.C.). Nota-se, também, influência do Deuteronômio; enquanto que o escrito sacerdotal parece ainda não existir. Todos esses indícios nos levam a datar o livro na primeira metade do séc. V a.C., pelo ano 465 a.C. aproximadamente.

A mensagem de Malaquias dirige-se a uma comunidade profundamente decepcionada. As promessas de Zacarias e de Ageu não se tinham realizado. A era escatológica, tão esperada pela comunidade, não chegara. A desilusão levava o povo à indiferença religiosa. A fé em Deus vacilava. Mas o profeta apresenta a esta comunidade a certeza da realização do julgamento divino. Esse julgamento é inevitável, ele pode realizar-se a qualquer momento. A comunidade deve estar preparada para a vinda do "dia do Senhor". E a melhor

preparação é uma vida conforme as exigências cúllicas e éticas de Deus. (Bíblia Vozes, p. 1169).

Quanto à passagem de Malaquias 2,17-3,5, explicam:

O profeta responde aos membros da comunidade que, diante das desordens sociais e morais e da aparente prosperidade dos maus, punham em dúvida a própria justiça divina. No dia do juízo, precedido pelo seu mensageiro, Deus vai ajustar as contas com todos os pecadores (cf. 3,3-21). (Bíblia Vozes, p. 1171).

E especificamente quanto a Malaquias 3,1, encontramos: *“O mensageiro, ou o Anjo da aliança, é alguém que exerce no mundo uma missão em nome de Deus. No v. 23 o mensageiro é identificado com o profeta Elias. Jesus o identificará com João Batista (Mt 11,10)”. (Bíblia Vozes, p. 1171).*

Pelas desordens da época Malaquias prevê o “Dia do Senhor”, ou seja, o dia do juízo onde todos seriam julgados pelas coisas que andavam fazendo. Esse dia seria precedido por um mensageiro, que foi “identificado com o profeta Elias”.

Vejam os então o que Malaquias (3,23 ou 4,5-6) diz sobre Elias: *“Vou mandar-vos o profeta Elias, antes que tenha o grande e temível dia do Senhor, e ele converterá o coração dos pais para os filhos, e o coração dos filhos para os pais, de sorte que não ferirei mais de interdito a terra”.*

Diante desta profecia o povo judeu passou a esperar para o fim dos tempos (Dia do Senhor) a volta de Elias. A questão agora é saber se Elias voltou ou não. Em Mateus 17,10-13, lemos: *“Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: ‘O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?’ Jesus respondeu: ‘Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram. Fizeram com ele tudo o que quiseram. E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo’. Então os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista”.*

Veja bem, caro leitor, existe uma profecia dizendo que Elias deveria voltar, Jesus disse que Elias já veio e não o reconheceram, ao que os discípulos compreenderam que João Batista era o Elias que deveria vir. Aqui temos uma profecia absoluta que foi cumprida integralmente, entretanto aceitar isso significa ter que também aceitar a reencarnação. E como já o dissemos, sempre procuram interpretações que visem justificar seus dogmas, por isso essa passagem não é vista como uma prova da reencarnação, apelam dizendo que João Batista teve um “ministério” semelhante a Elias, apesar da clareza da passagem. Mas, pode alguém objetar que Jesus não disse que João Batista era o Elias, foram os discípulos que compreenderam, o que é bem diferente. Tudo bem. Poderíamos iniciar argumentando que, por várias vezes, Jesus demonstrou conhecer o pensamento íntimo das pessoas, e se não disse nada contra o que pensaram os discípulos, é porque concordou com a conclusão a que chegaram. Podemos demonstrar por outra passagem, já que não necessitamos do argumento anterior, em que é o próprio Jesus quem afirmará isso. Vejamos: *“E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. Quem tem ouvidos que ouça” (Mateus 11,14).*

Como são incoerentes, onde existe uma profecia clara, não a aceitam, onde não existe fabricam uma para justificar seus pensamentos. Normalmente agem como as pessoas que querem provar que Nostradamus profetizou alguma coisa. Depois de um fato consumado, procuram em suas centúrias algo que possa se encaixar àquele fato.

Sobre João Batista encontramos citadas duas profecias. Uma em Mt 3,3, que se refere a de Is 40,3 e outra em Mt 11,10 relacionada a Mt 3,1, entretanto elas aparecem em Mc 3,2 como se ambas fossem do profeta Isaías, fato inexplicável se acreditarmos que todos os evangelistas escreveram por inspiração divina.

### Seus Milagres

Isaías 35,5s: *“Então se abrirão os olhos do cego. E se desimpedirão os ouvidos dos surdos; então o coxo saltará como um cervo, e a língua do mudo dará gritos alegres. Porque águas jorrarão no deserto e torrentes, na estepe”.*

Os capítulos 34 a 35 de Isaías estão explicados da seguinte forma:

Estes capítulos, escritos no período pós-exílio, formam o assim chamado “Pequeno Apocalipse de Isaías”. O povo de Deus encontra-se dominado pelas nações e em situação bastante precária. Com imagens fortes, o texto anuncia o julgamento das nações opressoras e a restauração de Jerusalém, sinal de salvação numa terra nova e pacificada. (Bíblia Pastoral, p. 978).

O “pequeno apocalipse de Isaías” (cf. Is 24-27) descreve os combates definitivos do Senhor contra as nações, especialmente Edom, que culminam com a vitória de Israel em Jerusalém. (Bíblia Vozes, p. 920).

Seria, portanto um juízo final onde se restabeleceria a supremacia do povo judeu sobre todas as nações. Se isso se cumpriu com Jesus, por que o povo judeu não adquiriu essa supremacia, ocorreu justamente o contrário, já que ainda hoje é um povo sem pátria?

Mas, para um melhor entendimento, também é bom vermos os versículos anteriores ao citado, iniciando a partir do primeiro:

*“O deserto e a terra árida regozijar-se-ão. A estepe vai alegrar-se e florir. Como o lírio ela florirá, exultará de júbilo e gritará de alegria. A glória do Líbano lhe será dada, o esplendor do Carmelo e de Saron; será vista a glória do Senhor e a magnificência do nosso Deus. Fortificai as mãos desfalecidas, robustecei os joelhos vacilantes. Dizei àqueles que têm o coração perturbado; Tomai ânimo, não temais! Eis o vosso Deus! Ele vem executar a vingança. Eis que chega a retribuição de Deus: ele mesmo vem salvar-vos”.* (Is 35,1-4).

Seguindo agora os versículos 5 e 6, colocado como profecia e objeto dessa análise. Será que isso estaria referindo-se a Jesus, ou seria uma situação próxima a ser vivida após o exílio?

#### **Entrará de repente no Templo**

Malaquias 3,1: *“Vou mandar o meu mensageiro para preparar o meu caminho. E imediatamente virá ao seu templo o Senhor que buscais, o anjo da aliança que desejas”.*

Quando diziam sobre a profecia “Um mensageiro irá preparar seu caminho” citaram a passagem de Malaquias 3,1, assim desdobram essa mesma passagem, visando aumentar o número das profecias sobre Jesus, para impressionar os que lhes seguem na corrente religiosa que frequentam.

#### **A luz do mundo**

Isaías 49,6: *Disse-me: “Não basta que sejas meu servo para restaurar as tribos de Jacó e reconduzir os fugitivos de Israel; vou fazer de ti a luz das nações, para propagar minha salvação até os confins do mundo”.*

Isaías 60,3: *“As nações se encaminharão à tua luz, e os reis ao brilho de tua aurora”.*

Na passagem Isaías 49,6, a palavra “Servo” se aplica ao povo de Israel, conforme se pode verificar no versículo 3: *Disse-me “Tu és meu servo, Israel, em que me glorificarei”.* Os judeus vivendo no exílio na Babilônia esperavam que Deus os libertasse, como fizera antes quando estavam escravos no Egito, já que se consideravam o “povo eleito”. Desta forma o povo de Israel é que será a luz entre as nações. Isso também se pode confirmar em Isaías 60,3, a outra passagem citada.

Sobre Isaías 60:1, explicam: “Este capítulo descreve a glória de Jerusalém e Israel no reino milenar (inclui antevistas dessa glória vistas no retorno do exílio da Babilônia), tua... ti. Os pronomes referem-se a Jerusalém”. (A Bíblia Anotada, p. 911). Ora, o versículo três é continuação onde também o pronome tua deverá ser entendido com se referindo à Jerusalém. Neste versículo, a palavra *nações* obtém a seguinte interpretação: “o próprio Deus iluminará a nova Jerusalém que brilhará sobre o mundo”. (Bíblia Ave Maria, p. 1021). Iremos citar mais essa explicação para Isaías 60,1-62,12: “Estes capítulos formam um conjunto unitário, traçando um quadro colorido e luminoso da *futura glória de Jerusalém*, tema a ser retomado no fim do livro (66,7-22) e já desenvolvido em Is 54-55”. (Bíblia Vozes, p. 947). Todas as explicações fecham-se em que as passagens não se referem a coisas que aconteceriam, ou

mesmo sobre, Jesus.

### Falsa testemunha testemunhará contra ele

Salmo 35,11 (34,11): *“Surgiram apaixonadas testemunhas, interrogaram-me sobre faltas que ignoro”.*

Conforme já expusemos anteriormente, o Salmo 35 se refere ao próprio salmista, ou seja, a Davi. Ver sobre isso na análise das profecias no Novo Testamento.

### Ele estava ferido pelas nossas ofensas

Isaías 53,3: *“Era desprezado, era a escória da humanidade, homem das dores, experimentado nos sofrimentos; como aqueles, diante dos quais se cobre o rosto, era amaldiçoado e não fazíamos caso dele”.*

Zacarias 13,6: *“Se alguém me disser: ‘Que ferimentos são estes em tuas mãos?’ – ‘São ferimentos que recebi na casa de meus amigos’, responderá ele’.*

Quanto ao capítulo 53 de Isaías, já falamos anteriormente.

Quando analisamos o versículo 7, foi necessário para melhor compreensão, e para não fugir do contexto, colocar também o versículo 8, agora, pelas mesmas razões devemos ler o trecho de Zacarias 13 a partir do versículo 2:

*“Naquele dia – oráculo do Senhor, - exterminarei da terra até os nomes dos ídolos: não se falará mais deles; expulsarei os falsos profetas e todo o espírito impuro. Se alguém intentar ainda dar um oráculo, seu pai e sua mãe que o geraram repreendê-lo-ão: ‘Vais morrer, porque dizes mentiras em nome do Senhor’. E quando ele proferir os seus oráculos, eles mesmos, seu pai e sua mãe que o geraram, o transpassarão. Naquele dia os profetas terão vergonha de suas visões proféticas, e não mais se cobrirão com o manto de peles para mentir. Cada um dirá: ‘Não sou profeta, mas lavrador, e possuo terras desde a minha juventude’”. (Zc 13,2-5).*

Segue agora o texto em exame. Percebemos claramente que não se trata de Jesus, mas aos que ainda duvidarem acrescentamos:

Toda idolatria será desarraigada e toda a profecia falsa cessará. Em seu zelo de obedecer à lei de Deus, os pais entregarão à morte os próprios filhos que se envolverem com profecia falsa (v. 3: cf. Dt 13:6-10). Falsos profetas não vestirão *manto de pelos* (v. 4), que era a vestimenta comum dos verdadeiros profetas (cf. 2 Rs 1:8; Mt 3:4). Pelo contrário, fingirão ser fazendeiros (v. 5) e mentirão sobre *feridas* recebidas em transe alucinados (cf. 1 Rs 18:28), dizendo que teriam sido recebidas como castigo paterno ou resultado de brincadeiras de amigos. (A Bíblia Anotada, p. 1166).

E mais uma vez a título de curiosidade, vejamos esta passagem de Zacarias numa outra versão: *“Que são essas feridas em teu peito? ele responderá: ‘São as que recebi na casa dos meus amantes’”.* Veja as frases “feridas nas mãos” em relação à “feridas em teu peito”, e “na casa de meus amigos” com “na casa dos meus amantes”. Como os sentidos dessas frases não são exatamente os mesmos, induzem a interpretações equivocadas.

### Eles cuspirão na face dele e o golpearão

Isaías 50,6: *“Aos que me feriam, apresentei as espáduas, e as faces àqueles que me arrancavam a barba; não desviei o rosto dos ultrajes e dos escarros”.*

Miqueias 5,1 (ou 4,14): *“Agora, reúne tuas tropas, filha de guerreiros! Vieram e nos cercaram, ferem com uma vara a face do juiz de Israel”.*

Nos versículos 4-9 do livro de Isaías está o terceiro “cântico do Servo de Javé”, ver que anteriormente já falamos sobre esses cânticos e sobre a palavra Servo.

Muito interessante como apresentam passagens que não têm nada a ver com o que querem provar, aqui é o caso de Miqueias, já que “Juiz de Israel: O rei fantoche Zedequias, que foi levado cativo para Babilônia (2 Rs 24:17-25:7)” (A Bíblia Anotada, p. 1134), portanto



não diz respeito a Jesus como querem, mas a Zedequias.

#### **Ele será zombado**

Salmo 22,7s (21,7s): *"Eu, porém, sou um verme, não sou homem, opróbrio de todos e a abjeção da plebe. Todos os que me veem, zombam de mim".*

Quando da análise das profecias retiradas do Novo Testamento, já fizemos as considerações a respeito do Salmo 22. Mas poderemos ainda acrescentar as explicações que encontramos sobre os versículos 7-12: *"Ao sofrimento e abandono soma-se a marginalização. E Javé, não vai socorrer o marginalizado? Será que ele vai abandonar aqueles que lhe pertencem?"* (Bíblia Pastoral, p. 691). Isso nada mais é que uma súplica de um inocente perseguido, que, pelo contexto, se aplica ao próprio salmista.

#### **Eles perfurarão as mãos e os pés dele**

Salmo 22, 6 (21,16): *"Minha garganta está seca qual barro cozido, pega-se no paladar a minha língua; vós me reduzistes ao pó da morte."*

Zacarias 13,6: *"Se alguém me disser: 'Que ferimentos são estes em tuas mãos?' – 'São ferimentos que recebi na casa de meus amigos', responderá ele".*

O Salmo 22 está aqui novamente sendo utilizado para justificar uma profecia. Nada mais seria necessário acrescentar ao que já dizemos, mas poderemos ainda dizer que, ao que parece e, é claro, se fosse o caso, não seria o versículo 16 o que viria justificar o "Eles perfurarão as mãos e os pés dele", mas o versículo 17: *"Sim, rodeia-me uma malta de cães, cerca-me um bando de malfetores. Transpassaram minhas mãos e meus pés".*

A passagem de Zacarias já foi objeto de estudo, um pouco mais atrás, quando se falava a respeito da profecia "Ele estava ferido pelas nossas ofensas", portanto mais uma passagem sendo utilizada em mais de uma profecia.

#### **Pai perdoa-lhes eles não sabem o que fazem**

Isaías 53,12: *"Eis porque lhe darei parte com os grandes, e ele dividirá a presa com os poderosos, porque ele próprio deu sua vida, e deixou-se colocar entre os criminosos, tomando sobre si os pecados de muitos homens, e intercedendo pelos culpados".*

Salmo 109,4 (108,4): *"Em resposta ao meu afeto me acusaram, eu, porém, orava".*

O versículo 12 do capítulo 53 de Isaías já foi anteriormente objeto de comentários (ver pág. 6).

E com relação ao Salmo 109, podemos dizer que:

Neste salmo imprecatório (veja introdução), Davi clama a Deus por juízo divino contra seus falsos acusadores (vv. 1-5), especialmente contra uma pessoa a quem amaldiçoa fortemente (vv. 6-20); depois, pede a Deus libertação (vv. 21-25) e juízo (vv. 26-29), encerrando o salmo com um voto de louvor (vv. 30-31). (A Bíblia Anotada, p. 768).

Portanto, fica muito claro, que este salmo é sobre Davi e não a uma profecia sobre Jesus.

Por outro lado, o que se diz ser profecia *"Pai perdoa-lhes eles não sabem o que fazem"*, nada tem a ver com profecia, é apenas uma citação feita por Jesus.

#### **Rejeitado e desprezado pela sua nação**

Isaías 53,3: *"Era desprezado, era a escória da humanidade, homem das dores, experimentado nos sofrimentos; como aqueles, diante dos quais se cobre o rosto, era amaldiçoado e não fazíamos caso dele".*

Salmo 69,8 (68,8): *"Pois foi por vós que eu sofri afrontas, cobrindo-me o rosto de confusão".*

Salmo 118,22 (117,22): *"A pedra rejeitada pelos arquitetos, tornou-se pedra angular".*

Isaías 53, já o comentamos.

O Salmo 69, apesar de já termos falado, iremos repetir: “Este lamento pode ser esboçado da seguinte maneira: o desespero de Davi durante a perseguição (vv. 1-12), seu desejo de punição (para seus inimigos) (vv. 13-28) e sua declaração de louvor (vv. 29-36)”. (A Bíblia Anotada, pág. 739.). Ora, essa explicação não deixa dúvida alguma de que também neste salmo a figura central é Davi.

O Salmo 118 deve ser entendido conforme a explicação:

Canto solene de ação de graças, recitado alternadamente por um solista e pelo coro, durante a procissão ao templo para comemorar festivamente o dia da vitória de Deus sobre os inimigos de seu povo, libertado de um grande perigo nacional. Chegando à porta do santuário, a comitiva pede entrada, só franqueada aos justos, que conformam sua vida às exigências da lei divina. O motivo da exultação dos fiéis no templo é o amor de Deus, manifestado na eleição de Israel dentre todos os povos, para ser a pedra angular no edifício da salvação da humanidade. Os construtores do edifício da história humana excluíam dos conchavos da política internacional um povo tão insignificante como Israel, o qual, porém, seguindo os desígnios de Deus, ocupa o lugar central na vida espiritual dos povos, por ser a chave do processo de estabelecer o reino de Deus na terra e o veículo de transmissão dos desígnios salvíficos de Deus na história. (Bíblia Vozes, p. 737-738).

Assim, não resta dúvida de que a pedra angular é o povo de Israel, ninguém mais.

**Seus amigos ficaram vendo ao longe**

Salmos 38,11 (37,11): *“Amigos e companheiros fogem de minha chaga, e meus parentes permanecem de longe”*.

Pela Bíblia Anotada a palavra usada é **praga** e não **chaga**, tendo a explicação: “A palavra (praga) é usada para lepra, indicando que os amigos de Davi o evitavam como se ele fosse um leproso”. (A Bíblia Anotada, p. 720). Donde podemos concluir, que a passagem se refere ao próprio salmista Davi.

**As pessoas abanam as suas cabeças**

Salmo 109,25 (108,25): *“Fizeram-me objeto de escárnio, abanam a cabeça ao me ver”*.

Salmo 22,7 (21,7): *“Todos os que me veem, zombam de mim; dizem, meneando a cabeça”*.

Conforme também já falamos anteriormente sobre o Salmo 109, é relativo a Davi, que clama a Deus por um juízo divino contra seus falsos acusadores.

O Salmo 22 já foi usado para a “profecia” “Ele será zombado”, cujos comentários servem para o que poderíamos colocar aqui.

**As pessoas olham e fitam nele**

Salmos 22,17 (21,17): *“Poderia contar todos os meus ossos. Eles me olham e me observam com alegria”*.

Salmos 109,24s (108,24s): *“Vacilam-me os joelhos à força de jejuar, e meu corpo se define de magreza. Fizeram-me objeto de escárnio, abanam a cabeça ao me ver”*.

Prevalecem os comentários do item imediatamente anterior.

**Na minha sede me deram a beber vinagre**

Salmo 69,21 (68,21): *“Puseram fel no meu alimento, na minha sede deram-me vinagre a beber”*.

Também já comentamos sobre o Salmo 69, nada mais a acrescentar.

**Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?**

Salmo 22,1 (21,1): *“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes? E permanecéis longe de minhas súplicas e de meus gemidos?”*.

Explicam:

Neste Salmo de lamento, Davi expressa sua confiança em Deus (vv. 3-5, 9-10) a despeito de sua aparente rejeição por Ele (vv. 1-2) e pelos homens (vv. 6-8), pede ajuda e o livramento de Deus (vv. 11, 19-21) em face dos ataques dos inimigos (vv. 11-18), resolve confiadamente louvar a Deus (vv. 22, 25), convida outros a se unirem a ele no louvor (vv. 23, 26) porque Deus ouviu sua oração (v. 24), e prediz a futura adoração mundial ao Senhor (vv. 27-31). (A Bíblia Anotada, p. 708).

Ou seja, novamente se refere a Davi. Mas, completa a explicação especificamente para o versículo 1: *“Jesus citou esta primeira frase enquanto estava na Cruz”*. (A Bíblia Anotada, p. 708). Ora, citar um salmo não quer dizer que isso seja uma profecia.

**Nas tuas mãos encomendo o meu espírito**

Salmo 31,5 (30,5): *“Em tuas mãos entrego meu espírito; livrai-me, ó Senhor, Deus fiel”*.

Encontramos novamente Davi como sendo a personagem do Salmo, senão vejamos:

Neste salmo de lamento, Davi dirige primeiramente sua oração a Deus (vv. 1-8), lamenta sua angústia física e seu perigo (vv. 9-13), pede a Deus que o livre e silencie seus inimigos (vv. 14-18), louva a Deus por livrar os que Lhe pertencem (vv. 19-22), e exorta os piedosos a amarem ao Senhor e serem fortes (vv. 23-24). (A Bíblia Anotada, p. 714.).

**Perfuraram um lado dele**

Zacarias 12,10: *“Suscitarei sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém um espírito de boa vontade e de prece, e eles voltarão os seus olhos para mim. Farão lamentações sobre aquele que traspassaram, como se fosse um filho único; chorá-lo-ão amargamente como se chora um primogênito!”*.

Esta passagem de Zacarias nós já explicamos anteriormente, quando comentávamos as profecias contidas no Novo Testamento.

**Trevas sobre a Terra**

Amós 5,20: *“Sim, o dia do Senhor será de trevas e não claridade, escuridão, e não luz”*.

Amós 8,9: *“Acontecerá naquele dia – oráculo de Javé, que farei o sol se por ao meio-dia, e encherei a terra de trevas em pleno dia”*.

Zacarias 14,6: *“Naquele dia não haverá frio nem gelo”*.

Todas as passagens indicadas do livro de Amós estão relacionadas ao “Dia do Senhor”, para o qual encontramos a seguinte explicação:

O **dia do Senhor** (Jr 30,7; Jl 2,11; Sf 1,15) era visto como uma poderosa intervenção de Deus para dar a vitória a Israel sobre os inimigos. Israel, por ser povo eleito, achava-se no direito de receber tal socorro divino. Amós, porém, anuncia que este dia virá como punição para todos os pecadores, também israelitas. (Bíblia Vozes, p. 1132.).

Visto de outra forma:

O profeta vê no horizonte a potencial invasão do inimigo (a Assíria). A classe dominante de Israel se refugia na falsa segurança de ter Javé como aliado: para ela, quanto o inimigo invadir o país, Javé intervirá (“Dia de Javé”) em favor do seu povo, concedendo-lhe a vitória. Amós, porém, destrói essa falsa segurança. O partido do inimigo, comportando-se até como inimigo ainda maior daqueles

que exploram e oprimem o povo. (Bíblia Pastoral, p. 1185.).

E especificamente com relação a Amós 8,9-14: "O fim é iminente: a festa se transformará em luto e a alegria em gemido. Pior que isso, porém, é que Javé recusará falar a essa gente que não quis ouvi-lo. Desse modo, ficarão privados de conhecer o projeto de Deus e, por isso, nem sequer terão possibilidade de conversão". (Bíblia Pastoral, pág. 1187 ).Do que entendemos que o "dia do Senhor" estaria próximo não para o futuro, e muito menos com relação a Jesus.

Quanto a Zacarias 14, é interessante colocarmos também o versículo 7: "*Será um dia contínuo (conhecido somente do Senhor), e não haverá sucessão de dia e noite, e a noite será clara*". Veja bem, se será um dia contínuo e a noite será clara ocorrerá justamente o contrário do que querem demonstrar, ou seja, haverá luz e não trevas. Observar que o versículo 6 citado, por esta tradução, não fala em trevas. Em outras versões encontramos os versículos 6-7 da seguinte maneira: Nesse dia, não haverá luz, nem frio nem gelo. Será um único dia (Javé o conhece). Não haverá mais dia e noite, mas ao entardecer a luz brilhará. Onde se percebe que a mensagem não é exatamente igual.

Mas, vamos ver o que encontramos como explicação para o versículo 6: "Distúrbios cósmicos afetarão o dia e a noite quando o Cristo voltar (cf. At 2,19-20)". (A Bíblia Anotada, p. 1167). Veja, que o que para um é uma profecia acontecida com Jesus, outro diz que ela acontecerá quando Ele, Jesus, voltar. Isso tirado da mesma fonte. Pode?

#### Sua ascensão ao céu

Salmo 68,18 (67,18): "*Subindo nas alturas levastes os cativos; recebestes homens como tributos, aqueles que recusaram habitar com o Senhor Deus*".

Encontramos a seguinte explicação para os versículos 16-19: "A procissão chega ao Templo no monte Sião. É o momento de uma grande transformação histórica: com a monarquia de Davi e Salomão, Israel torna-se império, correndo o risco de se tornar um novo opressor". (Bíblia Pastoral, p. 741). Moral da história: subindo nas alturas, equivale dizer que subiram o monte Sião, só isso, nada de ascensão de Jesus ao céu.

#### Sentou-se à direita de Deus

Salmo 110,1 (109,1): "*Eis o oráculo do Senhor que se dirige a meu senhor: 'Assenta-te à minha direita, até que eu faça de seus inimigos o escabelo de teus pés'*".

Segundo informam o Salmo 110 é uma "oração pelo rei, talvez no dia da entronização ou em algum aniversário". (Bíblia Pastoral, p. 795). Mas, vejamos como explicam os versículos 1-2:

Israel concebe a autoridade do rei como participação no governo de Deus, que defende dos inimigos o seu povo. Chamado a realizar a própria ação de Deus, deseja-se que o rei vença todos os inimigos. (3). O rei é considerado como filho adotivo de Deus (cf. Sl 2, 7). (4): O rei era também sacerdote-mediador. Jerusalém, de fato, tinha sido cidade governada por sacerdotes.(5-7): Chamado a executar a própria ação de Deus, o rei goza do seu auxílio e proteção. O v. 7 alude talvez a um rito: o rei bebe da água sagrada e, por isso, pode levantar a cabeça com toda a confiança. (Bíblia Pastoral, p. 795).

Donde podemos concluir que não se trata de uma profecia, mas sim de algo que estava ocorrendo no momento, portanto não se refere a Jesus.

#### Destruição do Templo de Jerusalém

Daniel 9,25ss: "*Sabe, pois, e compreende isto: desde a declaração do decreto sobre a restauração de Jerusalém até um chefe ungido, haverá sete semanas; depois, durante sessenta e duas semanas, ressurgirá, será reconstruída com praças e muralhas. Nos tempos de aflição, depois dessas setenta e duas semanas, um Ungido será suprimido, e ninguém (será) a favor dele. A cidade e o santuário serão destruídos pelo povo de um chefe que virá. Seu fim (chegará) com a invasão, e até o fim haverá guerra e devastação decretada. Concluirá com muitos uma sólida aliança por uma semana e no*

*meio da semana fará cessar o sacrifício e a oblação; sobre a asa das abominações virá o devastador, até que a ruína decretada caia sobre o devastado”.*

Explicam:

Aqui se enumeram três períodos de duração desigual: o *primeiro período* de sete anos abrange o tempo desde a ruína de Jerusalém em 586 a.C. até a vinda dum ungido-chefe (Is 45,1?) e com ele o fim do exílio em 538 a.C., provavelmente o Sumo Sacerdote Josué que em 515 a.C. inaugurou o templo pós-exílico (Esd 6,15). O *segundo período* é muito longo, compreende 62 setênios ou 434 anos, quando Jerusalém, tanto dentro como fora, goza de relativa tranquilidade, mas sem excluir tempos difíceis. O *terceiro período* abrange os últimos sete anos, repartidos em dois espaços iguais: fala-se da eliminação dum ungido e duma grave profanação, referindo-se ao tempo da perseguição religiosa de Antioco IV. É pois o tempo crucial da prova derradeira e da libertação definitiva. (Bíblia Vozes, p. 1103-1104).

E quanto ao termo ungido eliminado (v. 26), dizem: *“O ungido eliminado parece ser o Sumo Sacerdote Onias III que foi deposto e mais tarde (171 AC) massacrado (11,22: 2Mc 41-6.30-38)”*. (Bíblia Vozes, p. 1104).

No versículo 27, explicam: *“na metade da semana: a partir do ano 167 a.C. o culto foi sustado no tempo durante três anos e alguns meses, sendo o tempo consagrado a Júpiter Olímpico (7, 25; 8,14; 12,11s; 1Mc 1,37; 2Mc 6,1s)”*. (Bíblia Vozes, p. 1104).

Assim, podemos concluir que se trata de situação que não diz respeito a Jesus, veja que até mesmo o próprio título que deram a essa “profecia” já induzia a essa conclusão. O que tem a ver a destruição do Templo de Jerusalém com a pessoa de Jesus?

Antes de terminar a análise das profecias que conseguimos levantar, recebemos de um amigo uma lista com seis profecias. Quatro delas já falamos no decorrer deste estudo, faltam, portanto duas. São elas:

1ª - Profecia: Provérbios 8:24-25: *“Antes de haver abismo, eu nasci e antes ainda de haver fontes carregadas de águas. Antes que os montes fossem firmados, antes de haver outeiros, eu nasci”*.

Cumprimento: *Colossenses 1:15 e João 1:14-15; 3:16: “Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação”*.

2ª - Profecia: Provérbios 8:29-30; Gênesis 1:26: *“quando fixava ao mar o seu limite, para que as águas não traspassassem os seus limites; quando compunha os fundamentos da terra; então eu estava com ele e era seu arquiteto, dia após dia, eu era as suas delícias, folgando perante ele em todo tempo”*.

Colocamos as duas juntas de propósitos, pois a justificativa deverá ser a mesma. Vejamos as explicações para os versículos 22-36:

É o ponto mais alto da reflexão dos sábios. A Sabedoria é a primeira criatura de Deus, uma espécie de arquiteto que o acompanhou e inspirou em toda a sua atividade criadora. Pode-se dizer, portanto, que ela é o sentido vital que Deus imprimiu a toda a criação. Observando o mundo e a história, a humanidade pode encontrá-la e tomar consciência dela, tomando-a como guia para a realização da vida. (Bíblia Pastoral, p. 840-841).

Aliás, todo o capítulo oito trata especificamente da Sabedoria, nada mais que isso. Não sendo, portanto uma profecia o seu conteúdo.

## Conclusão

O que se percebe, nessa análise das profecias, é que os hebreus, após a experiência de ser libertado da escravidão no Egito, e como se considerava o povo eleito, vivia numa eterna “lua de mel” com Deus, supondo que todas as vezes que ele estivesse subjogado por outros povos, Deus o libertaria novamente como já tinha feito através de Moisés. Dentro desse

pensamento, toda vez que se via subjugado, esperava um novo Messias libertador para fazer o que Moisés fez, até mesmo porque, segundo acreditavam, Deus teria prometido que faria surgir do meio do povo um profeta como ele. Só que essa promessa não se referia a um profeta específico, mas a todos os profetas que falavam em nome de Deus. Apesar disso, os teólogos preferiram atribuir tal passagem a Jesus.

Na *Bíblia de Jerusalém*, encontramos algo interessante na “Introdução aos Profetas”, sobre o pensamento do povo hebreu; vejamos:

Para estabelecer e governar seu reino na terra, o Rei Iahweh terá um representante, cuja unção o fará um vassalo seu: ele será o “ungido” de Iahweh, em hebraico seu “messias”. Foi um profeta, Natã, que, ao prometer a Davi a permanência da sua dinastia (2Sm 7), apresentou a primeira expressão deste messianismo régio, cujo eco reencontramos em certos Salmos. Entretanto, os fracassos e a má conduta da maioria dos sucessores de Davi pareciam desmentir esse messianismo “dinástico”, e a esperança concentrou-se num rei particular, cuja vinda era esperada para futuro próximo ou longínquo. É este salvador que vislumbram os profetas, sobretudo Isaías, mas também Miqueias e Jeremias. O Messias (podemos agora escrever com maiúsculas) será da estirpe davídica (Is 11,1; Jr 23,5 = 33,15) e sairá como ela de Belém de Éfrata (Mq 5,1). Receberá os mais magníficos títulos (Is 9,5), e o Espírito de Iahweh repousará sobre ele com todo o cortejo de seus dons (Is 11,1-5). Para Isaías, ele é Emmanuel, “Deus conosco” (Is 7,14); para Jeremias, Iahweh *çideqenu*, “Iahweh é nossa justiça” (Jr 23,6), dois nomes que resumem o puro ideal messiânico.

Esta esperança sobreviveu ao desmoronamento dos sonhos de dominação terrestre e à dura lição do Exílio, mas as perspectivas mudaram. Apesar das esperanças que por um momento Ageu e Zacarias colocaram no davídico Zorobabel, o messianismo régio sofreu um eclipse: nenhum descendente de Davi estava mais no trono e Israel estava submetido à dominação estrangeira. Ezequiel, sem dúvida, espera a vinda dum novo Davi, mas chama-o de “príncipe” e não de “rei”, e descreve-o antes como mediador e pastor do que como soberano poderoso (Ez 34,23-24; 37,24-25); Zacarias anunciará a vinda dum rei, mas ele será humilde e pacífico (Zc 9,9-10). Para o Segundo Isaías, o Ungido de Iahweh não é um rei davídico mas Ciro, rei da Pérsia, (Is 45,1), instrumento de Deus para a libertação do seu povo; mas o mesmo profeta coloca em cena outra figura da salvação, o Servo de Iahweh, que é o mestre do povo e a luz das nações, pregando com mansidão o direito de Deus; não terá projeção humana, será rejeitado pelos seus, mas alcançará a salvação deles ao preço de sua própria vida (Is 42,1-7; 49,1-9; 50,4-9 e principalmente 52,13-53-12). Enfim, Daniel vê chegar sobre as nuvens do céu um como que Filho de homem, que recebe de Deus o domínio sobre todos os povos, um reino que não passará (Dn 7). Houve, entretanto, uma reaparição da antiga corrente: nas vésperas da nossa era, a espera dum Messias régio estava largamente difundida, mas certos meios esperavam também um Messias sacerdotal, e outros um Messias transcendente. (Bíblia de Jerusalém, p. 1235-1236).

Bom, isso reafirma o que já dissemos a respeito do que pensavam e que sempre ficavam esperando um novo messias para libertá-los.

Quanto aos profetas em si, vejamos o que teólogo Han Küng, disse. Mas antes vejamos seus dados biográficos:

Nascido na Suíça em 1928, é padre católico romano desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen (1960-1996), onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Exerceu papel central na redação do documento final do Concílio Vaticano II (1962-1965), do qual foi consultor teológico. Marcou presença na Igreja, questionando as doutrinas tradicionais e a infalibilidade papal. Proibido em 1979 pelo Vaticano de atuar como teólogo católico, foi alvo de debate internacional. Nessa época foi nomeado pela universidade para a cadeira de teologia ecumênica. tarefa na qual se sente totalmente à vontade já que se dedica prioritariamente à união dos povos, das raças, das religiões, enfatizando o que há de comum entre eles, relativizando o que os separa. Atualmente mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Global em Tübingen.

Hans Küng é uma das figuras mais dignas de nota da teologia contemporânea. Dedicou-se ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras conceituadas em todo o mundo. (KÜNG, 2004, orelha contracapa).

Falando dos profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel, categoricamente afirma: “[...] Esses porta-vozes não pretendem anunciar um futuro distante, mas sim prescrever, repreender, examinar e advertir no presente”. (KÜNG, 2004, p. 194) (grifo nosso).

Por outro lado, verificamos que, surpreendentemente, a grande maioria das supostas profecias é tirada do livro de Isaías, entretanto cabe-nos, por respeito a você, caro leitor, fazer algumas considerações sobre este livro. Novamente, iremos recorrer à *Bíblia de Jerusalém* que coloca:

Gênio religioso tão grande, marcou profundamente sua época e fez escola. Suas palavras foram conservadas e sofreram acréscimos. O livro que traz o seu nome é o resultado de um longo processo de composição, impossível de reconstituir em todas as suas etapas. (...).

O livro recebeu acréscimos mais consideráveis ainda. Os caps. 40-55 não podem ser obra do profeta do século VIII. Não só nunca é mencionado aí o seu nome, mas também o contexto histórico é posterior cerca de dois séculos: Jerusalém foi tomada, o povo se acha cativo em Babilônia, **Ciro já está em cena e será o instrumento da libertação**. Sem dúvida, a onipotência divina poderia transportar um profeta a um futuro longínquo, retirá-lo do presente e alterar as imagens e seus pensamentos. Mas isso supõe o desdobramento dos contemporâneos – para os quais ele foi enviado – os quais não têm paralelo na Bíblia e são contrários à própria noção de profecia, a qual não faz intervir o futuro senão como ensinamento para o presente. Esses capítulos contêm a **pregação dum anônimo, continuador de Isaías e grande profeta, como ele, o qual, na falta de um nome melhor, chamamos de Dêutero-Isaías ou de Segundo Isaías**. Pregou em Babilônia entre as primeiras vitórias de **Ciro**, em 550 a.C. – que levam a adivinhar a ruína do império babilônico – e o edito libertador de 538, que permitiu os primeiros retornos. [...].

[...] Os oráculos dos caps. 1-39 eram geralmente ameaçadores e cheios de alusões aos acontecimentos dos reinados de Acáz e de Ezequias; os dos caps. 40-55 estão desligados deste contexto histórico e são consoladores. O julgamento cumpriu-se na ruína de Jerusalém, o tempo da restauração está próximo. Será uma renovação completa e este aspecto é sublimado pela importância dada ao tema de Deus criador, unido ao de Deus salvador. **Um novo êxodo, mais maravilhoso do que o primeiro, reconduzirá o povo a uma nova Jerusalém, mais bela que a primeira**. (...).

A última parte do livro (caps. 56-66) tem sido considerada como obra de outro profeta, denominado “Trito-Isaías”, Terceiro Isaías. Hoje, geralmente se reconhece que é uma coletânea diversificada. [...]. (*Bíblia de Jerusalém*, p. 1238-1239) (grifo nosso).

Veja bem; um livro é composto de várias coletâneas que não se sabe quem são realmente os autores; e ainda têm coragem de afirmar que é “inspirado por Deus”... Tudo que já dissemos antes vem se confirmar nesses textos que acabamos de colocar.

E para finalizar, queremos dizer que há muito tempo estávamos pensando em fazer esse estudo; chegamos a fazer o levantamento das profecias, pesquisamos na Internet para saber o que as outras correntes religiosas falavam sobre isso. Nesta busca encontramos um texto, que merece ser analisado, pois, como *“não existe nada de oculto que não venha a ser conhecido”* (Mt 10,26), a verdade acabará aparecendo. Quando isso acontecer os que advogam teses contrárias ficarão “num mato sem cachorro”, conforme o dito popular. Não terão nada em que se apoiar e ruirão por falta de base sólida. Assim, aos que ainda querem manter o povo na ignorância, que aguardem, pois seu dia chegará. É o que profetizamos.

Alguém poderá objetar dizendo que Jesus em várias oportunidades disse que estava cumprindo as profecias. Longe de nós contestar o que Jesus disse; entretanto, agora, ao final desse estudo, por não ter encontrado nenhuma profecia sobre Ele, ficamos com plena convicção de que é bem provável que atribuíram-Lhe certas palavras. Nada mais que isso. E, estamos com o Mahatma Gandhi, quando disse: **“Se todos os livros religiosos da**

humanidade pudessem e só se salvasse o Sermão da Montanha, nada estaria perdido". E, coincidência ou não, no Sermão da Montanha (Mt 5, 6 e 7) não existe nenhuma profecia a respeito de Jesus.

Creemos que o valor dos ensinamentos de Jesus está no sentido profundo e altamente moral, não por ter Ele vindo cumprir profecias. Nunca podemos negar o fato, de que Ele foi um enviado de Deus, como muitos outros também o foram, quer tenham sido profetas ou não. O que faz Ele diferente dos outros é que ele foi o maior de todos. Mas, apesar disso, Ele diz: *"Quem crê em mim fará as obras que faço e fará até maiores do que elas"* (Jo 14,12); o que deixa claro que, para Ele, todos nós somos iguais e podemos fazer as mesmas coisas, já que temos a mesma origem: Deus.

E aqui colocamos o pensamento de um teólogo, que vem justamente ao encontro do que observamos nesse estudo: *"Há neles uma clara tentativa de adaptar os detalhes da vida de Jesus às profecias do Antigo Testamento"*, comenta o teólogo Fernando Altemeyer Júnior, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, conforme nos informa a Revista Galileu Especial – Jesus e os mistérios que a Bíblia não explica.

Pensamento idêntico vamos encontrar em Borg e Crossan, que valerá a pena transcrevê-lo:

Nós vemos o relacionamento entre a Bíblia Judaica e o Novo Testamento de modo muito diferente dos principais estudiosos. A Bíblia Judaica era a escritura sagrada dos primeiros cristãos e muitos deles a conheciam bem, alguns por ouvi-la oralmente, outros por serem capazes de lê-la. Assim, enquanto contavam a história de Jesus, eles usavam linguagem da Bíblia judaica para fazê-lo.

Essa prática produziu o que chamamos de "profecia historicizada". Uma narrativa do passado (neste caso, da Bíblia judaica) é "historicizada" ao ser usada em uma narrativa subsequente (os evangelhos e o Novo Testamento). "Historicizar" aqui não torna algo histórico ou historicamente factual. Simplesmente significa usar uma passagem antiga em uma história mais nova na tentativa de ligar essa história mais nova à tradição anterior e lhe dar — credibilidade

Para ilustrar o processo, usamos dois exemplos de Mateus, o mestre da profecia "historicizada". Em sua história sobre a infância de Jesus, Este e sua família voltavam do Egito depois de terem fugido para lá escapando à perseguição de Herodes. Mateus disse que a volta deles cumpriu uma passagem do profeta Oseias: "Do Egito chamei meu filho (11:1)." Em Oseias, essa passagem refere-se ao êxodo. Fala do amor de Deus por Israel e as coisas que Deus fez por ele, em especial a libertação durante o êxodo — Deus está "chamando seu filho", Israel, "do Egito". Mateus pegou essa passagem e disse que ela referia-se a Deus chamando seu "filho" — Jesus — do Egito. Isso foi uma profecia historicizada: usar uma passagem do Velho Testamento para narrar uma história posterior.

Em um segundo exemplo, Mateus conta a história do suicídio de Judas, perto do fim de seu evangelho; ele "historiciza" uma passagem dos profetas ligando-a ao preço da traição de Jesus: trinta moedas de prata. Em 27:9, Mateus ecoa uma passagem de Zacarias 11:13 (erradamente atribuída a Jeremias), que se refere a trinta shekels de prata sendo devolvidos ao tesouro do templo.

Algumas vezes é difícil discernir se a "profecia historicizada" está sendo usada para comentar algo que aconteceu ou se está sendo usada para gerar uma narrativa ou um detalhe em uma narrativa. Mas esse discernimento não é nossa preocupação atual. O ponto a enfatizar é o uso de passagens da Bíblia judaica ao narrar a história de Jesus e sua *influência sobre a estrutura interpretativa do narrador*. (BORG e CROSSAN, 2007, p. 185-186).

Também podemos ver algo interessante em Tom Harpur, sobre a atitude de Mateus em querer ter tudo a respeito de Jesus como se fosse cumprimento de alguma profecia. Vejamos:

A técnica de Mateus de esquadrihar o Velho Testamento em busca de "profecias" adequadas para servir de suporte à sua narrativa empresta a esse Evangelho um sentido aparentemente de história judaica autêntica. Mas todo esse edifício desaba quando se percebe que essas supostas profecias



foram todas cumpridas no Velho Testamento e podem ser inteiramente explicadas sem nenhuma referência futura de espécie alguma. Com frequência, no Novo Testamento, elas foram tiradas do contexto e distorcidas a ponto de se tornarem irreconhecíveis. As profecias hebraicas, é preciso lembrar, não diziam respeito a predizer, profetizar, vaticinar, prognosticar, prenunciar, pressagiar, mas a projetar (isto é, estavam relacionadas com os problemas imediatos. (HARPUR, 2008, p. 167). (grifo nosso).

Diante de tudo isso, vemos como de necessidade urgente uma completa revisão nos conceitos teológicos tradicionais, para buscar a *"verdade que liberta"*, sob pena de causar, cada vez mais, incrédulos, conforme podemos comprovar no texto logo abaixo:

#### **Cristianismo: Uma História de Plágio e Profecias Arbitrárias<sup>4</sup>**

Autor: Ubiratan Castro

A base de toda a crença cristã está na Bíblia, livro adotado pelos cristãos como sendo a Palavra do Deus Vivo. E a existência do próprio deus cristão é comprovada (?) mediante argumentos bíblicos, em especial profecias, analisados em termos de verossimilhança ou probabilidades. Entretanto, a inconsistência das profecias está na arbitrariedade dos argumentos usados para sustentá-las, selecionados de modo a favorecer a posição teísta ou bíblica. E a história do cristianismo e do seu mito Jesus encontra vários paralelos em crenças e mitologias ainda mais antigas.

Os cristãos consideram espantoso e maravilhoso o fato que tantas profecias do Velho Testamento se tivessem cumprido de forma precisa e exata na vida de Jesus, porém não enxergam, não querem enxergar ou simplesmente desconsideram o caráter arbitrário dado a elas. Eles assumem que as profecias foram feitas e cumpridas, mas ao mesmo tempo não tem evidência real para apoiar essas suposições. Quando estes alegados cumprimentos de profecias são estudados nos seus contextos originais, vemos facilmente que a maior parte deles nada tinha que ver com as aplicações que os escritores do Novo Testamento lhes deram de forma arbitrária. Um exemplo excelente é o cumprimento da profecia sobre a matança das crianças inocentes promovidas por Herodes. Mateus 2: 16-18 diz o seguinte:

"Então Herodes, vendo-se iludido pelos magos, irritou-se muito e mandou matar todos os meninos de Belém, e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira os magos. ENTÃO CUMPRIU-SE O QUE FOI DITO PELO PROFETA JEREMIAS: Ouvia-se uma voz em Ramá, choro e grande lamentação, Raquel chorando por seus filhos, e recusando ser consolada, porque já não existem".

Para o cristão comum, esta é apenas mais uma das profecias cumpridas a respeito de Jesus. No tempo em que eu era evangélico, não poucas foram as vezes que ouvi a frase "todo o texto usado sem um contexto é um pretexto". E mesmo depois de ter me tornado ateu, muitas vezes esta frase foi a mim dirigida com o intuito de desmentirem meus argumentos antibíblicos. Agora é a minha vez de dar o troco. A profecia que Mateus afirma ter se cumprido está em Jeremias 31:15. No entanto, Jeremias 31:15 é uma declaração que no contexto original se referia aos judeus que tinham sido espalhados pelo estrangeiro durante a Diáspora. Jeremias referiu-se figurativamente a isto como Raquel chorando pelos seus filhos, mas no contexto da declaração, há uma promessa no versículo seguinte segundo a qual estes filhos "regressariam da terra do inimigo" (versículo 16). Portanto, é óbvio que Jeremias não estava de maneira nenhuma a falar de um massacre brutal de crianças judias, pelo que torcer a passagem e dar-lhe a aplicação que Mateus lhe deu só pode ser visto como um ato de desespero da parte de alguém que, não tendo qualquer evidência real do seu lado, tenta provar que este homem Jesus cumpriu as profecias judaicas sobre o vindouro Messias. Quando juntamos a isso a ausência total de referências em histórias seculares contemporâneas à matança dos inocentes por Herodes, temos uma boa razão para acreditar que nunca ocorreu este evento que Mateus alegou ser um cumprimento de profecia.

O cristianismo, além de apoiado em profecias fundamentadas em arbitrariedades, é baseado também em histórias de religiões ANTERIORES ao próprio cristianismo. Entre elas, vale a pena reparar na versão Hindu, pois é

<sup>4</sup> Fonte: <http://www.ubiratan.hpg.ig.com.br/artigo-historiacristianismo.htm>

espantosamente paralela à história de Mateus. Segundo a literatura Hindu, quando Krishna, a oitava encarnação do deus Vishnu, nasceu da virgem Devaki, ele foi visitado por homens sábios que haviam sido guiados até ele por uma estrela. Anjos também anunciaram o nascimento a pastores nos campos próximos. Quando o Rei Kansa soube do nascimento miraculoso desta criança, enviou homens para "matar todas as crianças nas localidades vizinhas", mas uma "voz celestial" segredou ao pai adotivo de Krishna e avisou-o para que tomasse a criança e fugisse através do rio Jumna.

Um estudo de mitologia pagã estabeleceria paralelos similares nas histórias de Zoroastro (Persa), Tammuz (Babilônica), Perseus e Adonis (Grego), Horus (Egípcia), Rômulo e Remo (Romana), Gautama (o fundador do Budismo), e muitas outras, pois vários elementos do mito da 'criança perigosa' podem ser observados nas histórias de todos estes deuses e profetas pagãos. Todos estes mitos são anteriores, geralmente muitos séculos, ao relato de Mateus sobre o massacre das crianças em Belém. Krishna, por exemplo, era um salvador Hindu que alegadamente viveu no sexto século A.C., portanto quando um estudo da literatura do mundo antigo mostra que um evento incomum como a matança dos inocentes parece ter ocorrido por todo o lado, pessoas razoáveis percebem que esse evento provavelmente não ocorreu em lugar nenhum, ou na melhor das hipóteses ocorreu apenas uma vez e depois foi plagiado. Como a história ocorre muitas vezes antes da versão de Mateus, só podemos concluir que tal evento não ocorreu em Belém como Mateus, E SOMENTE MATEUS, alegou.

Muitos outros alegados cumprimentos de profecias na vida de Jesus têm paralelos na mitologia antiga. Os milagres de Jesus haviam sido profetizados em Isaías 53:4-5, a sua crucificação no Salmo 22:16, a sua ressurreição no Salmo 16:10, e a sua ascensão no Salmo 68:18. Contudo, o exame destas passagens no seu contexto revela o mesmo problema citado acima no caso de Jeremias 31:15. As afirmações são notoriamente obscuras e só se tornam profecias através das alegações arbitrarias dos escritores do Novo Testamento, que as retiraram do contexto e as aplicaram a situações que os escritores originais não referiram. Portanto não há maneira de alguém estabelecer que estas "profecias" tenham sido originalmente feitas com a intenção de serem profecias. Tudo o que temos é a palavra não confirmada de escritores do Novo Testamento, dizendo que essas declarações foram feitas com a intenção de serem profecias, e isso não é uma base suficientemente boa sobre a qual se deva construir um argumento.

O Cristianismo não é a única religião que alega que o seu salvador realizou milagres, foi crucificado, foi ressuscitado dos mortos e ascendeu ao céu. Escritos Hindus atribuíram todas estas coisas a Krishna. De fato, as vidas de Jesus e Krishna, conforme relatadas nas respectivas literaturas dos seus seguidores, são tão espantosamente paralelas que pessoas razoáveis só podem concluir que os escritores do Novo Testamento tomaram de empréstimo muitas das suas ideias de uma mitologia do salvador que tinha evoluído muito antes do primeiro século. De fato, salvadores nascidos de virgens, crucificados e ressuscitados eram a coisa mais comum na mitologia pagã, e se isso não destrói os argumentos bíblicos (na medida em que se referem a cumprimento de profecias) nas mentes dos cristãos, então eles estão obviamente determinados a acreditar na extravagância do mito Cristão, independentemente de quão convincente possa ser a evidência em contrário.

Ainda assim, vamos supor que seja possível provar o cumprimento da profecia da matança das crianças inocentes, por exemplo. Deixo bem claro que esta não é a minha tarefa, mas de todos os cristãos que afirmam que o seu mito e as profecias que o sustentam são verdadeiras. Desta maneira, quem quisesse provar que a matança dos inocentes aconteceu e foi realmente profetizada por Jeremias teria de demonstrar ABSOLUTAMENTE, além de qualquer dúvida, que Jeremias pretendia que a declaração fosse uma profecia da matança dos inocentes por Herodes. Particularmente eu duvido que alguém consiga passar desta etapa, mas supondo que alguém consiga, mas vamos supor que alguém conseguira provar que Jeremias pretendia que a declaração fosse uma predição da matança das crianças em algum momento no futuro do profeta, tal pessoa ainda teria que provar DE FORMA ABSOLUTA que o massacre das crianças de Belém por Herodes pode ser estabelecido como fato histórico. A ausência total de qualquer referência a tal evento por qualquer outro escritor do Novo Testamento ou qualquer historiador secular contemporâneo a essa época torna isso uma tarefa impossível para qualquer um. Contudo, se um evento que

alegadamente é um cumprimento de profecia não pode ser estabelecido fatualmente, como é que uma pessoa que possua um mínimo de inteligência pode afirmar que foi um cumprimento de profecia?

Se provar que uma profecia a respeito de Jesus realmente aconteceu é algo impossível, o que dizer de uma série delas? Será que alguém é capaz de pegar as supostas profecias sobre o messias cristão e passar pelo mesmo processo? Isto significaria pegar as alegações proféticas sobre o nascimento virginal de Jesus, os milagres, a entrada triunfal, a traição, a crucificação, o tratamento durante a crucificação, a ressurreição, a ascensão e centenas de outros alegados cumprimentos proféticos e provar para cada uma delas que: (1) a intenção da declaração original era mesmo fazer uma profecia de algo que ocorreria na vida do Messias e que (2) o acontecimento profetizado ocorreu mesmo a Jesus. Alguém se habilita?

É possível de alguma forma que alguém estudasse as escrituras do Velho Testamento, interpretasse algumas passagens obscuras como profecias e depois escrevesse uma biografia de um personagem fictício de modo a fazer parecer que todas estas "profecias" tinham sido cumpridas na sua vida? De acordo com forma como a vida e as profecias a respeito de Jesus Cristo nos são apresentadas, é perfeitamente possível sim.

Portanto, o meu objetivo com este artigo é mostrar que estes alegados cumprimentos de profecias nunca aconteceram, que os escritores dos evangelhos limitaram-se a procurar no Velho Testamento declarações que podiam interpretar como profecias e depois escreveram as biografias do seu Messias de modo a fazer parecer que todas as profecias tinham sido maravilhosamente cumpridas. Mesmo que as ações de "cumprimento de profecias" tenham mesmo ocorrido, podiam ter sido feitas deliberadamente com o objetivo de dar ao pretense Messias a oportunidade de alegar que ele tinha de fato cumprido as profecias judaicas.

Com o desabafo desse ex-evangélico, queremos deixar bem claro que, a manter as coisas como estão, causaremos um prejuízo muito grande, pois estaremos, cada vez mais, dando origem a indivíduos que se dizem ateus. Observe que ele era um evangélico; é, pois, uma pessoa que estudou muito a Bíblia, o que nos leva a crer que todos os que a estudarem em profundidade e confrontarem suas conclusões com as orientações das suas respectivas lideranças religiosas, poderão acabar como ele, ou seja, mais um indivíduo no rol dos ateus.

Ora, um livro de inspiração divina nunca poderia levar pessoas ao ateísmo; se isso está ocorrendo é porque existe alguma coisa errada. O que está errado? Pensamos que os teólogos do passado, por mais sábios que pudessem ser, não possuíam uma visão holística dos fatos, sempre colocavam os textos bíblicos sob o seu estreito ponto de vista. E não há como negar que o homem avançou de maneira considerável, principalmente no campo das ciências. Isso vem provocando uma revisão completa nos conhecimentos do passado; só que ainda essa revisão não teve como alvo a teologia tradicional.

A humanidade, hoje, mais questionadora, e indubitavelmente mais exigente, não quer aceitar mais nada sem o crivo da razão e da lógica. E, quando resolver passar a Bíblia por esse crivo, as coisas irão complicar-se, já que a maioria das correntes religiosas tradicionais terá que modificar seus conceitos, sob pena de continuarem formando mais ateus que crentes. Desejamos, com tudo isso, fazer um urgente pedido de socorro: Vamos separar na Bíblia o joio do trigo para o próprio bem dela.

Agora, como reflexão final, colocaremos o complemento do pensamento de um Espírito que se identificou como Erasto:

Vale mais repelir dez verdades do que admitir uma só mentira, uma só falsa teoria. Com efeito, sobre essa teoria poderíeis edificar todo um sistema que desabaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento construído sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitais hoje certas verdades, porque não vos são demonstradas lógica e claramente, logo um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá delas vos afirmar a autenticidade. (KARDEC, 1993, p. 265-266).

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
 Novembro/2002.  
 (revisado fev/2011).

### **Bibliografia:**

- A Bíblia Anotada. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.  
 Bíblia Sagrada, 68ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1989.  
 Bíblia Sagrada, 14ª imp. São Paulo: Sociedade Bíblia Católica Internacional e Paulus, 1995.  
 Bíblia Sagrada, 37ª ed. São Paulo: Paulinas, 1980.  
 Bíblia Sagrada, 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.  
 Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.  
 Novo Testamento, LEB. São Paulo: Loyola, 1984.  
 Revista Galileu Especial, nº 2, Cristianismo: Jesus e os mistérios que a Bíblia não explica, julho/2003, Editora Globo.  
 Revista Vida e Obra de Jesus Cristo, nº 3, Mythos Editora.  
 ARIAS, J. *Jesus esse grande desconhecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.  
 ARMSTRONG, K. *A Bíblia: uma biografia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.  
 BORG, M. J. e CROSSAN, J. D. *A última semana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.  
 CAMPBELL, J. *As máscaras de Deus – Mitologia oriental*. São Paulo: Palas Athane, 1995.  
 CARPENTER, E. *Religiões pagãs e cristãs: origens e significados*. São Paulo: Tahyu, 2008.  
 CASSANO, Richard Russell. O paralelismo com Osiris: sugestões do imaginário cristão em artefatos egípcios antigos, p. 29, in. KENYON, J. D. (org). *O que a Bíblia Não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião oriental*. São Paulo: Pensamento, 2008, p. 29-36.  
 CAVALCANTE, R. Quem foi Jesus? In *Revista Superinteressante*, Edição 183. São Paulo: Abril, dezembro 2002, p. 40-49.  
 EHRMAN, B. D. *O problema com Deus*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.  
 HARPUR, T. *O Cristo dos pagãos: a sabedoria antiga e o significado espiritual da Bíblia e da história de Jesus*. São Paulo: Pensamento, 2008.  
 HARRIS, S. *A morte da fé: religião, terror e o futuro da razão*. São Paulo: Cia das Letras, 2009  
 KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Araras, SP: IDE, 1993.  
 KENYON, J. D. (org). *O que a Bíblia Não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião oriental*. São Paulo: Pensamento, 2008,  
 KRAMER, S. N. *Mesopotâmia, o berço da civilização*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.  
 KÜNG, H. *Religiões do Mundo - Em Busca dos Pontos Comuns* Campinas, SP: Verus, 2004.  
 LENTSMAN, J. A. *A origem do cristianismo*. São Paulo: Fulgor, 1963.  
 PAGELS, E. *Além de toda crença: o evangelho desconhecido de Tomé*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.  
 SILVA, S. C. *Analisando as Traduções Bíblicas*. João Pessoa: Ideia, 2001.  
 TABOR, J. D. *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.  
 VERMES, G. *O autêntico Evangelho de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006.